

**REVISTA DE ARTETERAPIA DA AATESP
V FÓRUM PAULISTA DE ARTETERAPIA**



Imagem: Silvio Alvarez

REVISTA de ARTETERAPIA da AATESP

Publicação: Associação de Arteterapia do Estado de São Paulo

APRESENTAÇÃO

A Revista Arteterapia da AATESP é uma publicação científica da Associação de Arteterapia do Estado de São Paulo, disponível no formato CD-ROM e também passível de acesso por meio do site da AATESP – www.aatesp.com.br/artigos.htm. Foi iniciada no ano de 2010 com o intuito de acolher as produções advindas dos associados e demais autores interessados na difusão e aprofundamento do conhecimento na área de Arteterapia, com periodicidade semestral.

LINHA EDITORIAL

A Revista Arteterapia da AATESP tem como objetivo publicar trabalhos que contribuam para o desenvolvimento do conhecimento no campo da Arteterapia e áreas afins. Busca incentivar a pesquisa e reflexão, de cunho teórico ou prático, acerca da inserção da Arteterapia e de seus recursos nos diversos contextos na atualidade, contribuindo para o aprofundamento da compreensão sobre o ser humano, a Arteterapia e suas relações.

GRUPO EDITORIAL

Contato: textos.aatesp@gmail.com

Editora:

Dra. Maíra Bonafé Sei – UEL/AATESP

Conselho Editorial:

Ms. Deolinda Maria da Costa Florim Fabietti – AATESP

Ms. Margaret Rose Bateman Pela – AATESP

Conselho Consultivo:

Dra. Ana Cláudia Afonso Valladares – ABCA – FEN-UFG

Ms. Artemisa de Andrade e Santos – UFRN/ASPOART

Dra. Barbara Elisabeth Neubarth – Secretaria da Saúde do Estado do Rio Grande do Sul/AATERGS

Ms. Claudia Regina Teixeira Colagrande – AATESP

Dra. Cristina Dias Allessandrini – Alquimy Art

Dra. Irene Gaeta Arcuri – UNIP

Ms. Lídia Lacava – ISAL / Instituto Sedes Sapientiae

Esp. Lucivone Carpintero – ASBART

Ms. Mailde Jerônimo Trípoli – CEFAS-Campinas

Dra. Maria de Betânia Paes Norgren – Instituto Sedes Sapientiae

Esp. Mônica Guttman – Instituto Sedes Sapientiae

Dra. Patrícia Pinna Bernardo – UNIP

Ms. Sandro Leite – FMU

Dra. Selma Ciornai – Instituto Sedes Sapientiae

Dra. Sonia Maria Bufarah Tommasi – Arte sem Fronteiras/Faculdade Avantis

Dra. Tatiana Fecchio da Cunha Gonçalves – Escola Castanheiras

Capa, Diagramação, Editoração e Revisão de Texto

Deolinda Maria da Costa Florim Fabietti

Maíra Bonafé Sei

Margaret Rose Bateman Pela

Ressalva

Os artigos são de responsabilidade exclusiva dos autores e as opiniões e julgamentos neles contidos não expressam necessariamente o pensamento dos Editores ou Conselho Editorial. Citação parcial permitida, com referência à fonte.



REVISTA de ARTETERAPIA da AATESP

Publicação: Associação de Arteterapia do Estado de São Paulo

ASSOCIAÇÃO DE ARTETERAPIA DO ESTADO DE SÃO PAULO

Diretoria – Gestão 2015-2016

Diretora Gerente

Deolinda M.C. Florinda Fabiatti

Diretora 1ª. Secretária

Ana Carmen Franco Nogueira

Diretora 2ª. Secretária

Cássia Regina de Toledo Rando

Diretora 1ª. Tesoureira

Tania Cristina Freire

Diretora 2ª Tesoureira

Regina Maria Fiorezzi Hardt Chiesa

1ª. Diretora Adjunta

Leila Nazareth

2ª. Diretora Adjunta

Regina Maria Fiorezzi Hardt Chiesa

Conselho Fiscal

Paola Vieitas Vergueiro

Lidia Lacava

Ana Alice Nabas Francisquetti

Zilia Nazarian

SUMÁRIO

Editorial

FRUTOS DO V FÓRUM PAULISTA DE ARTETERAPIA	01
Deolinda M.C. Florinda Fabietti	
Maíra Bonafé Sei	

Artigos Originais

ARTETERAPIA, SAÚDE E O RESGATE DO HUMANO EM TODOS NÓS	02
Selma Ciornai	
Maria Betânia Paes Norgren	
ARTETERAPIA E DEPRESSÃO EM IDOSOS	11
Eliana Cecília Ciasca	
ARTETERAPIA INSTITUCIONAL: AMPLIANDO AS FRONTEIRAS DAS TRANSFORMAÇÕES	27
Maria Angela Gaspari	
‘ARTENGENHARIA’: UMA PONTE TRANSDISCIPLINAR PARA O DESENVOLVIMENTO DO POTENCIAL HUMANO	45
Ana Alice Trubbianelli	
A PESQUISA E AS PUBLICAÇÕES EM ARTETERAPIA NO CENÁRIO NACIONAL	68
Maíra Bonafé Sei	
COM TEMPO: CRIAR-TE - A ARTETERAPIA REFLETINDO SOBRE TEMPO NA COMPLEXIDADE DO MUNDO CONTEMPORÂNEO	83
Dilaina Paula dos Santos	
CONSIDERAÇÕES SOBRE ARTETERAPIA NA CONTEMPORANEIDADE E SAÚDE MENTAL	98
Sandro J. S. Leite	
Sonia Bufarah Tommasi	
INSTRUMENTOS CLÍNICOS: MANDALAS & DESENHO ESTÓRIA	105
Irene Gaeta	
O VOO DERRADEIRO DE VAN GOGH: UM RECORTE NA OBRA DE VAN GOGH	119
Antonio Sidney Francisco	
UMA PAUSA PARA RESPIRAR: A PARTICIPAÇÃO DO PROFISSIONAL DE SAÚDE EM UM PROCESSO DE ARTETERAPIA	136
Oneide Regina Depret	
Circéa Amália Ribeiro	
Resenha	
ARTETERAPIA PARA TODOS	158
Eneas Carlos Pereira	
Normas para Publicação	160

Editorial

FRUTOS DO V FÓRUM PAULISTA DE ARTETERAPIA

Deolinda M.C. Florinda Fabiatti

Maíra Bonafé Sei

É com imensa alegria que estamos lançando esse número especial da Revista Eletrônica de Arteterapia da AATESP. Ela é o resultado de nosso empenho e trabalho em preparar e realizar o V FÓRUM PAULISTA DE ARTETERAPIA .

Tivemos a oportunidade de ouvir em cada mesa, composta por um coordenador e dois convidados, um tema específico: Arteterapia na promoção da saúde, Arteterapia na preservação da saúde, Arteterapia e a transdisciplinariedade, Arteterapia na Educação, Arteterapia e o Atelier terapêutico.

Os trabalhos apresentados aqui transformados em artigos foram revisados por pareceristas, que atuaram como coordenadores de mesas durante do V Fórum Paulista de Arteterapia, respeitando a proposta deste periódico de publicar textos que tenham sido avaliados por profissionais da área de Arteterapia. Busca-se, com esta opção de publicar o material apresentado no referido evento, ampliar a disseminação do conhecimento construído e apresentado, fomentando a qualificação desta área do conhecimento.

Em nome de nossa diretoria, queremos agradecer aos autores por esse rico material, que certamente aprofundará nossa reflexão acerca da Arteterapia na complexidade do mundo moderno.

Boa leitura a todos!

Artigo Original

ARTETERAPIA, SAÚDE E O RESGATE DO HUMANO EM TODOS NÓS¹

ART THERAPY, HEALTH AND THE REDEEMING OF HUMANESS IN ALL OF US

Selma Ciornai²

Maria Betânia Paes Norgren³

Resumo: Este artigo aborda a complexidade do mundo contemporâneo, sua “realidade líquida” e a desconexão com a sensibilidade que traz, colocando a formação em Arteterapia como um caminho para possíveis transformações na vida e o resgate do humano em todos nós.

Palavras-chave: Contemporaneidade; Formação em Arteterapia; Arteterapia.

Abstract: This article discusses the complexity of the contemporary world, its “liquid reality” and the disconnection with sensitivity it brings, putting training in art therapy as a path for possible transformations in life and the redeeming of humanness in all of us.

¹ Este texto é uma junção das apresentações que nós, Selma Ciornai e M. Betânia Paes Norgren, fizemos na Jornada Paulista de Arteterapia. Selma com a apresentação que intitula este artigo, na mesa “Arteterapia na Promoção de Saúde” e Betânia na mesa de abertura “Arteterapia na complexidade do Mundo Contemporâneo”.

² Psicóloga, Mestre em Arteterapia pela California State University, Doutora em Psicologia Clínica pela Saybrook University, EUA (título validado pela USP), Gestalt-terapeuta. Fundadora, co-cordenadora acadêmica, professora e supervisora dos cursos de Especialização em Arteterapia do Inst. Sedes Sapientiae e do Inst da Família, POA. Membro honorário da UBAAT – União Brasileira das Associações de Arteterapia. Organizadora e co-autora da série “ Percursos em Arteterapia”. Atua a mais de 30 anos como psicoterapeuta em SP, integrando Arteterapia no trabalho psicoterápico com adultos, casais e grupos. Contato: Depto de Arteterapia, Instituto Sedes Sapientiae. R. Ministro de Godoy, 1484; Telefones: (11) 3873.5956/ (11) 38662730. Email: sciornai@terra.com.br; arteterapia@sedes.org.br

³ Psicóloga, mestre e doutora em Psicologia Clínica pela PUC-SP. Especialista em Arteterapia pelo Instituto Sedes Sapientiae. Co-cordenadora acadêmica, professora e supervisora do curso de especialização em Arteterapia desse mesmo instituto. Trabalha em clínica há mais de 30 anos, atendendo crianças, adolescentes e suas famílias em psicoterapia e orientação. Sócia do DaquiPraFrente – assessoria em qualidade de vida e desenvolvimento humano, desenvolve atividades de cunho social e promoção de saúde em creches, escolas, grupos de jovens e casais. Contato: Depto de Arteterapia, Instituto Sedes Sapientiae. R. Ministro de Godoy, 1484 tel. (11) 3082.1973; (11) 3866-2730. E-mail: norgren@uol.com.br; arteterapia@sedes.org.br

Key words: Contemporaneity, Training in Art Therapy, Art Therapy.

Vivemos hoje em dia cada vez mais distanciados do sensível. Segundo Zigmund Bauman (2001, 2004, 2007) vivemos uma “realidade líquida” em que notícias sobre violência – tanto física como moral (contra seres humanos, animais, natureza e nosso próprio planeta), a desigualdade social e a miséria, crescem em escalada assustadora, mas aparecem e desaparecem na velocidade de um minuto de nossas TVs, jornais, celulares, computadores. Para Bauman, a realidade líquida do mundo contemporâneo nos impõe um universo de desconexão.

Não temos tempo ou espaço, tanto interno como coletivo, para processar as notícias que nos chegam a cada dia. Refugiados da Síria chegando e morrendo nas praias da Europa, crianças esqueléticas na África, assassinatos e decapitações no Iraque, terremotos no Chile, inundações, carestia e corrupção desmedida no Brasil etc, ganham o mesmo espaço na mídia que notícias sobre a vida de artistas, produtos anunciados ou a revisão do tempo. Tudo aparece e desaparece de nossos olhos com a rapidez de um “click”.

Abalroados em nossa sensibilidade, nos desconectamos dos outros e de nós mesmos como recurso de sobrevivência. Afastamo-nos cada vez mais da possibilidade de contatos mais íntimos, sensíveis e humanos. Nossa reação às notícias que nos chegam, ao sofrimento de muitos, à violência contra pessoas, animais e a natureza do próprio planeta em que vivemos - cada vez mais violentada, se mescla a uma sensação generalizada de impotência e passa assim que a próxima notícia nos aparece na TV. Não temos muito tempo, espaço interno nem paciência para os demais, muito menos, disposição e coragem para fazer algo.

Ao mesmo tempo, sofremos sobretudo de solidão e ansiedade, frente à indiferença do mundo.

Nos consultórios e grupos terapêuticos, cada vez mais chegam pessoas sofrendo, precisando de ajuda. Vemos, com frequência:

1) **A síndrome da incerteza** - como sobreviver no mundo atual? Que parâmetros escolher como norte em um mundo em ritmo de transformações tão avassaladoras?

2) **A síndrome do medo** – pela nossa própria sobrevivência física e emocional.

2) **A síndrome da solidão** -- Cruzamos dezenas de pessoas por dia, no trabalho, na família, nos diversos contextos em que circulamos, em contatos marcados frequentemente por intolerância, irritação e competitividade. Muitas vezes, estamos conectados a dezenas de pessoas, temos muitos amigos virtuais, mas continuamos a nos sentir sós.

3) **A síndrome da dessensibilização** - em relação a nós próprios, à dor do outro e à realidade que nos circunda.

4) **A síndrome da indiferença e do desencantamento em relação ao mundo** -- As pessoas se queixam de falta de horizontes e de esperança, não se sentem capazes de lidar com as grandes problemáticas que se apresentam

5) **A síndrome da ansiedade generalizada.**

A pessoa que procura a terapia o faz porque deseja mudar. Sente-se muitas vezes, infeliz, confusa, sem horizontes claros. Quer compreender melhor o que está confuso, ter clareza sobre suas dificuldades, superar velhas travas e bloqueios, criar novos recursos e descortinar novos caminhos. Mas não dá conta de fazer isto sozinha. Sente necessidade de ser acompanhada, necessita ser vista, escutada, acolhida, confirmada em sua existência e em seu percurso.

O arteterapeuta convida o cliente para um mergulho na experiência, no novo, e com sua presença, através da relação terapêutica, cria uma ponte para o contato do cliente consigo mesmo e com o mundo. Ajuda-o a reconectar-se com o seu potencial criativo.

O mesmo se dá, em outro formato, no curso de formação de arteterapeutas. Não damos apenas “aulas”. Preocupamo-nos em promover processos de sensibilização e reconexão de cada aluno com sua sensibilidade e com a sensibilidade dos demais a sua volta. Contato com o sensível da criança, do adolescente, do jovem e do adulto que nos habita e habita os demais participantes do grupo, com a natureza e os demais seres vivos com os quais convivemos, olhar que se difere do olhar indiferente do mundo, confirmando a importância destas relações.

Um dos famosos pressupostos defendidos por Sir Herbert Read (2001) no conhecido “Educação Através da Arte” é que quem não cria destrói.

Escreve Fayga Ostrower (1977):

Ao criar ganhamos concomitantemente um sentimento de maior estruturação interior, sentimos que estamos nos desenvolvendo em algo essencial para nosso ser. (p. 142-143) [O trabalho de arte] é uma realidade nova que adquire dimensões novas pelo fato de nos articularmos, em nós e perante nós mesmos, em níveis de consciência mais elevados e mais complexos. Somos nós, a realidade nova. Daí o sentimento do essencial e necessário no criar: o sentimento de um crescimento interior, em que nos ampliamos em nossa abertura para a vida” (p. 28).

Se considerarmos os fatores de personalidade promotores de criatividade listados por diversos autores que pesquisaram este tema, veremos que vários implicam também em fatores decisivos para a convivência em uma sociedade mais justa: sensibilidade, percepção e apreensão empática, flexibilidade, independência de julgamento,

receptividade ao diferente e a novas ideias, capacidade apaixonar-se por causas e pessoas e a capacidade de adaptar-se criativamente, criar e apreciar novas realidades.

Além destas características, de acordo com Frank Barron (1990), as pessoas criativas são de fato mais complexas psicodinamicamente, preferem a complexidade e certo grau de desordem e desequilíbrio às visões simplistas e convencionais, estimulam-se ao invés de irritarem-se com campos e fenômenos que requerem a criação de novos esquemas pessoais para tornarem-se compreensíveis, harmoniosos e esteticamente estimulantes.

Criar facilita a expressão de sentimentos, do imaginário, de percepções, desenhos, de ideias ou de utopias, por meio de uma linguagem que prescinde de traduções e nos permite lidar com realidade.

Por meio de recursos, técnicas e o pensamento terapêutico da arteterapia, podemos ensinar às pessoas a descristalizar o olhar e a olhar o velho e o conhecido de diferentes perspectivas, resignificando-os. A desconstruir o mundo que os circunda e a imaginar como reconstruí-lo de forma mais colorida, solidária, afetiva e harmoniosa. A eliminar a intolerância e o preconceito, aprendendo a apreciar a alteridade, a originalidade a complexidade e o único em cada um, em vez de sentirem-se ameaçados pelo diferente. Mais que tudo, podemos ajudar as pessoas a redescobrir o belo em suas vidas, se reencantar com o mundo e a recuperar a capacidade de sonhar, vislumbrando novas possibilidades e caminhos inusitados para a realização destes sonhos.

Escreve Bachelard (1942, p. 16), “a imaginação não é, como sugere a etimologia, a capacidade de formar imagens da realidade; ela é a faculdade de formar imagens que ultrapassam a realidade, que cantam a realidade. É uma faculdade de sobre-realidade”.

Percebemos assim a arteterapia e a própria formação de arteterapeutas hoje em dia como espaço de presença e de re-conexão com o humano em todos nós. De reconexão com cada um de nós, com as crianças internas assustadas que nos habitam e que frequentemente abandonamos por falta de validação, escuta, confirmação e acolhimento. Com as adolescentes sonhadoras, românticas e idealistas que fomos e que ainda temos dentro de nós. Com nossa beleza, sensibilidade, dignidade e valor.

Enquanto profissionais que se instrumentalizam para trabalhar com o sensível, precisamos hoje em dia transcender as paredes de nossos consultórios e nossas salas de aula para ajudar, não só aos nossos clientes e alunos, mas às pessoas em geral a se ressensibilizar uns com os outros, a se reconectar com nossa própria humanidade.

Ao lado de tantos horrores noticiados ultimamente, tenho me surpreendido com notícias de pessoas que vão a comunidades ensinar xadrez, teatro, música às crianças e adolescentes, e o verdadeiro milagre que acontece quando estas transformam este aprendizado em fonte de orgulho e autoestima. E, ao invés de empunhar armas para sentirem-se valorizados e respeitados, passam a empunhar com satisfação e maravilhamento violões, violinos, roupas de teatro e pincéis, e conseguem descobrir a poesia da vida.

Nos encontros que se dão a cada inauguração de uma nova turma de Arteterapia, temos percebido um movimento semelhante: desejo de mudar, de trilhar novos caminhos, de transformar a si próprio e melhorar o mundo ao redor.

A ação de um arteterapeuta ou de uma professora de um curso de formação em arteterapia portanto, não é a de um professor comum. É fundamental que possamos ajudar às pessoas a se recriarem como pessoas, mais inteiras, felizes e capazes de enfrentar a realidade que se descortina. Para que essa transformação aconteça, é

imprescindível que tanto nossos clientes quanto nossos alunos entrem em contato com o seu potencial criativo, pois toda transformação verdadeira começa a partir de si. Só assim seremos capazes de auxiliar na construção de um mundo mais humano e mais justo.

Nossos alunos são, assim como nós (professoras), sonhadores que desejam transformar o mundo em um mundo melhor, e que acreditam, como nós, que essa transformação pode se dar por meio da arte e da arteterapia.

É nosso dever, enquanto professoras, auxiliá-los na conquista de seus sonhos. Devemos buscar promover o desenvolvimento de seu potencial, auxiliando-os a serem os melhores arteterapeutas que puderem ser. Para isso, a sua formação deve ser primorosa. Devemos nos preocupar com o seu desenvolvimento enquanto pessoas e futuros profissionais que estarão a serviço de outros. É preciso que se trabalhem, que se conheçam, pois, a pessoa do arteterapeuta, com seu conhecimento e sensibilidade, vem a ser o seu mais valioso instrumento de trabalho. É preciso que experimentem para poder ter noção do que as atividades que propõe podem desencadear no outro. Por isso, nosso curso é vivencial e requer que os alunos passem por processo terapêutico.

Além disso, nos preocupamos em dar subsídios para que os alunos possam entender o que fazem, ou seja, acreditamos que uma formação teórica sólida permite a fundamentação necessária para a atuação que virão desenvolver. É importante conhecer as teorias que embasam a nossa atuação (no nosso caso, a postura fenomenológico-existencial), compreender o ser humano com o qual vão lidar, seu momento de vida, o contexto em que está inserido, processos psicológicos e existenciais, dificuldades, distúrbios e doenças que pode apresentar. É fundamental conhecer a arteterapia e seus recursos, assim como as diversas possibilidades de intervenção.

Mas, também é importante, adequar esse conhecimento ao cliente que estará à sua frente e não apenas ser um replicador de técnicas e experimentos. Valorizamos o pensamento clínico que subjaz e deve permear todas as intervenções: “Qual o sentido de propor isto para este cliente em particular? O que pretendo com isso? Que benefício pode trazer para ele”? Ou mesmo: “Por que neste momento, escolho deixar o cliente eleger o que pretende fazer”?

Outra das nossas preocupações como formadoras de futuros arteterapeutas é que eles façam estágios supervisionados com as mais diversas populações (crianças, adolescentes, adultos e idosos) e problemáticas (distúrbios psicológicos e psiquiátricos; situação de vulnerabilidade e adoecimento...) e em diversos contextos (hospitais, clínicas, ONG's, escolas...), de acordo com o interesse e potencial de cada aluno. Privilegiamos instituições que realmente necessitem dessas intervenções e incentivamos a atuação em equipes interdisciplinares. Agimos assim, por acreditar que nossas intervenções devem ter um cunho social mais amplo, que nossa atuação pode sim ajudar a transformar a realidade e que, tudo isso pode ser mais efetivo, se for realizado em grupo.

Acreditamos ser esta nossa missão enquanto arteterapeutas e professores de arteterapeutas. Colocar a arteterapia a serviço da reconexão com o humano no nível pessoal e no nível coletivo. Fazer da arte uma ponte que ajude a transcender o paradigma de individualidade e separatividade (WHEELER, 2000) que impregnam nossas vidas, ajudando-nos a criar conexões mais humanas e solidárias.

Data de recebimento: 26 de Outubro de 2015.

Data de aceite: 4 de Novembro de 2015.

Referências

BARRON, F. **Creativity and Psychological Health**. Nova York: C.E.F. Press, 1990.

Revista de Arteterapia da AATESP, vol. 6, n. 2, 2015. - ISSN 2178-9789

BAUMAN, Z. **Amor líquido**: Sobre a fragilidade dos laços humanos. São Paulo: Jorge Zahar Editor, 2004.

BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. São Paulo: Jorge Zahar Editor, 2001.

BAUMAN, Z. **Vida líquida**. São Paulo: Jorge Zahar Editor, 2007.

CIORNAI, S. (org) **Percursos em Arteterapia**. São Paulo: Summus Editorial, 2004.

CIORNAI, S. (org) **Percursos em Arteterapia**. São Paulo: Summus Editorial, 2005.

CIORNAI, S. Ansiedade, Angústia, Solidão e Desamparo: Um Olhar Gestáltico Sobre Sofrimentos na Contemporaneidade. **Trabalho apresentado no III Congresso Brasileiro Psicologia: Ciência e Profissão**, 2010.

CIORNAI, S. Arte, terapia e transformação social. **Apresentação no Congresso Luso-Brasileiro de Arteterapia**. Lisboa, Portugal, 2005.

OSTROWER, F. **Criatividade e Processos de Criação**. Petrópolis: Vozes, 1977.

READ, H. **Educação pela Arte**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

WHEELER, G. **Beyond Individualism**: Towards a new understanding of self, relationship & experience. New Jersey: GIC Press Book, The Analytic Press, 2000.

Artigo Original

ARTETERAPIA E DEPRESSÃO EM IDOSOS

ART THERAPY AND DEPRESSION IN THE ELDERLY

Eliana Cecília Ciasca⁴

Resumo: A depressão em idosos é um dos transtornos psiquiátricos de maior prevalência; entretanto, muitas vezes não é diagnosticada e, em decorrência disso, não é tratada, o que pode levar a consequências de difícil manejo, como por exemplo: mais comorbidades médicas, maior mortalidade, piora da qualidade de vida, comprometimento cognitivo, declínio funcional, alterações da estrutura cerebral e aumento do risco de suicídio. A Arteterapia é importante aliada do tratamento farmacológico por possibilitar a concretização de pensamentos e sentimentos, a fim de que possam ser elaborados, além de ter papel significativo na prevenção da depressão e na mobilização de diversos aspectos do ser humano: a cognição, o sistema sensório-motor, a emoção, a intuição e a espiritualidade.

Palavras-chave: Arteterapia, Depressão, Idoso.

Abstract: Depression in the elderly is one of the psychiatric disorders most prevalent, however, is often not diagnosed and as a result, is left untreated, which can lead to difficult consequences, such as: more medical comorbidities, higher mortality, decreased quality of life, cognitive impairment, functional decline, changes in brain structure and increased risk of suicide. Art Therapy is an important ally to pharmacological treatment for enabling the

⁴ Arteterapeuta / Terapeuta de Família; Mestranda em Fisiopatologia Experimental da Faculdade de Medicina da USP – FMUSP; Rua Dona Inácia Uchoa, 177 – Vila Mariana – São Paulo; elianaciasca@uol.com.br / www.arte-terapiasexpressivas.com.br; Celular (11) 99911-6837

realization of thoughts and feelings so that they can be developed, as well as play an important role in preventing depression and mobilizing various aspects of human being: cognition, sensory- motor system, emotion, intuition and spirituality.

Keywords: art therapy, depression, elderly.

Introdução

A humanidade sempre buscou a longevidade; no entanto, a idade avançada traz, muitas vezes, incapacidades físicas, perdas e doenças.

O processo de envelhecimento da população tem ocorrido mundialmente em decorrência dos avanços da ciência na detecção de doenças e na descoberta de novos medicamentos, na melhoria do saneamento básico, etc; mas é importante que os idosos possam ter uma vida ativa e saudável; para tanto, as políticas públicas precisam contemplar essa crescente faixa etária com ações que contribuam para o bem-estar em todos os sentidos.

Nos países desenvolvidos, o crescimento da população idosa veio acompanhado do desenvolvimento econômico, mas nos países como o Brasil ainda não há estrutura de acolhimento e cuidado dignos para esse crescente contingente, o que está ocasionando grandes dificuldades a serem enfrentadas (KALACHE, 2008, p. 1107). Tanto as instituições como as famílias não estão preparadas para essa realidade.

No Brasil, a expectativa de vida dobrou desde o início do século XX. A estrutura etária da população também se modificou rapidamente. Em 2008, para cada 100 crianças de 0 a 14 anos existiam 25 idosos de 65 anos ou mais. Estima-se que em 2050, para cada 100 crianças até 14 anos haverá 170 idosos (IBGE, 2008; PASCHOAL; SALLES; FRANCO, 2005, p. 19).

Há diferentes formas de envelhecer: normal, bem-sucedida ou saudável e patológica. Além disso, no mesmo indivíduo cada órgão ou sistema apresenta declínio diverso, um podendo degenerar enquanto outro está em perfeito funcionamento (PAPALÉO NETTO, 2006, p. 10). Os processos de envelhecimento variam, também, em relação a gênero, etnia, classe social, cultura. As condições de vida, de trabalho, de recursos são determinantes para a qualidade do envelhecer, que pode trazer limitações e diferentes graus de vulnerabilidade (LOUVISON; ROSA, 2012, p. 155).

O Brasil é um país com imensa diversidade nas condições de vida das pessoas. Desde a infância, as diferenças na nutrição, na habitação, no saneamento, na saúde, na educação, nas oportunidades e, posteriormente, na fase adulta, na natureza do trabalho, acarretam grandes discrepâncias que se refletem na terceira idade.

Conforme os dados indicam, há crescente expectativa de vida e diminuição das taxas de fecundidade em todo o país, acarretando um aumento proporcional da população idosa em relação ao total da população brasileira e, como consequência, um aumento na prevalência de doenças crônicas, entre elas a depressão. Desta forma, medidas preventivas e terapêuticas merecem destaque, a fim de proporcionar melhor qualidade de vida a todo esse contingente.

A Arteterapia será abordada neste artigo como uma intervenção complementar ao tratamento farmacoterápico da depressão no idoso.

Depressão

A depressão está associada à inadaptação a situações adversas, estresse, sobrecarga e genética. A depressão maior está entre as síndromes psiquiátricas que mais atinge a população em geral; dentre os problemas de saúde pública, é o que mais causa

incapacidade, afetando 50 milhões de pessoas aproximadamente em todo o mundo e ocupando a quarta posição em termos de “anos vividos com incapacidade” – *Years lived with Disability* – (REYNOLDS, 2009; ANDREESCU; REYNOLDS, 2011). No Brasil, a prevalência da depressão maior em um ano variou de 4% a 10% (FERREIRA; BOTTINO, 2012, p. 3).

A depressão pode ser crônica ou recorrente e apresentar sintomas graves que podem levar ao suicídio. O risco de desenvolver depressão durante a vida é de 7 a 12% para homens e 20 a 25% para mulheres, independente de raça, educação, estado civil ou renda (Ferreira e Bottino, 2012, p.3).

Critérios diagnósticos para transtorno depressivo DSM-5	
A. Cinco (ou mais) dos seguintes sintomas devem estar presentes quase todos os dias, durante um período de ao menos duas semanas, que representam uma mudança em relação ao funcionamento anterior:	
Sintomas nucleares (> / = 1 necessário para o diagnóstico)	
1.	Humor deprimido na maior parte do dia.
2.	Anedonia ou interesse ou prazer acentuadamente reduzido em quase todas as atividades.
Sintomas adicionais.	
3.	Perda de peso clinicamente significativo ou aumento ou diminuição do apetite.
4.	Insônia ou hipersonia
5.	Agitação ou retardo psicomotor.
6.	Fadiga ou perda de energia.
7.	Sentimentos de inutilidade ou culpa excessiva ou inapropriada.
8.	Diminuída capacidade de pensar ou concentrar-se, indecisão.
9.	Pensamentos recorrentes de morte ou ideação suicida.
B. Os sintomas causam sofrimento clinicamente significativo ou prejuízo no funcionamento social, profissional ou em outras áreas importantes da vida do indivíduo.	
C. O episódio não é atribuível aos efeitos fisiológicos de uma substância ou outra condição médica.	
Critérios A e C representam episódio depressivo maior.	

Fonte: DSM-5. American Psychiatric Association (2014).

Depressão em idosos

Conforme a pessoa envelhece surgem diferentes situações, muitas delas difíceis e desafiantes, as quais podem levar à depressão: a incapacidade física e as enfermidades próprias da idade, o declínio financeiro decorrente da aposentadoria, as perdas de pessoas próximas e a solidão.

Transtornos depressivos, incluindo depressão maior, distímia e depressão subsindrômica, ocorrem em até 40% dos idosos residentes na comunidade; é o problema de saúde mental mais comum na velhice. A falta de tratamento pode trazer mais comorbidades médicas, maior mortalidade, piora da qualidade de vida, perda da produtividade, comprometimento cognitivo, declínio funcional, alterações da estrutura cerebral e aumento do risco de suicídio (BRUCE, 2004; LAPIERRE et al., 2011; ANDREESCU; REYNOLDS, 2011; COOPER et al., 2011; KIOSSES, 2011).

A depressão nos idosos pode ter apresentação um pouco diferente das outras faixas etárias; o relato de cansaço, desânimo, dores, pouca energia, falta de esperança fazem parte desse quadro, mas para eles esses sintomas podem ser atribuídos a causas físicas ou ao estresse desse momento da vida (PARK, 2011; CASTRO-COSTA IN BOTTINO, 2012, p. 17). A lentificação do raciocínio, a falta de iniciativa, a dificuldade para enfrentar novos desafios e para se engajar em atividades prazerosas também são características da depressão no idoso (SAMAD et al., 2011).

Coforme citado acima como algumas das causas da depressão, a solidão e o isolamento social estão associados à pior qualidade de vida, percepção subjetiva de saúde precária, maior frequência na busca por serviços de saúde e sociais, maior probabilidade de declínio cognitivo e aumento da mortalidade (TILVIS et al., 2004; TILVIS

et al., 2011 e PERISSINOTTO et al., 2012).

A presença de ansiedade durante a vida pode predispor à depressão tardia; metade dos idosos com depressão maior preenchem critérios para ansiedade, enquanto um quarto de pessoas com ansiedade apresentam os sintomas para depressão maior (BEEKMAN et al., 2000).

Grande número de idosos que se sentem deprimidos prefere recorrer à atenção primária do que aos serviços especializados de psiquiatria. A preferência pelo atendimento nas Unidades Básicas de Saúde pode ocorrer porque há a possibilidade de os idosos, no mesmo momento, serem tratados de outras doenças crônicas e agudas, além da depressão. Entretanto, em geral eles se mostram desmotivados, sem esperança e negativos em relação aos tratamentos oferecidos (PARK, 2011). Apenas 50% dos idosos com depressão atendidos na rede primária são diagnosticados corretamente e, com frequência, não são devidamente medicados: apenas um em quatro pacientes recebe antidepressivos e, por vezes, o tratamento é breve e com pouco seguimento (CASTRO-COSTA IN BOTTINO, 2012, p. 18). De acordo com pesquisas, 60% das pessoas com depressão atendidas nas Unidades Básicas de Saúde, tratadas com antidepressivos, depois de um ano ainda preenchiam critérios para depressão (COOPER et al., 2011).

O tratamento bem sucedido da depressão em idosos requer diretrizes específicas pelas altas taxas de comorbidades físicas e cognitivas, grande probabilidade de polifarmácia, farmacodinâmica e farmacocinética diferentes de outras faixas etárias, além de diferentes condições sociais (COOPER et al., 2011). O objetivo de todo tratamento para depressão é alcançar a remissão dos sintomas, prevenir recaída e recorrência dos episódios depressivos, além de restabelecer a funcionalidade. O resultado do tratamento depende de diversos fatores, entre eles o diagnóstico correto, incluindo a identificação e

manejo das comorbidades e também dos fatores psicossociais (BALDWIN, 2010).

Embora o tratamento farmacológico seja eficaz na redução dos sintomas, não é tão bem sucedido em manter a remissão (BALDWIN, 2010). A resposta e as taxas de remissão dos idosos aos tratamentos farmacoterápicos e eletroconvulsoterapia são comparáveis às dos estudos realizados com pessoas de meia-idade. No entanto, as taxas de recaída para os idosos são mais elevadas, enfatizando o desafio não só de obter a remissão, mas também de manter o bem-estar (ANDREESCU; REYNOLDS, 2011). Diante disso, ações que possam ser preventivas são muito importantes para os idosos (BALDWIN, 2010; RUSH, 2007; SCHOEVERS et al., 2006).

Por essa razão, a associação do tratamento medicamentoso a outras terapias torna-se uma opção valiosa a ser implementada visto que, para a população idosa o suporte social é de extrema relevância, além do fato de ocorrer o aprendizado de novas estratégias para lidar com os eventos estressantes da vida, que nessa etapa tendem a ser numerosos (CIASCA, 2016, p.294).

O engajamento social auxilia na melhoria da qualidade de vida e da saúde dos idosos. Políticas públicas que incrementem o desenvolvimento e manutenção das relações interpessoais nessa faixa etária podem atenuar a solidão. As atividades em clubes e associações podem fazer parte da vida até mesmo de pessoas que não vivem sós, mas mesmo assim, pela baixa qualidade de seus relacionamentos, sintam-se solitárias (PERISSINOTTO, 2012).

Intervenções não farmacológicas e arteterapia

Diversas intervenções não farmacológicas podem ser oferecidas às pessoas com depressão, com o objetivo de auxiliar na redução dos sintomas e na remissão, além de proporcionar o aprendizado de novas formas de enfrentar os problemas (OSTER et al.,

2006; YASSUDA; NUNES, 2009; BALDWIN, 2010; KRISHNA, 2011; MCCAFFREY, 2007; MCCAFFREY et al., 2011). Em estudos de revisão de intervenções psicossociais eficazes em idosos, Yassuda e Nunes (2009) e Kiosses (2011) ressaltam as psicoterapias em diferentes linhas, várias modalidades de atividade física, musicoterapia, jardinagem, terapia ocupacional e também a arteterapia.

Alguns estudos mostram até eficácia semelhante entre tratamento com antidepressivos e psicoterapias para idosos (COOPER et al., 2011), e a maioria das diretrizes defende o acompanhamento psicoterapêutico como benefício adicional ao tratamento medicamentoso (WILSON et al., 2008; ANDREESCU et al., 2011), exceto para depressão leve ou distímia, para as quais vários autores recomendam apenas a psicoterapia como estratégia inicial. Assim, associação entre farmacoterapia e psicoterapia deve ser considerada para idosos com depressão, tanto na fase aguda do tratamento, quanto na sua continuação e manutenção (Diniz et al., 2011), com a vantagem adicional de a psicoterapia representar uma alternativa segura, sem interações medicamentosas e efeitos colaterais, os quais na velhice são frequentes.

Integrando os resultados de 89 estudos controlados de tratamento em idosos com depressão em fase aguda, uma meta-análise reportou que tanto farmacoterapia como psicoterapia são equiparáveis; ambas têm efeitos de moderado a grande no tratamento da depressão (PINQUART et al., 2006).

Quanto às modalidades de tratamentos, a psicoterapia em grupo apresenta algumas vantagens em relação à individual: proporciona a interação entre as pessoas, as quais muitas vezes sentem-se isoladas, tem menor custo por promover o atendimento a várias pessoas ao mesmo tempo por um mesmo terapeuta e, por razão semelhante, esses

indivíduos não necessitam aguardar por muito tempo até serem chamados para o início do tratamento (KIOSSES, 2011).

O processo do trabalho em grupo forma uma unidade permanente de mudança interna e externa, na qual cada membro atua como um ponto independente, porém em constante relação com o todo (FABIETTI, 2004, p.38).

O fato das psicoterapias serem semanais ou quinzenais pode auxiliar o engajamento do idoso no tratamento farmacoterápico para depressão. Além disso, o aprendizado de novas formas de lidar com os fatos da vida auxilia o idoso a enfrentar melhor o dia-a-dia.

De acordo com vários autores, as terapias não farmacológicas são muito importantes para o aprendizado de novas formas de enfrentamento de problemas (KIOSSES, 2011; MCCAFFREY et al., 2011).

O estudo quase-experimental de Nainis et al. (n=50; 2006) aplicou em adultos com diagnóstico de câncer uma sessão de Arteterapia com uma hora de duração, com o objetivo de avaliar a dor e outros sintomas comuns a pacientes internados. Foram utilizadas as seguintes escalas: Escala de Avaliação de Sintomas de Edmonton e o Índice de Spielberger Ansiedade Traço-Estado, antes e após a Arteterapia, além de questões abertas, as quais avaliaram as percepções dos sujeitos sobre a experiência. Foram observadas reduções estatisticamente significativas em oito dos nove sintomas medidos pela Escala de Avaliação de Sintomas de Edmonton, incluindo a pontuação global de aflição, bem como diferenças significativas na maioria dos domínios medidos pelo Índice de Spielberger Ansiedade Traço-Estado. Os indivíduos, predominantemente, expressaram conforto e desejo de continuar a terapia.

Canuto et al. (2008) relataram que o grupo de Arteterapia encorajou os pacientes a expressar e entender as emoções através da expressão artística e processos criativos.

Fornecer uma visão crítica sobre as emoções, pensamentos e sentimentos, aumentou o empoderamento, a autoconsciência, melhorou a autoestima e reduziu o estresse. O estudo de Canuto também contemplou um grupo de psicomotricidade, o qual enfatizava livre circulação ao ritmo da música. O movimento e a dança também foram usados para expressar e lidar com sentimentos e experiências; segundo os autores, ajudaram a desenvolver habilidades de comunicação, a aprender a coordenação, a manter o equilíbrio, além de encorajar os pacientes idosos com déficits físicos a desenvolver uma autoimagem positiva.

Apesar das evidências dos benefícios terapêuticos da psicoterapia, existem ainda muitas barreiras para o engajamento dos idosos nos tratamentos, tais como mobilidade, envolvimento com os profissionais de saúde, disponibilidade de vagas para o início do tratamento, relutância em divulgar informações pessoais, crenças religiosas e espirituais (RAUE et al., 2011).

Arteterapia para idosos

A humanidade tem conquistado a longevidade, mas é necessário que a vida tenha qualidade. O conceito “qualidade de vida” é subjetivo e pessoal; contudo, existem alguns fatores indiscutíveis na avaliação do que é essencial: autoestima, estado emocional positivo, saúde adequada para a idade, interação social, autonomia e independência, bom suporte familiar e social, satisfação com as atividades diárias.

O idoso é tão criativo quanto qualquer pessoa, desde que tenha a oportunidade e se sinta acolhido para se expressar, o que pode ser essencial na recuperação e manutenção da sua saúde psíquica e emocional, através da imersão nos conteúdos, muitas vezes inconscientes, capazes de liberar e de elaborar afetos (COUTINHO, 2008, p.75).

Além das psicoterapias verbais, existem alternativas como as terapias apresentadas no estudo de McCaffrey (2007) para idosos com depressão leve a moderada: Arteterapia, caminhada no jardim (Jardim Japonês) e caminhada no jardim com imaginação dirigida, com duração de seis semanas. Esta intervenção avaliou o efeito destes procedimentos através de entrevistas, da Escala de Depressão Geriátrica e das histórias pessoais de tristeza e alegria, antes e após o término do estudo, e concluiu que as três modalidades auxiliaram os participantes depressivos.

Em um estudo-piloto, Alders et al. (2010) investigaram a eficácia da Arteterapia na melhora do desempenho cognitivo de 24 idosos hispânicos, latino-americanos, acima de 60 anos (idade média: 75 anos), residentes nos Estados Unidos, frequentadores de um centro de convivência. A pesquisa constou de um programa quase-experimental de 12 sessões de Arteterapia, semanalmente. Como avaliação, foram usados o Teste do Desenho do Relógio e o Questionário de Falhas Cognitivas (Cognitive Failures Questionnaire – CFQ) antes e após o programa. Foi utilizado um método de intervenção em Arteterapia para facilitar o planejamento e monitoramento das atividades de estimulação cognitiva. As conclusões sugeriram que a Arteterapia pode ser benéfica para melhorar a autopercepção das próprias habilidades cognitivas, além de contribuir positivamente para o desempenho cognitivo geral.

Oster et al. (2006) desenvolveram estudo randomizado com 41 mulheres entre 39 e 69 anos, com diagnóstico de câncer de mama não metastático. O primeiro grupo de 20 mulheres passou por sessões individuais de Arteterapia com duração de uma hora, semanalmente, o que ocorreu após o tratamento de radioterapia pós-operatória. O grupo controle era composto de 21 mulheres. O artigo enfoca a evolução dos recursos de enfrentamento, medidos pelo Inventário de Recursos de Enfrentamento antes do início do

tratamento radioterápico, dois meses e seis meses após o início. No final do estudo concluíram que houve um aumento global nos recursos de enfrentamento entre as mulheres depois de participar da intervenção de Arteterapia. Foram observadas diferenças significativas no domínio social entre os grupos estudo e controle na segunda e terceira avaliações. Diferenças significativas também foram observadas no escore total da segunda avaliação.

Em um grupo de mulheres idosas com câncer de mama, a intervenção com Arteterapia auxiliou na melhora psicológica e no bem-estar geral, diminuindo estados emocionais negativos e reforçando os positivos (Puig et al., 2006).

Harnden et al. (2004) e Johnson et al. (2006) concluíram que a Arteterapia é uma intervenção que tem demonstrado diminuir a depressão em idosos por permitir-lhes expressarem seus sentimentos de tristeza e perda.

Tate e Longo (2002) observaram, através de seu trabalho de enfermagem psicossocial, que a Arteterapia pode ajudar a cumprir muitas de suas metas, como a recuperação ou a instilação da esperança em pacientes depressivos, além de melhorar a qualidade do tratamento, aumentando a expressão verbal e facilitando a percepção de suas questões.

Valorizar as experiências de vida e encontrar objetivos na fase tardia é imprescindível para o bem-estar; muitas pessoas idosas percebem a importância de transformar sentimentos e atribuir novos significados para as vivências; para tanto, a Arteterapia aplica-se a essa etapa da vida, trazendo o reconhecimento de si.

A Arteterapia oferece recursos para que, durante o processo terapêutico, seja desenvolvida outra forma de ver as situações, que leve as pessoas a assumir novas atitudes e ressignificar a própria vida; além disso, auxilia na compreensão e elaboração

de conteúdos emocionais que ganham contornos únicos na velhice. “Em processos terapêuticos não nos deparamos somente com o prazer, mas também a dor. O pressuposto é o incômodo e o caos, alimentadores de mudanças” (FABIETTI, 2004, p. 32).

Conclusão

No tratamento da depressão para idosos, a medicação é essencial, sobretudo nas fases agudas e mais graves, principalmente para evitar outras complicações tais como: maior declínio cognitivo, negligência com o autocuidado, insônia, isolamento social e até mesmo o suicídio; todavia, a Arteterapia ou outras intervenções não farmacológicas são fundamentais para a conscientização dos problemas, a busca por soluções e o aprendizado de novas atitudes perante a vida.

As intervenções em Arteterapia para a terceira idade têm como metas propiciar aos idosos a descoberta e exploração de novas capacidades e potenciais; contribuir para a percepção e aceitação das próprias habilidades, visando a autoexpressão por meio de técnicas artísticas; estimular a cooperação e a convivência com outras pessoas da mesma idade, dando-lhes a sensação de pertencer a um grupo; aprimorar a memória; estimular os sentidos e sensações; vivenciar momentos de relaxamento e descontração; trabalhar a autoaceitação e acolhimento do outro, e melhorar a autoestima como consequência de todo o processo desenvolvido.

Data de recebimento: 26 de Outubro de 2015.

Data de aceite: 24 de Novembro de 2015.

Referências

ALDERS, A.; TALLAHASSEE, F.L.; LEVINE-MADORI, L. The effect of art therapy on
Revista de Arteterapia da AATESP, vol. 6, n. 2, 2015. - ISSN 2178-9789

cognitive performance of hispanic/latino older adults. Sparkhill, NY: **Art Therapy: Journal of the American Art Therapy Association**, v. 27, n. 3, p. 127-135, 2010.

AMERICAN PSYCHIATRY ASSOCIATION. **DSM 5 – Manual Diagnóstico e Estatística de Transtornos Mentais**. Porto Alegre: Artmed, 2014.

ANDREESCU, C.; REYNOLDS III, C. F. Late-life depression: evidence-based treatment and promising new directions for research and clinical practice. **Psychiatr Clin N Am**, v. 34, p. 335–355, 2011.

BALDWIN, R. C. Preventing late-life depression: a clinical update. **International Psychogeriatrics**, v. 22, n. 8, p. 1216–1224, 2010.

BEEKMAN, A. T. et al. Anxiety and depression in later life: co-occurrence and communality of risk factors. **Am. J Psychiatry**, 157:89-95, 2000.

BRUCE, M. et al.. Reducing suicidal ideation and depressive symptoms. In: Depressed older primary care patients: a randomized controlled trial. **JAMA**, March 3, n. 9, 291:1081-91, 2004.

CANUTO, A. et al.. Longitudinal assessment of psychotherapeutic day hospital treatment for elderly patients with depression. **International Journal of Geriatric Psychiatry**, v. 23, p. 949–956, 2008.

CASTRO-COSTA E. Transtornos do Humor no Atendimento Primário. Em: BOTTINO, C. M. C.; BLAY, S. L.; LAKS, J. **Diagnóstico e tratamento dos transtornos do humor em idosos**. São Paulo: Atheneu, 2012. p. 17-18.

CIASCA, E.C., CAIXETA, L., NUNES, P.V. Depressão geriátrica. Em CAIXETA, L.(Org.) **Psiquiatria Geriátrica**. Porto Alegre: Artmed, 2016. Cap. 20, p. 294.

COOPER, C. et al.. A systematic review of treatments for refractory depression in older people. **Am. J Psychiatry**, v. 168, p. 681-8, 2011.

COUTINHO, V. **Arteterapia com idoso: ensaios e relatos**. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2008. p. 75.

DINIZ, B. S. et al.. Current pharmacological approaches and perspectives in the treatment of geriatric mood disorders. **Current Opinion in Psychiatry**, v. 24, p. 473–477, 2011.

FABIETTI, D. M. C. F. **Arteterapia e envelhecimento**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004. p. 38 - 32.

FERREIRA, R. B.; BOTTINO, C. M. C. Transtornos do humor em idosos na comunidade. In: BOTTINO, C. M. C.; BLAY, S. L.; LAKS, J. **Diagnóstico e tratamento dos transtornos do humor em Idosos**. São Paulo: Atheneu, 2012. p. 3.

HARNDEN, B.; ROSALES, A.; GREENFIELD, B. Outpatient art therapy with a suicidal older adult. **Arts Psychother**, v. 31, n. 3, p. 165–180, 2004.

IBGE, 2008. **Projeção da população do Brasil**: população brasileira envelhece em ritmo acelerado. Disponível em:

http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_impressao.php?id_noticia=1272. Acesso em 10 de dezembro de 2012.

JOHNSON, C.; SULLIVAN-MARX, E. Art therapy: using the creative process of healing and hope among African American older adults. **Geriatr Nurs**, v. 27, n. 5, p. 309–316, 2006.

KALACHE, A. O mundo envelhece: é imperativo criar um pacto de solidariedade social. **Ciência e saúde coletiva**. Rio de Janeiro: v. 13, n. 4, p. 1107-11, jul/ago 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/csc/v13n4/02.pdf>. Acesso em 9 de dezembro de 2012.

KIOSSES, D. N. et al. Psychosocial interventions for late-life major depression: evidence-based treatments, predictors of treatment outcomes, and moderators of treatment effects. **Psychiatry Clin N Am**, v. 34, p. 377-401, 2011.

KRISHNA, M. et al.. Is Group psychotherapy effective in older adults with depression? A systematic review. **Int J Geriatr Psychiatry**, v. 26, n. 331-40, 2011.

LAPIERRE, S. et al.. A systematic review of elderly suicide prevention programs. **Crisis**, v. 32, n. 2, p. 88–98, 2011.

LOUVISON, M. C. P.; ROSA, T. E. C. Envelhecimento e políticas públicas de saúde da pessoa idosa. Em: BERZINS, M. V.; BORGES, M. C. **Políticas públicas para um país que envelhece**. São Paulo: Editora Martinari, 2012. p. 155.

MCCAFFREY, R. The effect of healing gardens and art therapy on older adults with mild to moderate depression. **Holist Nurs Pract**, v. 21, n. 2, p. 79–84, 2007.

MCCAFFREY, R. et al.. Garden walking and art therapy for depression in older adults: a pilot study. **Res Gerontol Nurs**, v. 4, n. 4, p. 237-42, oct. 2011.

NAINIS, N. et al.. Relieving symptoms in cancer: innovative use of art therapy. **Journal of Pain and Symptom Management**, v. 31, n. 2, p. 162-169, feb. 2006.

OSTER, I. et al.. Art therapy improves coping resources: a randomized, controlled study among women with breast cancer. **Palliat Support Care**, 4(1):57-64, March 2006.

PAPALÉO NETTO, M. in FREITAS, E.V., PY, L. et al.. **Tratado de Geriatria e Gerontologia**. 2ª ed. Rio de Janeiro – RJ: Guanabara Koogan Editora, 2006. p.10.

PARK, M.; UNÜTZER, J. Geriatric depression in primary care. **Psychiatr Clin N Am**, v. 34, p. 469-487, 2011.

PASCHOAL, S. M. P.; SALLES, R. F. N.; FRANCO, R. P. Epidemiologia do envelhecimento. In: CARVALHO FILHO, E. T.; PAPALÉO NETO, M. **Geriatria: fundamentos, clínica e terapêutica**. São Paulo: Atheneu, 2005. p. 19.

PERISSINOTTO, C. et al.. A solidão em pessoas idosas: preditor de declínio funcional e morte. **Arch Intern Med**, v. 172, n. 14, p. 1078-1083, 2012. Published online June 18, 2012. doi:10.1001/archinternmed.2012.1993. www.archinternmed.com

PINQUART M., FORSTMEIER S. Effects of reminiscence interventions on psychosocial outcomes: A meta-analysis. **Aging & Mental Health**, v. 16, n. 5, p. 541-558, 2012. <http://dx.doi.org/10.1080/13607863.2011.651434>

PUIG, A. et al.. The efficacy of creative arts therapies to enhance emotional expression, spirituality, and psychological well-being of newly diagnosed stage I and stage II breast cancer patients: a preliminary study. **Arts Psychother**, v. 33, n. 3, p. 218–228, 2006.

RAUE, P. J.; SIREY, J. A. Designing personalized treatment engagement interventions for depressed older adults. **Psychiatry Clin N Am**, v. 34, p. 489–500, 2011.

REYNOLDS, C. F. The cutting edge: prevention of depressive disorders. **Depress Anxiety**, v. 26, p. 1062–5, 2009.

RUSH, A. J. STAR"D: what have we learned? **American Journal of Psychiatry**, v. 164, p. 201-4, 2007.

SAMAD, Z.; BREALEY, S.; SIMON; GILBODY S. The effectiveness of behavioural therapy for the treatment of depression in older adults: a meta-analysis. **Int J Geriatr Psychiatry**, v. 26, p. 1211–1220, 2011.

SCHOEVERS, R. et al.. Prevention of late-life depression in primary care: do we know where to begin? **American Journal of Psychiatry**, v. 163, p. 1611-1616, 2006.

TATE, F.; LONGO, D. Art therapy: enhancing psychosocial nursing. **J Psychosoc Nurs Mental Health Serv**, v. 40, n. 3, p. 40-47, 2002.

TILVIS, R. S. et al.. Predictors of cognitive decline and mortality of aged people over a 10-year period. **Journals of Gerontology – Series A Biological Sciences and Medical Sciences**, v. 59, n. 3, p. 268-274, 2004.

TILVIS, R. S. et al.. Suffering from loneliness indicates significant mortality risk of older people. **Journal of Aging Research**, v. 2011 (2011), Article ID. 534781, 5 pages doi: 10.4061/2011/534781

WILSON, K. C.; MOTTRAM, P. G.; VASSILAS, C. A. Psychotherapeutic treatments for older depressed people. **Cochrane Database Syst Rev**, 1:CD004853, 2008.

YASSUDA, M. S.; NUNES, P. V. Innovative psychosocial approaches in old age psychiatry. **Current Opinion in Psychiatry**, v. 22, p. 527–531, 2009.

Artigo Original

ARTETERAPIA INSTITUCIONAL: AMPLIANDO AS FRONTEIRAS DAS TRANSFORMAÇÕES

INSTITUTIONAL ART THERAPY: EXPANDING THE FRONTIERS OF TRANSFORMATION

Maria Angela Gaspari

Resumo: Neste artigo será abordada a eficácia do trabalho arteterapêutico com um grupo de adolescentes estigmatizados por apresentarem dificuldades de aprendizagem somadas à inadequação de comportamento. Essa situação, reforçada pelo estigma a que estão muitas vezes sujeitos, leva à construção de uma auto-imagem de menor valia, impedindo a livre expressão de si mesmo não apenas nas situações de aprendizagem. Tornam-se pessoas acuadas pelo medo de errar e não participantes do meio como seres autônomos e criativos. O trabalho arteterapêutico com esse grupo de adolescentes surpreendeu, visto que seus resultados tiveram um alcance maior do que o esperado, pois diretores, coordenadores, educadores, voluntários e colegas dos adolescentes puderam enxergá-los além dos rótulos.

Palavras Chave: adolescentes, estigma, criatividade, autonomia.

Abstract: This article assesses the efficacy of art-therapeutic work in a group of teenagers stigmatized for their learning disabilities and behavioral inadequacies. Such negative stigma and self-image impairs free self-expression not only in learning situations; such teenagers are prone to become overly concerned with negative feedbacks and tend to withdraw from social settings that value autonomy and creativity. Art-therapy has induced

positive results in dealing with negative expectations not only from the subjects themselves, but from peers, relatives, teachers and other significant others in their milieu.

Keywords: teenagers, stigma, creativity, autonomy.

Uma reflexão mesmo que tardia sobre o trabalho arteterapêutico realizado com adolescentes em situação de risco, freqüentadores de uma instituição educacional de apoio a essa população fora do período escolar, tornou-se agora possível. Caminhar novamente por aquelas veredas tão cheias de pedras das quais foi possível tirar vida foi de extrema importância para relacionar prática e teoria e, assim, compartilhar aprendizados que podem servir como orientação para trabalhos futuros.

Recebida pela diretora da instituição que se mostrou muito aberta para um trabalho que ainda não conhecia, mas que a maravilhou de imediato, pedi que selecionasse de seis a oito adolescentes na faixa etária de 11 a 15 anos, para começarmos a realizar as oficinas de Arteterapia, que se estenderam por um período de um ano e meio, incluindo a oficina discutida neste artigo.

Desde esse primeiro contato ouvi colocações tais como: “coitada da A, ficou com os piores do espaço”. No entanto, convivendo com eles durante as oficinas, comecei a estranhar tais comentários, uma vez que não conseguia reconhecer aqueles meninos, e eram todos meninos, como “os piores”, como aqueles que não aprendem e se comportam mal. Pude sim reconhecer em seus gestos, seus olhares, suas expressões, suas posturas corporais e em seus silêncios, algo que me intrigou muito: pareciam carregar o fardo do não pertencimento. Pareciam alheios a tudo que se passava ao redor, evitando colocar-se de forma ativa, participante. A meus olhos, pareciam também alheios a si mesmos, não tendo consciência de qualquer potencial que pudessem ter dentro deles.

Em nossos encontros diziam: “tudo que acontece aqui é nós que faz”. Era possível perceber que carregavam em seus corpos uma marca sutil que os depreciava, um **estigma** que os fazia diferentes dos outros, excluídos dos outros, dos “normais”.

Goffman (2004, p. 3), pioneiro em desenvolver o conceito de estigma do ponto de vista social, define estigma como “a inabilidade de uma pessoa de ser aceita plenamente pela sociedade”.

Siqueira e Cardoso (sem data) relatam que no Brasil há poucos trabalhos que se preocupam com o conceito do estigma propriamente dito, restringindo-se a reflexões sobre a prática da estigmatização. Esses dois autores fazem um estudo da obra de Goffman (1991), comparando o conceito por ele desenvolvido com reflexões de autores que mantiveram, modificaram ou ampliaram o conceito original do estudioso, tendo como um dos focos do estudo, os efeitos do estigma na construção da subjetividade do sujeito. Concluem que as mais diversas pesquisas mostram que o estigma traz conseqüências não benéficas para a vida do indivíduo, uma vez que sua identidade sofre deteriorização por não se incluir no que a sociedade institui como normal e natural.

Goffman (2004) refere-se à existência de duas personalidades em pessoas vítimas de estigmas, a virtual, criada por parâmetros sociais de categorização e rol de atributos esperados, e a real, criada por atributos que um indivíduo mostra possuir, sugerindo que poderia haver uma discrepância entre essas duas identidades. Afirma que, “Quando conhecida ou manifesta, essa discrepância estraga a sua identidade social; ela tem como efeito afastar o indivíduo da sociedade e de si mesmo de tal modo que ele acaba por ser uma pessoa desacreditada frente a um mundo não receptivo” (GOFFMAN, 2004, p. 20).

No caso da população deste estudo, pode-se dizer que é esperado que um adolescente já tenha desenvolvido as habilidades de leitura e escrita, e que, quando tal

não acontece, há a construção de uma identidade real discrepante da virtual, ou seja, daquela que é esperada pela sociedade. Tal situação pode dar origem a uma postura de desvalorização da pessoa nos diferentes grupos aos quais pertence, evidenciada pelo uso de rótulos como resposta a atributos negativos percebidos, gerando pessoas “doentes”. Podemos dizer que ela perde a noção de sua totalidade como pessoa, fixando-se naquilo que lhes falta e que é valorizado pelo olhar do outro.

Moyses e Collares (2006, p. 29) afirmam que “a criança estigmatizada incorpora os rótulos, introjeta a doença. Passa a ser psicologicamente uma criança doente, com consequências previsíveis sobre sua autoestima, sobre seu autoconceito e, aí sim, sobre sua aprendizagem”.

Isso considerado, perguntei-me sobre como conduzir o trabalho arteterapêutico, de forma a facilitar a reconstrução de uma identidade mais próxima da realidade dos adolescentes, uma vez que era evidente o seu isolamento do mundo e de si mesmos. Quais potenciais estariam escondendo sob a capa de vítimas da estigmatização? Qual seria o caminho para um encontro com um Eu verdadeiro, incluindo a dificuldade como uma falha ocorrida durante o desenvolvimento, passível de ser superada e não como algo inerente a eles?

Antes de iniciar o trabalho arteterapêutico foi realizada uma avaliação com base nas queixas da diretora, na observação da conduta dos adolescentes em outras atividades e na habilidade de cada um em manusear e criar um objeto. Em um espaço diferente daquele em que se sentiam avaliados, rotulados, onde, confiando, puderam mostrar-se a mim sem pressa, livres de um olhar preconceituoso ou avaliações prévias, foi possível observar a existência de:

1. Inércia em situações de aprendizagem, desinteresse;

2. Atitudes muitas vezes reativas na relação com adultos e colegas, gerando o que pode ser chamado de comportamento disruptivo;
3. Sentido muito profundo de suas inadequações e ausência da consciência de suas potencialidades;
4. Isolamento, tanto do meio externo quanto do interno: no primeiro, talvez por vergonha, e no segundo, por perda da noção da própria identidade;
5. Ausência de auto-expressão;
6. Ausência de autoconfiança e autoestima;
7. Bloqueio da criatividade.

Essas categorias de análise foram tiradas de um projeto sobre a dinâmica do processo criativo, idealizado por Leite (1994), implantado no Centro de Aprendizagem Vivencial em Brasília, que atende crianças em vulnerabilidade social.

É preciso deixar claro que, talvez por carência ou falta de alguém que até então olhasse para eles além dos rótulos, o vínculo se formou rapidamente. Foram atraídos, em maior ou menor grau, pelos diferentes materiais sobre os quais podiam agir de forma livre. A obra final, sempre respeitada, foi outro componente essencial para a criação do respeito mútuo.

Já nas primeiras experiências com os materiais na fase de avaliação, os participantes revelaram coragem e espontaneidade ao se colocarem no grupo, onde minha presença era sempre “a presença”, para que um ambiente de confiança fosse construído.

De acordo com Leite (1994, p. 207), “A manifestação primeira do potencial de criatividade de cada pessoa faz parte do estabelecimento de sua própria identidade,

desenvolvendo qualidades como audácia, coragem, liberdade, espontaneidade, perspicácia, integração e aceitação de si mesmo”.

Algo já estava se formatando e a Arteterapia surgia como um caminho bastante valioso para o resgate desses adolescentes para uma vida autônoma.

Dar a esses adolescentes um solo fertilizado especialmente para eles, no qual pudessem fixar as raízes de seus potenciais para que florescessem conforme os descobrissem e, então, existir como pessoas únicas e autônomas, seria o primeiro passo.

De meu ponto de vista, o método arteterapêutico, por suas características, presta-se perfeitamente a uma abordagem terapêutica que priorize aspectos saudáveis da pessoa, que ao longo do desenvolvimento foram mascarados pelas mais diversas razões.

Então, minha primeira decisão importante foi a de trabalhar o que havia de saudável dentro de cada um, por meio do desenvolvimento da criatividade, mesmo sabendo que danos estavam presentes, para que transformassem a percepção que tinham de si mesmos.

Do lugar específico de arteterapeuta, resgatei intuitivamente um conceito que me é muito caro, o do espaço da brincadeira de Winnicott (1975, p. 80), psiquiatra e psicanalista, segundo o qual “é no brincar e somente no brincar que o indivíduo, criança ou adulto, pode ser criativo e utilizar de sua personalidade integral, e é somente sendo criativo que o indivíduo descobre o eu (*self*)”.

É Parente (s/d, p. 27), psicanalista, quem coloca que

É brincando que se aprende a transformar e a usar os objetos do mundo para nele realizar-se e inscrever os próprios gestos, sem perder contato com a própria subjetividade. Por meio do brincar podemos manipular e colorir fenômenos externos com significados e sentimentos oníricos, além de podermos dominar a angústia, controlar idéias ou impulsos e, assim, dar escoamento ao ódio e à agressão. Brincar envolve uma atitude positiva diante da vida. Por meio do brincar podemos fazer coisas, não simplesmente pensar ou desejar, pois brincar é fazer. O brincar é uma

experiência que envolve o corpo, os objetos, um tempo e um espaço. É como a vida, tem início, meio e fim.

Ao se fazer arte no contexto terapêutico é possível brincar experimentando, criando com os materiais das artes plásticas, onde não cabem medos e tudo é possível.

O solo estava definido: a brincadeira com os mais diversos materiais das artes plásticas. Ao se colocarem livremente no final de cada roda de brincadeira, meu retorno era sempre algo como: então **você quis** fazer esse objeto, ou, fazer esse objeto **foi sua escolha...**, confirmando a existência de cada um a partir de suas próprias escolhas, escolhas feitas de acordo com a vontade, o desejo pessoal, que podiam ver concretizados na produção final.

Trabalhamos em diversas salas sem estrutura, na grama, no parque e na cozinha. Fomos inventando e brincando, uma brincadeira que foi dando a eles a oportunidade de “expressar o EU SOU, eu estou vivo, eu sou eu mesmo” (WINNICOTT, 1962, apud WINNICOTT, 1975, p.83).

Não havia preocupação em explorar conteúdos internos, mas sim permitir que os adolescentes dialogassem com os materiais e, com liberdade, descobrissem que podiam ser ao fazer. Eu sabia que as produções tinham um sentido que, quando necessário, eram acolhidos sim, mas limitei-me, na maior parte do tempo, a colher dados que na hora certa passariam a nortear o trabalho. Na verdade, durante todo o tempo eles me serviram para analisar os progressos e também criar situações com o fim de encontrar soluções para questões individuais, como a abertura de um atendimento extra para um dos adolescentes.

Brincamos durante muito tempo, e, em um dado momento, sugestões sobre o que fazer começaram a ser propostas pelos adolescentes, sugestões essas acatadas

prontamente. Construimos um robô com sucata, momento em que tiveram a ajuda do senhor que cuidava do espaço e sabia como adaptar um fio para colocar uma lâmpada na cabeça da máquina, fio que ligou cabeça e coração a pedido deles. Reformamos um pebolim ganho e que já estava desgastado, iniciando pelo projeto, verificando o que era preciso restaurar, qual material seria utilizado, planejando por onde começar e tudo o mais. Foi um trabalho árduo de lixar, pintar, pregar, utilizando materiais sem cor e de certo modo áridos. Quando o desânimo batia à porta, passávamos para técnicas artísticas, tais como mandalas de velas coloridas ou pintura com uso de massa acrílica como suporte.

Os resultados de suas experiências com os materiais foram melhorando e suas colocações tornavam-se cada vez mais pessoais, transformando-se em discursos sobre sonhos, desejos, futuro, descoberta de soluções para lá chegar. A autoconfiança e a autoestima melhoravam à medida que se descobriam.

Brincando trabalhamos pensamentos, sentimentos, sensações e intuições. Corpo, mente e alma.

É importante notar que, do ambiente restrito das salas onde trabalhávamos, os adolescentes começaram a ampliar seu espaço de atuação, podendo com o tempo mostrar-se e compartilhar suas realizações com os outros.

Essa etapa foi longa, pois para que o processo de criatividade se instale definitivamente é preciso tempo, assim como para o brincar (WINNICOTT, 1975).

Chegou então o momento em que decidi sugerir a confecção de máscaras gessadas no próprio rosto. Sabia que todo cuidado seria pouco, pois estaria sozinha com seis adolescentes.

A oficina de construção de máscaras gessadas

O objetivo primeiro dessa oficina foi o de propiciar a oportunidade de descoberta de personagens não conhecidos e que neles habitavam, personagens que poderiam ser portadoras de potenciais pessoais, ocultos ou esquecidos.

Discutimos muito sobre a técnica e os materiais e, sobretudo, refletimos sobre o cuidado com o outro, que deveria ser grande.

Ouvimos e conversamos sobre a canção Tanto Amar, de Chico Buarque, na interpretação de Ney Matogrosso, aqui reproduzida parcialmente:

Amo tanto e de tanto amar
Acho que ela é bonita.
Tem um olho sempre a boiar
e outro que agita

Tem um olho que não está
Meus olhares evita
E outro olho a me arregalar
Sua pepita.
A metade de seu olhar
Tá chamando pra luta, aflita
E metade quer madrugar
Na Bodeguita

Se os seus olhos eu for cantar
Um seu olho me atura
E outro olho vai desmanchar
Toda pintura

Ela pode rodopiar
E mudar de figura
A Paloma do seu mirar
Vira miura

É na soma de seu olhar
Que eu vou me conhecer inteiro
Se nasci pra enfrentar o mar ou faroleiro.....

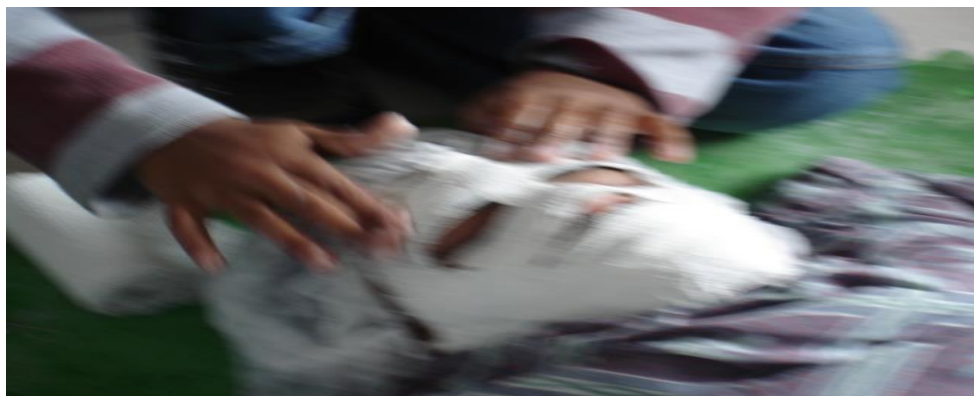
A confecção

Seriam confeccionadas seis máscaras. Um deles não quis fazer, ficando como fotógrafo, tarefa que realizou com muita propriedade.

Era inverno, então criamos um lugar aconchegante, com tapete de EVA e edredons para aquecer. Providenciamos toucas e creme para o rosto. Exluímos a proteção nos olhos, por escolha deles mesmos.

Encarreguei-me da confecção de uma delas e, quando necessário, auxiliei um ou outro que encontrava alguma dificuldade. Essa etapa transcorreu muito calmamente, não tendo ocorrido nenhum incidente.

Observando as fotos abaixo, podemos perceber a delicadeza das mãos desses adolescentes ao colocarem os pedaços de faixa molhada no rosto de seus pares. O clima era de confiança total uns nos outros.



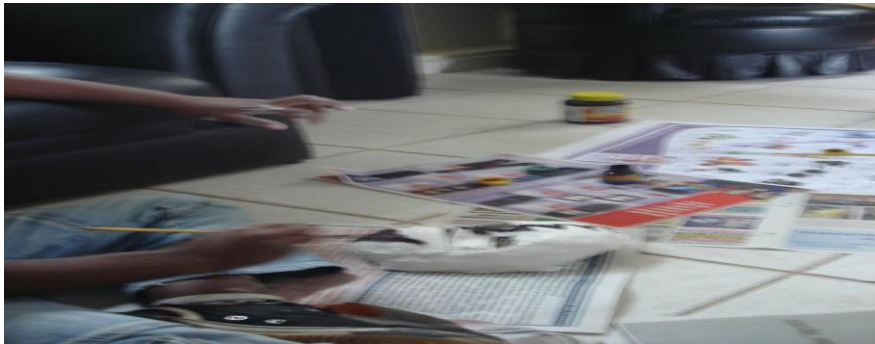


A pintura

Foi o momento em que os adolescentes sugeriram pintar **monstros**, quando, impactada, perguntei-me onde iríamos chegar e busquei supervisão.

Segundo Stein (2006, p. 110), “máscara ou persona, que é a pele psíquica entre o ego e o mundo, é não só um produto de interação com objetos, mas inclui também as projeções do indivíduo nesses objetos. Adaptamo-nos ao que percebemos que as outras pessoas são e ao que querem. *Isso pode ser consideravelmente diferente de como as outras pessoas nos veem ou se veem a si mesmas*”. (grifo meu).

Aí parecia estar a intenção, mesmo que não consciente, dos adolescentes: registrar o “COMO SOMOS VISTOS PELOS OUTROS” e, portanto, “COMO NOS VEMOS”, o que provocou o recolhimento de nosso EU, pela produção da dor.



Os autores das máscaras não quiseram conversar nesse momento, apenas perguntaram se podiam fazer a CASA DOS MONSTROS para a festa Junina que se aproximava.

Sugeri que se dirigissem à diretora, que prontamente aquiesceu, disponibilizando uma sala de aula para a instalação do projeto. A única orientação dada foi que, ao final do evento, a sala fosse devolvida no estado em que havia sido encontrada. O humano, com suas ambigüidades, aparece: ao mesmo tempo em que desacreditavam desses adolescentes, abriam espaço, e com amor, para que realizassem seu desejo.

Os jovens trabalharam incansavelmente por três manhãs, num ambiente de ótima convivência. Discutiram e planejaram o que e como fazer, compartilhando idéias sobre

assuntos a serem abordados e materiais a serem usados. Recolheram sucata no caminho de casa, compramos o que faltava. Criaram personagens. No dia da festa, colegas pediram para participar, sendo então permitido que distribuíssem os bilhetes de entrada e organizassem a fila. Mas na casa, tal como os outros, entrariam como convidados. A obra era do grupo da Arteterapia! Nem mesmo eu ajudei na montagem ou nas decisões tomadas. A energia era muita. Compraram outras máscaras para decoração. No dia, pintaram seus rostos, o que possibilitou uma grande aproximação entre eles e os pares, pela ajuda mútua. A fila que se formou foi longa e foi dada prioridade de visita ao corpo administrativo e funcionários.





A casa dos monstros

As outras atividades programadas para a festa tornaram-se desinteressantes.

Agora, vamos deixar que as imagens falem.

Fora



Dentro



Cena final



O tempo transcorreu com trabalho e alegria e, no meio da manhã, sem que eu esperasse, a diretora, a assistente social e duas voluntárias aproximaram-se de mim dizendo: “A, que coisa incrível o que esses garotos fizeram. Nunca pensamos que fossem capazes” de tal feito. Pedi, então, que na primeira oportunidade dissessem a eles. Eram eles que precisavam ouvir tal colocação para poder dizer: “AGORA ESTAMOS SENDO VISTOS POR NOSSOS POTENCIAIS”.

Assim que terminou a festa, iniciaram a limpeza e a organização do material usado, etapa em que ajudei por saber o quanto estavam emocionados e cansados. Tudo ficou em seu lugar.

No final, fizemos um ritual em torno de uma mesa provida com alimentos do dia e uma vela acesa no centro. Estávamos agora praticamente sozinhos e cada um pode dizer o que sentiu, como se sentia no momento e agradecer. Alimentados de corpo e alma, seguimos para casa.

O atendimento ao grupo continuou por mais seis meses, tempo em que o trabalho foi direcionado para questões específicas, compartilhadas pelo grupo ou individuais.

Resultados

Foi possível observar que com o trabalho arteterapêutico, os adolescentes conseguiram:

- Acrescentar dados positivos a identidade;
- Descobrir seus potenciais;
- Criar coragem para expressar seus desejos e incômodos;
- Melhorar sua autoconfiança e auto-estima, podendo, agora, colocar-se sem medo de errar e assumindo as conseqüências de suas escolhas;
- Sociabilizar-se, integrando-se a outras pessoas do espaço, adultos e pares.

A transformação irradiou-se por todo o espaço. O corpo docente reconheceu nesses adolescentes, potenciais que não sabiam existir passando a dar a eles atenção individual em sala de aula, como forma de ajudá-los em suas dificuldades de aprendizagem. Pode-se dizer que a imagem de monstro se despotencializou, dentro e fora deles, permitindo que seguissem na vida com mais força interior.

Considerações finais

Ter disponibilizado para esses jovens um espaço arteterapêutico como uma área para o brincar, com os materiais de artes plásticas, ajudou-os a entrar em contato profundo com a própria criatividade, fazendo-os enxergar novas possibilidades de ser, a

partir do ser único que cada um é, ativo e capaz de agir no mundo a favor de si próprio, dos outros e do ambiente em que vivem.

Conforme se transformavam e criavam coragem para se colocar, seu espaço de atuação ampliou-se a ponto de modificar o olhar daqueles que antes os estigmatizavam, colocando-os em um novo lugar na vida. Mudanças dentro e fora, em um tempo longo e em um espaço definido, em um ambiente de confiança e acolhimento amoroso, foram alcançadas. O que se pode esperar é que essas transformações se irradiem para outros espaços e tempos que virão. A luta desses jovens não é fácil, mas pode ser ganha.

Que essa experiência com o criativo, sirva de âncora para eles nos momentos difíceis, mantendo-os no lugar que descobriram ter direito a ocupar. Afinal, puderam dizer: “EU SOU, EU FAÇO, SOU RECONHECIDO DE FORMA POSITIVA E, COMO TAL, POSSO ME RECONHECER”.

Data de recebimento: 26 de Outubro de 2015.

Data de aceite: 24 de Novembro de 2015.

Referências

COLLARES C. A. L. e MOYSES, M. A. P. **A transformação do espaço pedagógico em espaço clínico**. Disponível em <http://www.emariocovas.sp.gov.br/pdf/ideias>, acesso em 23.10.2015.

GOFFMAN, E. **Estigma** – Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. http://disciplinas.stoa.usp.br/pluginfile.php/92113/mod_resource/content/1/Goffman%3B%20Estigma.pdf, acesso em 23.10.2015.

LEITE, E., Dinâmica Evolutiva do Processo Criativo. In: VIRGOLIM, A. M. R e ALENCAR, E. M. L. S. (orgs.) **Criatividade-Expressão e Desenvolvimento**. Rio de Janeiro. Ed. Petrópolis, 1994.

PARENTE, S. M. B. A., A Criação da externalidade do mundo. In. **Viver Mente e Cérebro**, Coleção Memórias da Psicanálise. Duetto, edição especial, n 05.

SIQUEIRA R C e CARDOSO Jr. H R., **Discussão conceitual de estigma aludindo o conceito fundador de Goffman e de autores que pautaram em suas idéias**. Disponível em <http://www.fundepe.com/novo/ivsief/trabalhos>, acesso em 28.09.2015.

STEIN, M. **Jung, O Mapa da Alma**: uma Introdução. São Paulo. Cultrix, 2006.

WINNICOTT, D. W. **O Brincar e a realidade**. Rio de Janeiro. Imago, 1975.

Artigo Original

‘ARTENGENHARIA’: UMA PONTE TRANSDISCIPLINAR PARA O DESENVOLVIMENTO DO POTENCIAL HUMANO

‘ARTENGINEERING’: A TRANSDISCIPLINARY BRIDGE FOR THE DEVELOPMENT OF HUMAN POTENTIAL

Ana Alice Trubbianelli⁵

Resumo: No instável e incerto cenário contemporâneo, a cada dia novas são as dificuldades e também as oportunidades, exigindo novas soluções e interações entre conhecimentos, demandando novas abordagens e formas de pensamento. Numa integração transdisciplinar entre Arteterapia e Engenharia, este artigo traz a proposta ‘ArtEngenharia’, que levanta sua estrutura explorando a arte enquanto linguagem simbólica e transformadora, e a engenharia como referencial analógico. A ‘ArtEngenharia’ vem se construindo como proposta de desenvolvimento humano pessoal e organizacional, em contextos diversos como o empresarial, o institucional e o educacional. Nesta construção, projetos específicos vêm sendo elaborados e aplicados conforme a demanda, no formato de atendimentos individuais, workshops ou programas contínuos, propondo a Arteterapia como recurso construtivo significativo no desenvolvimento dos projetos da engenharia da mente humana.

Palavras Chave: Desenvolvimento, Humano, Transdisciplinar, Arteterapia, Engenharia

⁵Engenheira Civil pela Escola Politécnica da USP – SP, Especialização em Arteterapia – USM – SP, Curso de Arteterapia & Alta Performance – CLADE – SP, Especialização em Psicologia Junguiana – FACIS & IJEP – SP, Extensão em Gestão de Pessoas – UNICAMP – SP, Especialização em Desenvolvimento do Potencial Humano nas Organizações – PUCCAMP – SP; Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6024279550232687>; AATESP: 277/0414; anaalice.arte-engenharia@hotmail.com; R. Frei Manoel da Ressurreição, 705, sala 3 – Tel, (19) 99625-9335

Abstract: In the unstable and uncertain contemporary setting, everyday, new are the difficulties and also the opportunities, requiring new solutions and interactions between knowledge, demanding new approaches and way softthinking. From a transdisciplinary integration between ArtTherapy and Engineering, this article brings 'ArtEngineering' proposal, which raises its structure exploring art as symbolic and transformative language, and engineering as analog reference. The 'ArtEngineering' has been building as proposal for personal and organization alhuman development in diverse contexts such as business, institutional and educational. In this construction, specific projects have been developed and applied according to demand, in the form of individual assistance, workshops or continuous programs, proposing the ArtTherapy as a meaningful constructive feature in the development of engineering projects of the human mind.

Keywords: Development, Human, Transdisciplinary, ArtTherapy, Engineering

Introdução

Reconhecemos a urgência de uma pesquisa verdadeiramente transdisciplinar em um intercâmbio dinâmico entre as ciências exatas, as ciências humanas, a arte e a tradição.

Declaração de Veneza da Unesco 1987
em Weilet al (1993)

Este artigo traz com a denominação 'ArtEngenharia' uma proposta de integração transdisciplinar entre Arteterapia e Engenharia para o desenvolvimento do potencial humano, tanto pessoal como organizacional. Tal proposta levanta sua estrutura explorando a arte enquanto linguagem simbólica, estruturante e transformadora, e a engenharia como referencial analógico, identificando a Arteterapia como recurso diferencial na *engenharia mental*, tanto no contexto pessoal como no organizacional.

Tanto a Arteterapia como a Engenharia estimulam, exploram e desenvolvem o potencial humano, desenvolvendo projetos de construções e reconstruções em diferentes contextos, ambos pertencentes, porém, ao universo da complexidade humana. Universo que em seu dinamismo sistêmico, permitiu neste trabalho aproximá-las, respeitando e reverenciando toda a abrangência, especificidade e profundidade que as diferencia, porém identificando na emergência de sua interação transdisciplinar, uma concepção essencialmente construtiva para a Arteterapia.

Assim, este artigo traz uma proposta transdisciplinar essencialmente sistêmica, concebendo o desenvolvimento humano como uma grande *Obra*. De Arte e Engenharia.

1. 'ArtEngenharia' no contexto Pessoal:

Neste contexto, a proposta 'ArtEngenharia', propõe a Arteterapia como expressivo recurso para as construções, desconstruções e reconstruções psíquicas, para o desenvolvimento do potencial pessoal. Segundo Jung (2007), todo homem tem potencialidades inatas e traz consigo uma tendência instintiva a realizá-las plenamente ao longo de sua vida. É o que chamou de "processo de individuação". Assim, todos nós temos um projeto a ser construído...

1.1 Engenharia:

Engenhar significa inventar; criar algo a partir de algo existente; transformar. Desde os primórdios, na engenharia tais transformações decorrem de uma necessidade, efetivando-se na realização de uma potencialidade, rumo a uma finalidade.

Segundo Rebello (2007), a primeira atividade humana de sobrevivência foi a alimentação. Mas nem sempre o alimento encontrava-se próximo, sendo preciso

caminhar para procurá-lo e muitos obstáculos eram encontrados. Algumas vezes existiam pontes naturais feitas de cipós ou de pedras que se compunham acidentalmente em estruturas. Quando não havia, porém, o homem procurava imitar a natureza, lançando mão de um tronco caído, ou empilhando pedras ou, ainda, fazendo tranças de cipó.

Segundo Rebello (2007), por volta do ano 5000 a.C. o homem aprendeu a domesticar animais e a cultivar grãos. Era a descoberta da agricultura. Por não ter mais tanta necessidade de procurar alimentos em locais afastados, e precisando estar próximo de suas plantações para os cuidados agrícolas, o homem passou a precisar de abrigos permanentes. E assim começa a construí-los.

Ao longo de seu desenvolvimento o homem foi então construindo suas próprias obras, com finalidades específicas de superação de dificuldades e atendimento de necessidades, percebendo-se, em consequência, como sujeito do seu ambiente. Através das mais remotas construções humanas, o homem conquista e assume sua subjetividade. Torna-se sujeito de sua ação construtiva, reconhecendo através dela, sua capacidade de criar.

Das épocas mais antigas aos tempos atuais, o homem não parou mais de construir, não só construções civis, como também equipamentos, meios de transporte, usinas e redes elétricas, máquinas de altíssimo nível de sofisticação e mais outras tantas conquistas tecnológicas. Ao longo do tempo, nos mais diversos contextos, épocas, lugares e culturas, a Engenharia não perde essa sua característica fundamental: é uma ação criativa finalista. Há um rumo. Uma finalidade. A obra de engenharia, a partir da situação e dificuldades que encontra, levanta-se a partir delas, e não em consequência delas. Para transformá-las...

1.2 Engenharia Psíquica:

A Engenharia foi então desenvolvida pela necessidade humana de aperfeiçoar o meio em que vive, para criar melhores condições de vida. Diante das necessidades, o homem imitava a natureza. Por analogias, fazia a construção física de que necessitava. Do mesmo modo, segundo Jung (2007), a mente humana tem a capacidade inata de fazer analogias – simbolizações – nesta proposta identificadas como pontes psíquicas.

Além deste paralelo, em seu livro: A Energia Psíquica, Jung apresenta a libido como a energia vital da psique. Segundo Silveira (2003), para Jung os fenômenos psíquicos são manifestações energéticas, passíveis de transformação de uma forma em outra, como acontece no mundo físico. Segundo Jung (2007), a energia psíquica abrange não só a sexualidade como também outras formas de energia, do mesmo modo que luz, calor, eletricidade são diferentes formas de energia física. Jung denominou “canalização da libido” as transformações desta energia: “Do mesmo modo que uma usina elétrica imita uma queda d’água, e assim se apossa de sua energia, também o mecanismo psíquico imita o instinto e, deste modo, apossa-se de sua energia para fins especiais” (JUNG, 2007, p.51).

Usei a expressão ‘canalização’ para designar a conversão ou transformação da energia. Com esta expressão penso em uma transferência das intensidades psíquicas de um conteúdo a outro, como o calor se converte, em uma máquina a vapor, em tensão do vapor e, em seguida, em energia do movimento. De maneira semelhante, a energia de certos fenômenos psíquicos se converte, por meios adequados, em outros dinamismos (JUNG, 2007, p. 49,50).

Constata-se, portanto, que para ilustrar a dinâmica da psique, Jung (2007) por diversas vezes recorre a analogias que se evidenciam como inerentes ao campo das engenharias:

Da mesma forma que o homem conseguiu inventar uma turbina e, conduzindo o curso d'água para ela, transformar a energia cinética nela contida em eletricidade, capaz de múltiplas aplicações, assim também conseguiu, com a ajuda de um mecanismo psíquico, converter os instintos naturais – que, de outra maneira, seguiriam sua tendência natural - em outras formas dinâmicas que tornam possível a produção de trabalho. O mecanismo psicológico que transforma a energia psíquica é o símbolo. (JUNG, 2007, p. 50-51).

Jung (2007) vê nos símbolos uma ação transformadora, a partir do encontro entre opostos, para a construção da totalidade psíquica: “Essa qualidade mediadora e lançadora de pontes do símbolo pode ser literalmente considerada um dos comportamentos mais engenhosos e importantes da administração psíquica” (JACOBI, 1986, p.92).

Assim, a partir destas analogias com a engenharia, pelas quais os símbolos promovem pontes entre polos opostos e transformações de energia psíquica, é que a proposta da ‘ArtEngenharia’ identifica a dinâmica psíquica como Engenharia Psíquica.

1.3 Arteterapia: um processo construtivo

Nesta Engenharia Psíquica, a Arteterapia, ao articular a linguagem simbólica inerente às linguagens artísticas, promove a emergência dos símbolos, que, como mecanismos transformadores de energia e pontes que integram opostos, vão promover construções, desconstruções e reconstruções psíquicas, integrando consciente e inconsciente rumo à totalidade psíquica, executando o projeto do Processo de Individuação.

Na Arteterapia, a arte se dispõe como uma confidente, proporcionando um lugar para a emergência símbolos, que de certa forma dispõem-se como códigos entre a pessoa e sua produção, mesmo que não compreensíveis. Segundo Jacobi (1986, p.90): “O símbolo é, então, uma espécie de instância mediadora entre a incompatibilidade do consciente e do inconsciente, um autêntico mediador entre o oculto e o revelado”.

Nesse fazer, há sempre um produto que pode servir de espelhamento, fonte de identificação e reflexão. Trata-se de mensagens complexas, metafóricas ou simbólicas do indivíduo para si e para os outros que, diferentemente dos sonhos, incluem não só material inconsciente, mas também consciente, intuitivo e intencional (CIORNAI, 2004, p. 83).

Há o que a pessoa conta ao suporte de sua produção – tela, argila, etc. - e o que sua produção lhe mostra de si mesma. Nos processos arteterapêuticos, entretanto, os conteúdos geradores da obra nem sempre já ficam conscientes com o seu término. A expressão artística, mesmo quando incompreensível racionalmente a princípio, mostra-se ao consciente, aguardando a evolução do processo. Um registro do indefinido. Um receptáculo do indizível. Que numa interação com o todo das outras expressões do indivíduo, incluindo-se a verbal, proporcionará a *ponte* para a compreensão gradual do processo, mesmo ainda de forma oculta nos símbolos.

A concretude do fazer na atividade arteterapêutica irá estimular, energizar e facilitar esses processos não só na arte, mas na totalidade do nosso ser, facilitando a geração de *insights* e o estabelecimento de pontes e de analogias com nossas construções internas, gerando assim novas compreensões e possibilidades. (CIORNAI, 2004, p.81,82).

Assim, é possibilitado um ordenamento dos conteúdos que vão emergindo, que pela expressão artística vão sendo recombinaados e integrados, proporcionando, além da conscientização, transformações, para a *construção* da totalidade psíquica.

1.4 'ArtEngenharia': Engenharia Psíquica através da Arte

Com esta finalidade de desenvolvimento do potencial humano, a proposta da 'ArtEngenharia' levanta-se na concepção finalista inerente à engenharia, que fundamenta também a teoria junguiana: "A concepção finalista vê as coisas como meios ordenados a um fim" (JUNG, 2007, p.32). Para Jung (2007), uma concepção estritamente causalista não abarca a complexidade do desenvolvimento psíquico: "a alma não pode ficar parada neste estágio, mas deve evoluir, convertendo as *causae*, para ela, em meios ordenados a um fim, em expressões simbólicas de um caminho a ser percorrido" (JUNG, 2007, p. 33).

Assim também Jung via a arte: "A obra de arte deve ser considerada uma realização criativa aproveitando livremente todas as condições prévias" (JUNG, 1991, p.60,61). Desta concepção da arte como função estruturante e transformadora, a 'ArtEngenharia' constrói sua proposta concebendo a Arteterapia não só como forma de contatar e expressar o indizível – tornando-o 'passível de trato' como tão bem dizia Nise da Silveira (2003) – mas também reconhecendo-o passível de desenvolvimento, propondo a Arteterapia como recurso construtivo significativo na engenharia psíquica humana, para a realização de uma grande obra: um ser diferenciado e integrado nos diversos contextos de sua existência.

2. 'ArtEngenharia' no contexto organizacional

Também no contexto organizacional, a engenharia vem nesta proposta como referencial analógico. Aqui, particularmente, o uso das analogias ao universo da engenharia traz uma concretude racional que promove a penetração empática da proposta em contextos técnicos e racionais, onde impera a produtividade. Introduzido em

diálogo com tal referencial exato, o uso das linguagens artísticas vai promover a interação dialógica do universo técnico e produtivo da engenharia com o universo sensível e intuitivo inerente às artes. Diálogo do qual, conforme esta proposta vai evidenciar, se constrói como ponte, a criatividade, constatada pelos estudiosos da área como indispensável ao cenário de inovação contínua do contexto organizacional contemporâneo.

2.1 Análise do cenário: a *sondagem do solo*

Iniciemos então tal construção analógica, pela *análise do solo*, que no contexto organizacional corresponde à análise do cenário em que se insere a organização. Segundo Abrahão (2011), sem esta análise a estrutura pode não erguer-se de forma segura, correndo riscos de não sustentar-se e desabar. Ao mesmo tempo, o solo reage sob as fundações e sofre deformações, influenciando o *comportamento* das obras segundo suas propriedades e *seu próprio comportamento*, cuja complexidade decorre de seu todo composto por material particulado e multifásico. Exatamente como os cenários em que se inserem as organizações... Nesta analogia, faz-se fundamental ao contexto organizacional que para a construção do desenvolvimento humano (*obra*) se faça uma análise do cenário (*estudo do solo*), uma vez que programas de desenvolvimento humano (estrutura e técnicas construtivas) precisam estar adequados a um público e contexto específicos (ambiente), cujos comportamentos, em sua complexidade, se inter-relacionam e influenciam.

No cenário contemporâneo de inovações contínuas, segundo Lima (2005), indispensável se faz valorizar as capacidades individuais e coletivas, gerando um sistema integrado, dinâmico e pró ativo. Necessitam-se essencialmente de profissionais

autônomos, capazes de trabalhar em equipe, capazes de adquirir e compartilhar conhecimento, com uma visão do todo que compõe o mundo da sua profissão. Segundo Crema em Weilet al (1993), são indispensáveis programas que possibilitem ao trabalhador um contexto de trabalho que integre o científico, o técnico e o humanístico, de forma a capacitar o profissional a integrar-se ao sistema produtivo e não enquadrar-se apenas como mais uma peça da engrenagem que move a organização:

O homem, então, se fez máquina. Robotizou sua mente e mecanizou sua rotina existencial. Reduziu o seu Mistério a engrenagens. *Nous*, o espírito, degenerou-se em intelecto, como denunciou Jung. A existência foi compartimentalizada. [...] Cada um aperta, *ad infinitum*, o parafuso que lhe cabe. A genial sátira de Chaplin, *Tempos Modernos*, muito bem o demonstra. O filósofo pensa, o matemático calcula, o seminarista reza, o padeiro faz pão, o poeta sente, o marceneiro martela, o místico delira, o cientista comprova, o professor ensina... e tantos parafusos mais (CREMA, 1993, in WEIL, 1993, p.133).

Segundo Lima (2005), esta “robotização” dos indivíduos na era industrial ocasionou um imenso, perdulário e catastrófico desperdício de inteligência. Segundo Crema em Weilet al (1993), o retalhamento de funções reduz o trabalhador a uma limitação funcional. A consequência é a infelicidade crônica e a desmotivação, pois a motivação depende de o indivíduo sentir-se inteiro e perceber-se parte de um todo maior que lhe faz sentido.

Neste cenário essencialmente dinâmico e complexo, segundo Lima (2005) a regra do “não pense, execute” vai sendo substituída por “invente, resolva, crie, discuta, delibere, participe”. Um contexto em que “o impulso, para agir, não resulta nem do constrangimento nem do lucro, mas da oportunidade dada aos membros do grupo para usar suas aptidões” (LIMA, 2005, p.90). Assim, os profissionais precisam, além do conhecimento técnico, desenvolver habilidades e atitudes, tanto para trazer resultados efetivos à organização como para o seu próprio desenvolvimento pessoal e profissional. Senge (2000) propõe

que o desenvolvimento organizacional se inicie no indivíduo, através de um processo de autoconhecimento, desenvolvendo habilidades individuais, passando então para o grupo, através do compartilhamento da visão e, finalmente, estendendo-se sistemicamente à organização como um todo. As competências individuais relacionam-se sistemicamente compondo as competências organizacionais, que segundo Dutra (2001), não têm existência sem as pessoas e suas ações. Do mesmo modo, na construção civil, “o *comportamento* dos materiais manifesta-se no *comportamento* das estruturas” (ALVA, 2010, p.17).

Assim, no contexto organizacional atual, entre conceituações variadas, o termo competências vem, imperativamente, como *estrutura* do desenvolvimento organizacional, cujos *pilares* de sustentação, entretanto, são as pessoas. Nas palavras de Oliveira (2006, p.264): “A concepção de pilares é uma fase importante no desenvolvimento de edifícios”.

2.2 Pessoas: *Pilares* da estrutura organizacional

Na construção civil os pilares possuem fundamental importância para o levantamento e sustentação das estruturas. Do mesmo modo, nas organizações, as pessoas são fundamentais para o *levantamento e sustentação da estrutura* organizacional.

Segundo Oliveira (2006), os pilares recebem, predominantemente, ações de compressão. Porém, recebem também forças de tração decorrentes das cargas horizontais, vindas da ação do vento ou de outras ações laterais atuantes na estrutura. Para que sejam capazes de suportar esta gama de esforços *opostos*, os pilares são feitos da associação do concreto com a armadura de aço, compondo o concreto armado, em que o concreto possui resistência à compressão e o aço possui resistência à tração. Ora,

também nas organizações as pessoas – seus *pilares* – estão submetidas a contínuos esforços, em direções diversas. Do mesmo modo que apenas o concreto – sem o aço – não suporta a gama de esforços solicitantes em uma estrutura, nas organizações, não é suficiente às pessoas o conhecimento técnico. Precisam, também, de habilidades e atitudes. Desta combinação é que se estruturam, como pilares resistentes, pessoas competentes.

Como a armadura que vem incorporada ao concreto, competências vêm de traços subjacentes ao comportamento. Segundo Rocha (2012), não se pode mais negar a necessidade do executivo utilizar os fatores racionais e irracionais subjacentes a uma tomada de decisão estratégica.

Segundo os estudiosos do contexto organizacional contemporâneo, dentre as competências demandadas, a criatividade faz-se imprescindível.

2.3 Criatividade – Uma ponte para o desenvolvimento

Neste cenário dinâmico e permeado pelo imprevisto, indispensável não só a flexibilidade para se adaptar às novas situações (Atitudes Adaptativas), mas também a capacidade de criá-las (Atitudes Ativistas). Com a inovação contínua, crescente é o número problemas que exigem novas e rápidas soluções, pois as utilizadas com sucesso no passado têm pouca chance de funcionar.

Aplicar a criatividade à administração de empresas é objeto de estudo em organizações com estratégia em inovação, uma vez que esse fenômeno, tratado por essas organizações como competência humana é utilizado como matéria prima no processo inovador (TUDDA e SANTOS, 2011, p.119).

Para Parolin (2003), é fundamental desfazer a crença de que a criatividade está restrita a áreas distantes do ambiente organizacional: “O desafio não é pequeno, mas é

um imperativo para os novos modelos de gestão” (PAROLIN, 2003, p.25). Suas pesquisas confirmam o papel da criatividade no aprimoramento da produtividade e da qualidade no trabalho. Segundo Kilian (2005), dela dependem a inovação e o empreendedorismo:

Criatividade é uma das ferramentas mais adequadas para se buscar maneiras de fazer mais com menos, de reduzir custos, de simplificar processos e sistemas, de aumentar lucratividade, de encontrar novos usos para produtos, de encontrar novos segmentos de mercado, de desenvolver novos produtos e muito mais (KILIAN, 2005, p.98).

Gramigna (2007, p. 226) também alerta: “A criatividade é um tema que faz parte do contexto atual das organizações. Aquelas que pretendem substituir o paradigma da sobrevivência pelo da expansão precisam se reinventar”. Segundo Predebon (2001), esta capacidade de reação criativa requer flexibilidade e abertura a novas ideias e abordagens. Constatam-se como diferenciais a exposição a experiências diversificadas, interesse por ideias e suas combinações, capacidade de fazer associações remotas, receptividade a metáforas e analogias, preferência pelo novo e pelo complexo, e independência de julgamentos. Destaca que as habilidades criativas devem ser desenvolvidas em todos os membros da organização e não restritas a grupos de pensadores sofisticados.

Para tanto, Hamel (2000) constata que a empresa inovadora está repensando seus conceitos. Segundo afirma, a inovação vai além de produtos, serviços, operações e estratégias de negócios. Conforme Montenegro (2007), a inovação precisa abranger também o contingente humano. Para Hamel (2007), é preciso buscar lições para a inovação em sistemas de alta adaptabilidade fora do universo corporativo. O autor propõe como gatilho, simplesmente começar a fazer perguntas. Afirma que a primeira delas, fundamental, é: o que poderíamos fazer de forma diferente?

2.4 'ArtEngenharia': a arte como recurso diferencial na *engenharia* mental

Segundo Predebon (2001, p.33): "Ideias novas não vêm do nada, sendo quase sempre produtos de associações entre referências de campos distintos." Segundo Pellanda (2001), existem hoje engenheiros, matemáticos, físicos e doutores em computação estudando a mente humana. O autor destaca o físico F. Davis Peat, que defende a unificação entre física e psicologia ao considerar indispensável uma ciência que explore o lado objetivo da consciência humana e o lado subjetivo da matéria. Constata que os novos paradigmas já estão aqui: não há mais fronteiras entre as ciências – tudo são relações. Em confluência, Carvalho (2002) alerta que o planeta tem urgência de ser mais integrativo e interdependente. Sendo o diálogo uma necessidade imperativa, não faz sentido catalogar o conhecimento em compartimentos herméticos. Imprescindível comunicar os saberes.

Tais constatações vêm encorajar a proposta transdisciplinar da 'ArtEngenharia'.

Destaque-se o item 3 da declaração de Veneza, da Unesco (1987):

Num certo sentido, esse enfoque transdisciplinar está inscrito no nosso próprio cérebro através da dinâmica entre seus dois hemisférios. O estudo conjunto da natureza e do imaginário, do universo e do homem, poderia nos aproximar melhor do real e nos permitir enfrentar, de forma adequada, os diferentes desafios de nossa época (WEIL *et al*, 1993, p.34).

Morfologicamente, o cérebro humano está dividido em dois hemisférios. Segundo Zamboni (2006), o hemisfério esquerdo é racional, analítico e sequencial. A ele cabe o pensamento lógico, a realização de operações matemáticas, o pensamento linear, decorrente dos processos racionais que lhe são inerentes e responsáveis pela construção da linguagem verbal. O hemisfério direito é sintético, intuitivo, imagético, acolhendo a realidade de forma global, decorrente de processos perceptivos e sensitivos.

Entretanto, embora seja comprovada a especialização das funções dos hemisférios cerebrais, identificam-se movimentos dialógicos entre eles. Equivocadamente associada ao hemisfério direito, na realidade a criatividade emerge da interação entre os hemisférios. Assim, a criatividade pode ser concebida como a *ponte* que se constrói entre intuição e intelecto, razão e emoção, com vias de mão dupla, conforme confirmam Angeloni (2002) e Damásio (1996), destacando a criatividade como produto de tais interações: “O que ocorre frequentemente dentro de um trabalho criativo é a existência de sequências de momentos intuitivos, seguidos de ordenações racionais” (ZAMBONI, 2006, p. 34).

No contexto empresarial, entretanto, Barros e Morais (2004) constatam que as pessoas são mais estimuladas a usar seu hemisfério esquerdo: racional, lógico e sequencial. Assim, segundo afirmam, não há carência de força criativa nas empresas e sim não se permite sua emergência decorrente do diálogo com o hemisfério direito, pouco estimulado em decorrência de restrições e cismões paradigmáticas: “Precisamos, pois, proporcionar estímulos ao lado direito do cérebro. Para isso, será necessário romper com certos padrões” (BARROS e MORAIS, 2004, p.110).

Esta proposta de integração ente Arteterapia e Engenharia, caminha, justamente, nesta direção. Na interação dialógica entre o universo técnico e racional da engenharia e o universo sensível e intuitivo inerente às artes, promove-se, essencialmente, tal diálogo entre os dois hemisférios, gerando a criatividade. Além disso, sendo uma linguagem não inerente à rotina produtiva das organizações, as atividades artísticas neste contexto rompem paradigmas e estimulam o pensamento lateral, caracterizado por De Bono (2002) como o processo de provocar o cérebro para novas percepções, ampliando a capacidade mental.

A arte, essencialmente, é grande mobilizador da imaginação, intuição, sensibilidade e apreensão do todo, que são habilidades do hemisfério direito: “A arte estimula a capacidade de imaginar, pensar o impensado, dar vida ao inexistente, transformar ideias em realidade”. (GRAMIGNA, 2004, p.68). Segundo Morin (1998), o conhecimento necessita da imaginação e da intuição, não existindo uma inteligência fria e unicamente lógica. O próprio Einstein considerava a imaginação poderosa faculdade psíquica, impulsionadora da ação criativa:

Einstein, em preciosos depoimentos sobre sua maneira de trabalhar, dizia que raramente pensava com palavras, pois primeiro ele tinha uma forma de pensamento visual (ícones), e só depois fazia a tradução de seus produtos em outros signos, como fórmulas, equações ou linguagem verbal (ZAMBONI, 2006, p. 28).

Embora não evidente ao senso comum, o próprio exato universo da engenharia vale-se de imagens e intuições. Brohn (2005) afirma que um esquema visual é crucial à concepção das estruturas, para que se desenvolva um “sentimento intuitivo” do *comportamento* dos sistemas estruturais. Schwark (2006) afirma que ao aprimorar a capacidade de percepção intuitiva, o engenheiro estará mais preparado para conceber uma estrutura: “As primeiras e mais importantes decisões na concepção de um projeto, relacionados à sua importância, necessidade, utilidade e tipo de solução são valores qualitativos e intuitivos” (SCHWARK, 2006, p.7).

Assim, a proposta da ‘ArtEngenharia’ nas organizações é proporcionar um espaço protegido de experimentação e simulação, onde, através das linguagens artísticas, se pode correr riscos e observar o que acontece. Lembremos que para Mandelli (2003), o maior estágio possível de integração de uma equipe é obtido quando todos compartilham os riscos.

Para Rhyne (2000), o contato com a arte no contexto empresarial pode torná-lo menos ameaçador, ao promover a fluidez, a espontaneidade e a criatividade. Muitas das questões que aparecem no fazer artístico neste contexto dizem respeito a posturas defensivas, desconfiança, exigência exacerbada de si mesmo, necessidade de ser confirmado por um líder e, inclusive, a uma falta de tato nas relações. Além disso, no ambiente de trabalho a dificuldade em identificar e transmitir em palavras, sensações e sentimentos presentes fica potencializada pela preocupação com a exposição, mas, por valer-se de recursos simbólicos e analógicos, esta proposta possibilita a preservação da intimidade do profissional, pois permite “alcançar um bom nível de aprofundamento, diante das atividades, sem que as mesmas sejam demasiado incisivas, não expondo os indivíduos em seus ambientes de trabalho” (ARANTES, 2008, p.9). O fazer artístico clareia percepções e possibilidades de transformação que se vislumbram e experienciam na atividade, simulando questões e situações relacionadas ao contexto organizacional, tocando e trabalhando também o contexto pessoal, porém preservando-o de exposições, conseguindo:

Oferecer uma série de experiências focadas e estruturadas para permitir recuperar, valorizar, ativar habilidades presentes, e todavia, pouco utilizadas no dia-a-dia do mundo do universo profissional, e por outro lado, um espaço realmente separado do mundo da organização onde se possa experimentar e colocar à prova hipóteses e comportamentos já presentes mas não usados por receio de provocar danos às relações ou outros (LUPERINI, 2008, p. 24).

Os programas de desenvolvimento humano propostos pela ‘ArtEngenharia’ vão ao encontro do que diz Starkey (1997) sobre a importância de proporcionar aos trabalhadores o conhecimento e o estímulo para que pensem por si, em substituição ao velho treinamento que oferece informações apenas na base do “eles precisam saber”. Segundo Arantes (2008, p.14), nas produções artísticas também “alcançam-se *metas*, por meio de

linguagens que se *trans-formam* em imagens, em palavras, em traços, em cores e em formas que compõem cada Ser”.

Outras questões evidenciadas no contexto organizacional são a ansiedade, medo, raiva, depressão, estresse e as somatizações, indicando desvios de energia. Segundo Rhyne (2000), a expressão artística traz em si o potencial de equilibrar o indivíduo com o meio, através da descarga de energias não utilizadas, proporcionando prazer, relaxamento das tensões e também como ponto de encontro dos mundos interno e externo ao indivíduo.

Tais aspectos nos levam de volta a Jung (2007) enfatizando na linguagem simbólica da arte, além do poder de canalizar a energia, o poder de transformá-la, aproveitando-a. As linguagens artísticas podem servir de condutores para as emoções, transformando-as em desenvolvimento individual e coletivo: “Se pudéssemos disciplinar as cargas energéticas de uma tempestade, teríamos imenso arsenal de forças. O mesmo acontece com as emoções humanas” (LIMA, 2005, p.110).

Segundo Arantes (2008, p.12): “A Arte contribui para a expansão e para o desenvolvimento criativo, desvelando as relações e as possibilidades potencializadas no processo de cada pessoa, para a conscientização dos conflitos e das dificuldades, bem como para o autoconhecimento”. Citando a Teoria Sistêmica, pela qual atuações e transformações em uma parte de um sistema afetam o sistema como um todo, Ciornai (2004) confirma que a concretude do fazer na atividade artística irá estimular, energizar e facilitar esses processos não só na realização da atividade artística em si, mas na totalidade do ser, facilitando a geração de *insights* e o estabelecimento de pontes e de analogias com suas construções internas e com seu contexto profissional, gerando assim novas compreensões e possibilidades.

O trabalho em artes plásticas, ao contrário do discurso verbal (naturalmente mais abstrato), nos permite não apenas concretamente perceber o que está ali, palpável, diante de nossos olhos, mas, no decorrer da atividade artística, concretamente identificar, selecionar, estruturar e organizar elementos de nossa percepção tanto do mundo, dos outros, como de nós mesmos – ou seja, de nós-em-relação. Da mesma forma nos permite concretamente desestruturar, desconstruir, modificar e também reenquadrar (mudar o “fundo”), reconfigurar, inserir elementos novos e eliminar elementos indesejáveis de nossas representações, transformando-as criativamente (CIORNAL, 2004, p.81,82).

Segundo Rhyne (2000, p. 11), as pessoas “poderão ver que os padrões de suas formas de arte simbolizam o modo como padronizam suas atitudes e comportamentos”. Arantes (2008, p.18) completa: “A harmonia entre a percepção interna e a manifestação externa fortalecem o indivíduo, ajudam-no a se reconhecer como ser existente para si mesmo e para sua empresa/mundo”. Dennis (2011) afirma que com a arte nas empresas os participantes desenvolvem habilidades, alinhamento de grupo ao contexto bem como compromisso e coragem frente aos desafios e mudanças organizacionais repentinas. Além disso, os participantes são chamados a negociar a resolução de problemas, explorar possibilidades e testar ideias em contexto mútuo, em uma linguagem que impulsiona a curiosidade, o questionamento, a auto responsabilidade, tomada de risco e reflexão crítica. Dennis (2011) relata que muitas das empresas do ranking das “Melhores Empresas para você Trabalhar” fizeram ou fazem uso da arte para desenvolver a organização.

A proposta da ‘ArtEngenharia’ no contexto organizacional, além de estimular o diálogo cerebral promovendo a criatividade, traz a Arte vem como mecanismo de engenharia mental, capaz de e promover transformações energéticas para produzir *trabalho*, transformando em desempenho o potencial humano nas organizações.

A qualidade humana no contexto empresarial consiste essencialmente em posicionar o trabalhador como sujeito de seu processo, de forma que não seja determinado por suas

circunstâncias externas, e sim crie as circunstâncias de que necessita, quando não as encontra. A proposta da 'ArtEngenharia', estruturada no fazer artístico, traz, em si, uma AÇÃO criativa, convocando, portanto, um SUJEITO que a realiza. Percebendo-se autor de suas produções, e estas como resultado de suas escolhas e ações, o indivíduo constata-se como sujeito de sua situação e não sujeito à sua situação, numa engenharia de construção e transformação, de seu meio e de si mesmo.

Considerações Finais

A partir do desenvolvimento do nosso potencial, todos nós temos um *projeto a ser construído*. A 'ArtEngenharia' vem como uma abordagem transdisciplinar inovadora ao explorar, com base na *fundação* teórica apresentada, as possíveis contribuições da Arteterapia e da Engenharia integradas para a *construção* do desenvolvimento humano tanto pessoal como organizacional. Tal proposta vem sendo construída não só teórica como efetivamente, com atendimentos individuais em ateliê, e também elaborando e executando projetos temáticos personalizados, específicos a cada necessidade, no formato de *workshops*, palestras interativas e programas contínuos *in company*, conforme a demanda, com concretos benefícios pessoais, profissionais, institucionais e organizacionais.

A relevância desta proposta amplia-se para a sociedade uma vez que o desenvolvimento que se inicia no indivíduo, estende-se aos grupos em que está inserido, repercutindo invariavelmente na sociedade como um todo. Os estudiosos da contemporaneidade vêm destacando que uma nova visão de mundo está em marcha, transformando paradigmas, à procura de soluções inovadoras e sistemicamente

integradoras, para sair da crise de fragmentação que está levando ao colapso o indivíduo, o meio ambiente e a sociedade como um todo.

Data de recebimento: 26 de Outubro de 2015.

Data de aceite: 28 de Novembro de 2015.

Referências

ABRAHÃO, R. O chão exige muito cuidado. **GEOeasy – Geotecnologias & Meio Ambiente**, publicado em 4 de Novembro de 2011. Disponível em: <<http://geoeasy.com.br/blog/?cat=25&paged=34>>. Acesso em: 20-08-2013.

ALVA, G. M. S. **Comportamento dos materiais e das estruturas**. Universidade Federal de Santa Maria. Curso de Graduação em Engenharia Civil ECC 1006 – Concreto Armado A, Santa Maria. 2010. Disponível em: <http://coral.ufsm.br/decc/ECC1006/Downloads/Aulas_5_6_2sem_2010.pdf> Acesso em 15-08-2013.

ANGELONI, M. T.(org). **Organizações do conhecimento: infraestrutura, pessoas e tecnologias**. 2ª edição. São Paulo: Saraiva, 2008.

ARANTES, S. M. R. **A Arte e o Terapêutico na Práxis Psicopedagógica nas Organizações**. Constr. psicopedag., São Paulo, v. 16, n. 13, dez. 2008. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1415-69542008000100002&script=sci_arttext> Acesso em: 12-05-2013.

BARROS, O.; MORAIS, J. A. **A Coragem de Mudar: este é o momento de um novo Brasil, que exige uma nova empresa, que exige um novo profissional (Coleção Nova Tecnologia da Administração)**. Juiz de Fora: Concorde, 2004.

BROHN, D. **Understaning structural analysis**. 3rd ed. London: New Paradigm Solutions, 2005.

CARVALHO, E. A. **Saberes Culturais e educação do futuro**. PGM 4 – Nabuscadenovosconhecimentos. 2002. Disponível em: <<http://www.uesb.br/labtece/artigos/Saberes%20Culturais%20e%20Educa%C3%A7%C3%A3o%20do%20Futuro.pdf>>. Acesso em: 12 nov. 2007.

CIORNAI, S. (Org.) **Percursos em Arteterapia: arteterapia gestáltica, arte em psicoterapia, supervisão em arteterapia**. Volume 62. São Paulo: Summus, 2004.

DAMASIO, A. **O erro de Descartes: emoção, razão e o cérebro humano**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

DE BONO, E. **O pensamento lateral**. Rio de Janeiro: Nova Era, 2002.

DENNIS, R. **Arte e negócios como forma de desenvolvimento**. Empreender para todos. Publicado em 05 de Dezembro de 2011. Disponível em:

<<http://www.empreenderparatodos.com.br/arte-e-negocios-como-forma-de-desenvolvimento/>> Acesso em: 28 de Agosto de 2013.

DUTRA, J. S. **Gestão por competências**. São Paulo: Gente, 2001.

GRAMIGNA, M. R. **Líderes Inovadores: Ferramentas de criatividade que fazem a diferença**. 1ª edição. São Paulo: M. Books do Brasil Editora Ltda., 2004.

GRAMIGNA, M. R. **Modelo de Competências e Gestão dos Talentos**. 2ª edição. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

HAMEL, G. **Liderando a Revolução**. Rio de Janeiro: Editora Campus, 2000.

HAMEL, G.; BREEN, B., **O Futuro da Administração** (The future of management) Traduzido por Thereza Ferreira Fonseca. São Paulo: Editora Campus, 2007.

JACOBI, J. **Complexo, arquétipo e símbolo na psicologia de C.G. Jung** São Paulo: Cultrix, 1986.

JUNG, C. G. **A energia psíquica**. Tradução Mateus Ramalho Rocha. 9ª edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007. 95 p. (Título original: Die DynamicdesUnbewussten).

JUNG, C. G. **O espírito na arte e na ciência**. Tradução Maria de Moraes Barros. 3ª edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 1991.

KILIAN, A. P. V. **O processo de geração de idéias fundamentado no pensamento lateral: Uma Aplicação para Mercados Maduros**. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, UFSC, 2005. Disponível em: <<http://www.tede.ufsc.br/teses/PEPS4772.pdf>>. Acesso em: 23-08-2013

LIMA, L.O. **Dinâmicas de Grupo na empresa, no lar e na escola: grupos de treinamento para a produtividade**, 1ª edição, Petrópolis: Vozes, 2005.

LUPERINI, R. **Dinâmicas e jogos na empresa: método, instrumento e práticas de treinamento**. Petrópolis: Vozes, 2008.

MANDELLI *et al.* **A disciplina e a arte da gestão das mudanças: como integrar estratégias e pessoas nas organizações**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003.

MONTENEGRO, I. **Excelência Operacional: O Desafio da Melhoria Contínua**. São Paulo: Sobratema, 2007.

MORIN, E. **Complexidade e Liberdade - Ordem, separabilidade e lógica: os pilares da ciência clássica**. Publicação de ensaios *Thot*, Associação Palas Athena, São Paulo, n.67, p.12-19, 1998. Disponível em: <<http://www.geocities.com/pluriversu/complexi.html>>. Acesso em: 29 out. 2007.

OLIVEIRA, M. B. *et al* **Concepção de pilares em concreto armado e de pilares em aço**. X Encontro Latino Americano de Iniciação Científica e VI Encontro Latino Americano

de Pós-Graduação – Universidade do Vale do Paraíba, São José dos Campos: 2006. Disponível em: http://www.inicepg.univap.br/cd/INIC_2006/inic/inic/07/INIC000071ok.pdf Acesso em: 12-07-2013.

PAROLIN, S.R.H. **A criatividade nas organizações:** um estudo comparativo das abordagens sociointeracionistas de apoio à gestão empresarial. Caderno de Pesquisas em Administração, São Paulo, v. 10, nº 1, janeiro/março 2003. Disponível em: <http://www.ead.fea.usp.br/cad-pesq/arquivos/v10n1art2.pdf>. Acesso em: 16-06-2013.

PELLANDA, L. E. C. **Psicanálise numa Visão Sistêmica.** Pôster apresentado ao Congresso Internacional de Psicanálise, Nice, França, 2001. Disponível em <http://pessoal.portoweb.com.br/pellanda/portpost.htm>. Acesso em: 15 set. 2007.

PREDEBON, J. **Criatividade hoje:** como se pratica, aprende e ensina. 2ª ed. São Paulo: Atlas, 2001.

REBELLO, YOPANAN C. P. **A Concepção Estrutural e a Arquitetura.** São Paulo: Zigurate Editora, 2007.

RHYNE, J. **Arte e Gestalt:** Padrões que convergem. São Paulo: Summus, 2000.

ROCHA, R. A. **O pensamento racional lógico, a intuição e a criatividade no processo de administração estratégica.** Tese de Doutorado- Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Tecnológico, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/78405>. Acesso em: 17-07-2013.

SCHWARK, M. P. **Sugestões para um curso intuitivo de engenharia de estruturas.** 2006. Dissertação (Mestrado em Engenharia). Escola Politécnica da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

SENGE, P. **A quinta disciplina:** arte, teoria e prática da organização de aprendizagem. São Paulo, Best Seller: 2000.

SILVEIRA, N. **Jung.** 19ª edição. (Coleção Vida & Obra). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

STARKEY, K. **Como as organizações aprendem:** relato do sucesso das grandes empresas. São Paulo: Futura, 1997.

TUDDA, L. e SANTOS, A. B. A. **Teorias para o desenvolvimento da criatividade individual e organizacional** RAD Vol.13, n.1, Jan/Fev/Mar/Abr 2011, p.116-133. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/rad/article/view/3846/4233>. Acesso em: 16-06-2013.

WEIL, P.; D'AMBRÓSIO, U.; CREMA, R. **Rumo à nova transdisciplinaridade:** Sistemas abertos de conhecimento. 4ª edição. São Paulo: Summus, 1993.

ZAMBONI, S. **A pesquisa em arte:** um paralelo entre Arte e Ciência. Campinas: Autores Associados, 2006.

Artigo Original

A PESQUISA E AS PUBLICAÇÕES EM ARTETERAPIA NO CENÁRIO NACIONAL

RESEARCH AND PUBLICATIONS ON ART THERAPY AT NATIONAL SCENE

Maíra Bonafé Sei⁶

Resumo: A Arteterapia se apresenta como um campo de atuação profissional em expansão no Brasil. Contudo, ainda tem um percurso insipiente no que se refere à pesquisa científica. Tal cenário pode ser constatado por meio da escassez de publicações presentes em bases de dados como SciELO, PePSIC e LILACS. Objetivou-se, então, traçar um panorama destas publicações, discorrer sobre o perfil dos textos publicados e das revistas científicas que aceitaram este tipo de texto, além de discutir as possíveis questões geradoras de tal cenário. Pensa-se que o pequeno número de textos de Arteterapia nestas bases de dados mostra-se como um reflexo da ausência de programas de pós-graduação stricto sensu em Arteterapia, com a necessidade de se pesquisá-la por meio de programas de áreas afins. Além disso, entende-se que os livros ofertam uma visibilidade aos autores mais reconhecida pelo público-alvo dos arteterapeutas, fomentando a escolha destes profissionais por este tipo de disseminação. Entende-se ser necessário efetuar um trabalho de conscientização dos profissionais acerca da importância da publicação e consulta aos periódicos científicos, que se configuram como uma fonte de material bibliográfico avaliado por pares e, assim, mais consistente no que se refere ao conteúdo publicado.

Palavras-chave: Arteterapia; Pesquisa; Publicações.

⁶ Psicóloga; Mestre e Doutora em Psicologia Clínica pelo IP-USP; Professora Adjunta do Departamento de Psicologia e Psicanálise da Universidade Estadual de Londrina. E-mail: mairabonafe@gmail.com.

Abstract: The Art Therapy presents itself as a professional field in expansion in Brazil. However, it still has an incipient path in relation to scientific research. This scenario can be verified through the scarcity of publications related in databases such as SciELO, LILACS and PePSIC. This study aimed to draw a panorama of these publications, debate the profile of the papers and journals that accept this type of text, and discuss the potential issues that generate such a scenario. It is thought that the small number of art therapy texts in these databases shows up as a reflection of the absence of post-graduate programs in art therapy with the need to research it through related areas programs. In addition, it is understood that the books proffer visibility to authors recognized by the target audience of art therapists, encouraging the choice of these professionals for this kind of dissemination. It is understood to be necessary to make one of the professional awareness campaign about the importance of the publication and consultation of scientific journals, which act as a source of bibliographic material evaluated by peers and thus more consistent with regard to published content.

Key words: Art therapy; Research; Publications.

Introdução

A Arteterapia é um campo do conhecimento que está em franca expansão, especialmente no cenário brasileiro, com ampliação da oferta de cursos de especialização, associações regionais de Arteterapia e publicações na área. Um marco do reconhecimento acerca do trabalho realizado pela área foi a inserção da ocupação “arteterapeuta” na Classificação Brasileira de Ocupações em 01 de Janeiro de 2013. A CBO descreve que os profissionais das terapias criativas, equoterápicas e naturológicas

Realizam atendimento terapêutico em pacientes, clientes e praticantes utilizando programas, métodos e técnicas específicas de arteterapia, musicoterapia, equoterapia e naturologia. Atuam na orientação de pacientes, interagentes, clientes, praticantes, familiares e cuidadores. Desenvolvem programas de prevenção, promoção de saúde e qualidade de vida. Exercem atividades técnico-científicas através da realização de pesquisas, trabalhos específicos, organização e participação em eventos científicos. (CBO, 2015)

Com isso, tem-se uma maior possibilidade de formalização da atuação destes profissionais.

Apesar deste crescimento, percebemos que a entrada na Arteterapia no campo da pesquisa científica e das publicações qualificadas é ainda incipiente (SEI; FABIETTI; PELA, 2011.). Não há um programa de pós-graduação stricto sensu em Arteterapia, de maneira que as pesquisas de Mestrado, Doutorado e Pós-Doutorado em Arteterapia acabam por serem conduzidas em programas afins, como Artes, Ciências Médicas, Educação, Enfermagem, Psicologia, dentre outros.

Compreende-se que tal realidade influencia na escassez de periódicos destinados à publicação em Arteterapia. No Brasil conta-se com apenas duas revistas científicas em Arteterapia, editadas por associações regionais, sendo elas: Revista Científica Arteterapia Cores da Vida, da Associação Brasil Central de Arteterapia, publicada no formato digital desde o ano de 2005 e a Revista de Arteterapia da AATESP, publicada pela Associação de Arteterapia do Estado de São Paulo, cujo primeiro número foi lançado no ano de 2010. Ambas possuem periodicidade semestral, necessária à qualificação em algumas áreas de avaliação da CAPES, como no Qualis Psicologia.

Indica-se, neste sentido, que para que uma revista figure no estrato B no Qualis Psicologia, por exemplo, é necessário que ela atenda os seguintes critérios mínimos: possua um número de ISSN, tenha um editor responsável e conselho editorial, indicando a afiliação institucional dos membros dos conselhos, além do delineamento claro da linha

editorial e das normas de submissão, contando com uma periodicidade de ao menos um número por semestre. Os artigos submetidos devem passar por uma avaliação por pares, conterem resumo e abstract dos artigos, descritores em português e inglês, além da data de recebimento e aceitação de cada artigo (CAPES, 2013). Por meio destas normativas, busca-se um grau de qualidade acerca do material publicado por estas revistas.

Considerando-se este cenário, o presente artigo objetivou delinear um quadro acerca destas publicações, discutindo o perfil do material publicado e dos periódicos científicos que aceitaram este tipo de artigo, além de debater sobre as prováveis razões geradoras de tal cenário.

Método

Para a realização deste estudo foram consultadas as seguintes bases de dados: SciELO Brasil, plataforma de acesso aberto composta por periódicos de diversas áreas do conhecimento, bem qualificada pelos avaliadores de programas de pós-graduação stricto sensu; PePSIC, que se organiza como um portal de periódicos eletrônicos em Psicologia, agregando revistas nacionais e latino-americanas de acesso aberto; LILACS, índice da literatura científica e técnica da América Latina e Caribe, com 30 anos de existência e que busca favorecer a visibilidade, acesso e qualidade da informação em saúde nas regiões que abrange. Indica-se que as duas primeiras bases de configuram como bases de textos completos, sendo a primeira mais abrangente e a segunda específica de Psicologia, enquanto que o LILACS se mostra como uma base de resumos de obras, que incluem desde artigos até monografias, dissertações e teses, específicas da área da Saúde, mas não o texto na íntegra.

Partindo-se da hipótese de que o tema “Arteterapia” aparece ainda de forma incipiente nos periódicos, elegeu-se esta palavra como único descritor nas buscas efetuadas. Dentro ainda desta premissa, optou-se por não delimitar um período específico de abrangência das publicações, aceitando-se resumos e textos de quaisquer datas.

Com os resultados da pesquisa em mãos, foi composta uma tabela, segmentando os dados em autores, título do material bibliográfico, em qual fonte ele se encontrava, data de publicação e base(s) de dados na(s) qual(is) o material figurava. Também foram delineados gráficos indicativos dos anos e fontes bibliográficas.

Resultados e discussão

Passa-se agora a apresentar e discutir os resultados obtidos por meio desta pesquisa. Por meio do levantamento realizado, foram encontrados um total de 40 menções a trabalhos a partir do uso do descritor “Arteterapia”. Contudo, houve algumas sobreposições entre trabalhos mencionados em diferentes bases de dados, resultando em 37 diferentes trabalhos encontrados por meio desta busca.

Tabela 1. Resultados da busca nas bases SciELO, PePSIC e LILACS, ordenados por data decrescente de publicação

Autores	Título	Fonte	Ano	Base de dados
Reis, Alice Casanova dos	Arteterapia: a arte como instrumento no trabalho do Psicólogo	Psicol. ciênc.prof	2014	LILACS
de Moraes, Aquiléia Helena; Roecker, Simone; Jodas Salvagioni, Denise Albieri; Jacklin Eler, Gabrielle	Significado da arteterapia com argila para os pacientes psiquiátricos num hospital de dia	InvestEduc Enferm	2014	LILACS
Oliveira, Santina Rodrigues	Arteterapia junguiana: arte... o quê?	Junguiana	2014	LILACS
Cardoso, Angela Maria; Munhoz, Maria Luiza	Grupo de espera na clínica-escola: intervenção em	Rev. SPAGESP	2013	PePSIC; LILACS

Puglisi	arteterapia			
Souza, Luciana Betti de Oliveira e	O vocabulário do criador os seis elementos das artes plásticas como ferramentas para terapeutas e educadores: qualidades e aplicações.	Constr. psicopedag	2013	PePSIC
D'Alencar, Érica Rodrigues; Souza, Ângela Maria Alves e; Araújo, Thábyta Silva de; Beserra, Francisca de Melo; Lima, Marta Maria Rodrigues; Gomes, Andreia Farias.	Arteterapia no enfrentamento do câncer	Rev. RENE	2013	LILACS
Marinelo, Gisele dos Santos; Jardim, Dulcilene Pereira.	Estratégias lúdicas na assistência ao paciente pediátrico: aplicabilidade ao ambiente cirúrgico	Rev. SOBECC	2013	LILACS
Saad, Maytê Aché	A orientação psicopedagógica à mãe e articulações com a aprendizagem de seu filho: enfoque sobre mitos, estilos cognitivo-afetivos e contribuições da arteterapia	Constr. psicopedag	2012	PePSIC
Godoy, Maria Gabriela Curubeto; Viana, Ana Paula Fernandes; Vasconcelos, Kamilla Angélica G de; Bonvini, Otorino	O compartilhamento do cuidado em saúde mental: uma experiência de cogestão de um centro de atenção psicossocial em Fortaleza, CE, apoiada em abordagens psicossociais	Saúde Soc	2012	LILACS
Duarte, Cássia Ávila	Intuição e Resiliência - uma combinação possível no trabalho com crianças no contexto de reabilitação	Constr. psicopedag	2011	PePSIC
Norgren, Maria de Betânia Paes	Cultura de paz e arteterapia	Constr. psicopedag	2011	PePSIC
Valladares, Ana Cláudia Afonso; Silva, Mariana Teixeira da.	A arteterapia e a promoção do desenvolvimento infantil no contexto da hospitalização	RevGauchaEnferm	2011	LILACS
Mafetoni, Reginaldo Roque; Higa, Rosângela; Bellini, Nara Regina	Comunicação enfermeiro-paciente no pré-operatório: revisão integrativa	Rev. RENE	2011	LILACS
Camargo, Váleri Pereira; Lena, Marisangela Spolaôr; Dias, Hericka Zogbi Jorge; Roso, Adriane Rubio	Costurando saúde: possibilidade de integração por meio da confecção de bonecos(as) de pano em uma CAPS infantil	Psicol. argum	2011	LILACS
Elmescañy, Érica de Nazaré Marçal.	A arte na promoção da resiliência: um caminho de intervenção terapêutica ocupacional na atenção oncológica.	Rev. NUFEN	2010	PePSIC
Stroh, Juliana Bielawski	TDAH - diagnóstico psicopedagógico e suas intervenções através da Psicopedagogia e da Arteterapia.	Constr. psicopedag	2010	PePSIC
Coqueiro, Neusa Freire;	Arteterapia como dispositivo	Acta paul.	2010	LILACS

Vieira, Francisco Ronaldo Ramos; Freitas, Marta Maria Costa	terapêutico em saúde mental	Enferm		
Simões, Érica de Nazaré Marçal Elmescany	Contribuições da arteterapia no cuidado com mulheres em tratamento do câncer de mama.	Rev. abordagem gestál.	2010	LILACS
Polity, Suzanne	Recontar é viver: resgatando a história de vida e a auto-estima de crianças com dificuldades de aprendizagem.	Constr. psicopedag	2009	PePSIC
Rego, Renata Marques	Expressão artística e teleatendimento: perspectivas para a melhoria de qualidade de vida no trabalho.	Psicol. cienc. prof.	2008	SciELO, PePSIC
Souto, Claudia Maria Ramos Medeiros	Violência conjugal sob o olhar de gênero	Tese em Português.	2008	LILACS
Vasconcellos, Erika Antunes; Giglio, Joel Sales	Introdução da arte na psicoterapia: enfoque clínico e hospitalar	Estud. psicol. (Campinas)	2007	LILACS
Barbosa, Izabel Cristina Falcão Juvenal; Santos, Míria Conceição Lavínas; Leitão, Glória da Conceição Mesquita	Arteterapia na assistência de enfermagem em oncologia: produções, expressões e sentidos entre pacientes e estudantes de graduação	Esc. Anna Nery Rev. Enferm	2007	LILACS
Ferreira, Rita Cecilia R.	Arteterapia na Terceira Idade	Livro: Tratado de Gerontologia.	2007	LILACS
Cintra, Maria Elisa Rizziand Macul, Priscila Gimenez Simão	Uma experiência de Arteterapia aplicada em na sala de espera de um Centro de Acolhimento para Refugiados.	Psicol. Am. Lat.	2006	PePSIC
Valladares, Ana Cláudia Afonso; Carvalho, Ana Maria Pimenta	A arteterapia e o desenvolvimento do comportamento no contexto da hospitalização	Rev Esc Enferm USP	2006	LILACS
Valladares, Ana Cláudia Afonso; Carvalho, Ana Maria Pimenta	Promoção de habilidades gráficas no contexto da hospitalização	Rev. eletrônica enferm	2006	LILACS
Sei, Maíra Bonafé; Pereira, Luísa Angélica Vasconcellos	Grupo arteterapêutico com crianças: reflexões	Rev. SPAGESP	2005	PePSIC; LILACS
Valladares, Ana Cláudia Afonso; Carvalho, Ana Maria Pimenta	A arteterapia no contexto da hospitalização pediátrica. O desenvolvimento da construção com sucata hospitalar	Acta paul. enferm	2005	LILACS
Valladares, Ana Cláudia Afonso; Carvalho, Ana Maria Pimenta	Produção de modelagem em sessões de arteterapia no contexto hospitalar pediátrico	REME rev. min. Enferm	2005	LILACS
Carvalho, Marcelo da Rocha	Terapia cognitivo-comportamental através da arteterapia	Arch. clin. psychiatry	2001	LILACS
Vaisberg, Tânia Maria José Aiello; Silva, Lélia Souza; Granato, Tania Mara Marques; De Felice, Eliana Marcello Aiello-Vaisberg, Tânia	Tricotando para o bebê que se espera: arte terapia para gestantes na clínica winnicottiana	Mudanças	2001	LILACS
Aiello-Vaisberg, Tânia	Arteterapia para crianças	Pediatr.	1999	LILACS

Maria José		Mod		
Piñera, Patricia; González, Orestes.	Arteterapia	Av. méd. Cuba	1998	LILACS
Montenegro Medina, María Angélica; Paredes Merino, Angélica	El valor diagnóstico de la arteterapia en la severidad de la depresión	Rev. psiquiatr. clín. (Santiago de Chile)	1996	LILACS
Andrade, Liomar Quinto de	Terapias expressivas: uma pesquisa de referenciais teórico- práticos	Tese em Português.	1993	LILACS
Brasil, Luciana Mota	Arteterapia na terceira idade	Monografia em Português	1990	LILACS

Por meio do levantamento, nota-se uma ampliação do número de textos publicados ao longo dos anos, com predominância nos últimos cinco anos, período de 2010 a 2014, contabilizando um montante de 18 publicações frente aos 37 totais. Uma especial concentração dá-se no ano de 2011, que contou com um total de cinco dos 37 textos publicados.

Os anos de 2010 e 2013 também se destacaram com quatro textos mencionados nas bases de dados consultadas, com decréscimo no ano de 2014, que figurou com um montante de três textos. Acredita-se que esta diminuição pode ser decorrente não apenas da não publicação de textos na área de Arteterapia no referido ano, como também devido ao atraso na publicação destes periódicos ou à demora para atualização dos dados das revistas junto a estas bases.

Entende-se que tal cenário de aumento de publicações nos últimos cinco anos é condizente com o amadurecimento da Arteterapia no Brasil, lembrando que a função da União Brasileira das Associações de Arteterapia data de 2006, congregando associações regionais e fomentando a criação de novas associações. A UBAAT buscou estabelecer critérios para o credenciamento de curso, atentando-se para a qualificação dos docentes,

aspecto que pode contribuir para o envolvimento destes profissionais em cursos de graduação stricto-sensu e, posteriormente, acarretando em publicações na área.

Segue abaixo gráfico com a distribuição dos textos publicados conforme o ano de publicação destes.

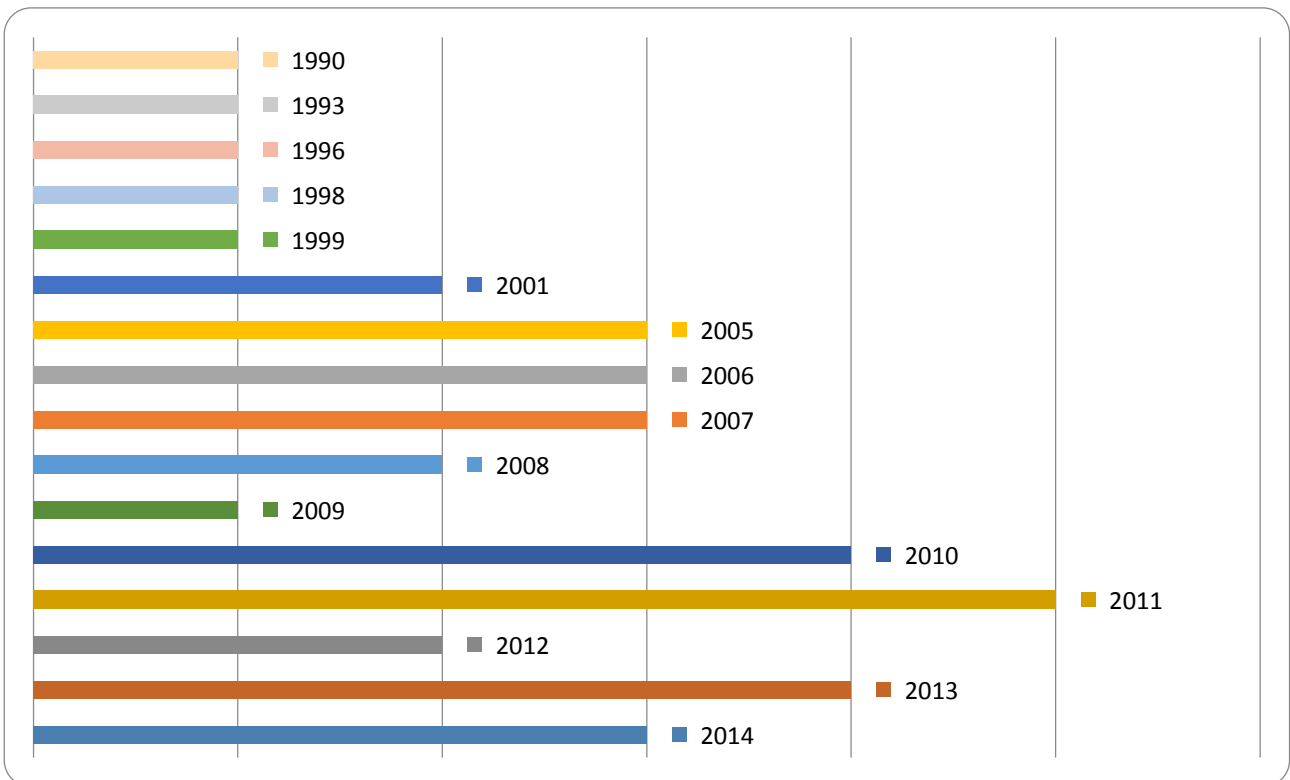


Gráfico 1. Distribuição por ano dos textos publicados.

No que se refere às fontes bibliográficas, nota-se que há um livro mencionado, duas teses de doutorado, com o restante dos 34 textos advindos de revistas científicas. Destaca-se o papel da revista *Construção Psicopedagógica*, visto que esta conta com seis artigos em Arteterapia publicados. Duas revistas da área de Enfermagem, *Acta Paulista de Enfermagem* e a *Revista da Rede de Enfermagem do Nordeste (RENE)*, possuem dois artigos publicados, assim como duas revistas da área de Psicologia, *Psicologia: Ciência e Profissão* e *Revista da SPAGESP*. Os demais periódicos.

Analisa-se que tal cenário deve-se à formação de base de vários dos profissionais responsáveis por estas publicações. Neste sentido, tendo em vista que vários profissionais da Arteterapia possuam uma especialização prévia em Psicopedagogia ou uma interlocução com o campo da Educação, é natural que isto reverbere na escolha do periódico *Construção Psicopedagógica* para o envio do texto.

Cabe também indicar que estes periódicos da área de Educação, Enfermagem e Psicologia aceitaram e publicaram os artigos, fato que denota um reconhecimento acerca da importância da Arteterapia. Para este aceite e publicação deve haver uma política editorial destas revistas que abra espaço para este tipo de contribuição, sem a qual o artigo poderia nem passar pela avaliação de pareceristas. Entende-se, assim, que artigos vinculados à Arteterapia podem fazer parte do foco e escopo das revistas que os aceitaram, reconhecendo, mesmo que implicitamente, a interlocução que a Arteterapia pode estabelecer com o campo de conhecimento destas revistas.

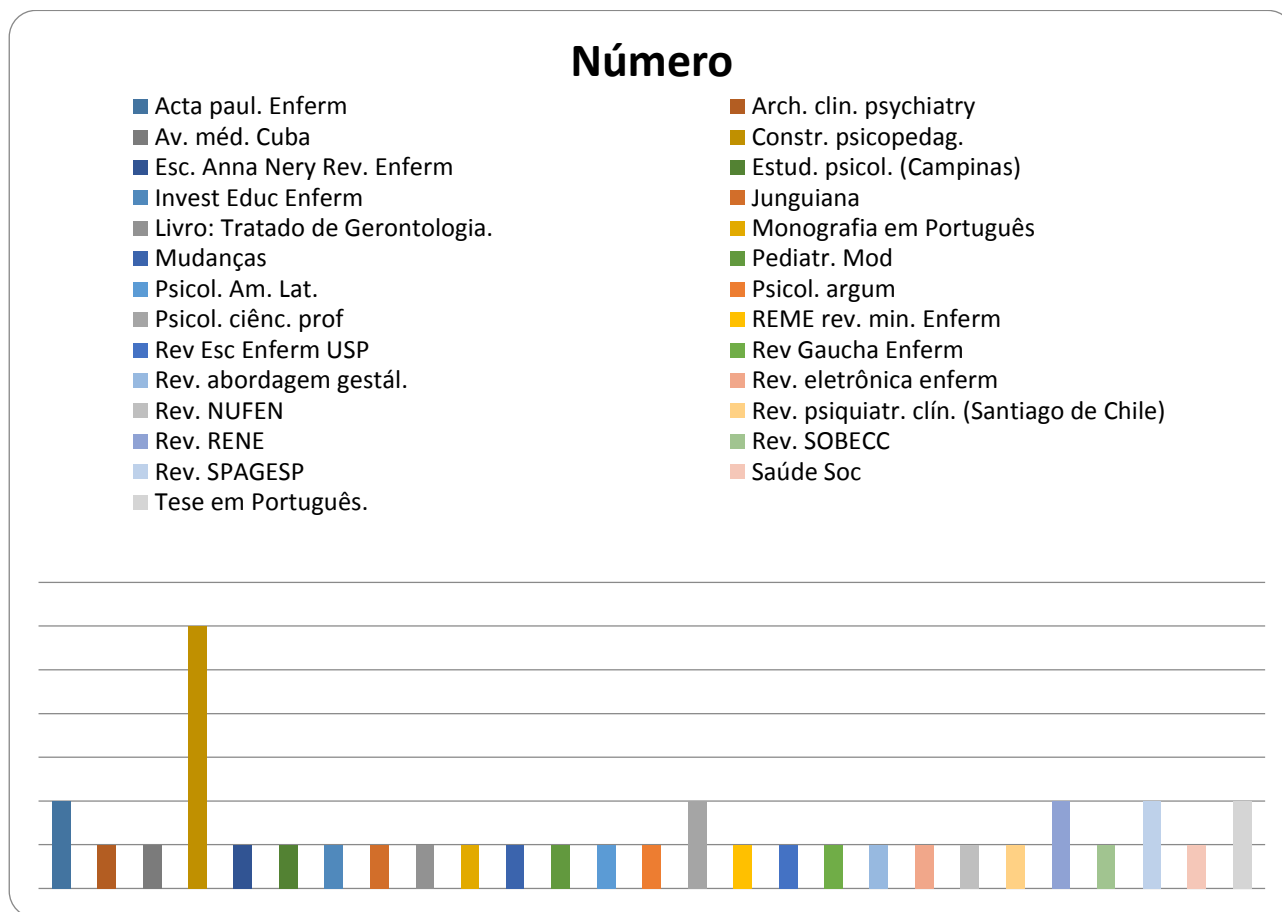


Gráfico 1. Distribuição por fonte bibliográfica dos textos publicados.

Observa-se que, apesar da existência de revistas específicas da Arteterapia no país, estas não figuraram neste levantamento. Isto se deve a estes periódicos não estarem indexados nas bases pesquisadas: LILACS, PePSIC ou SciELO. Adverte-se que para esta indexação acontecer é necessário que, além de determinadas características da revista e dos artigos por ela publicados, também que os responsáveis pela publicação (associação, conselho profissional, instituição de ensino, etc) disponham de equipe que realize os procedimentos necessários para a inserção das informações nestas bases, algo que demanda um investimento financeiro nem sempre existente para as entidades responsáveis pelas revistas brasileiras de Arteterapia.

Quanto à questão dos periódicos nacionais de Arteterapia, é importante ressaltar as diferenças existentes entre publicações que contam com um número de ISSN e aquelas que contam com um número de ISBN. Aponta-se para a necessidade desta diferenciação por haver publicações intituladas como revistas de Arteterapia no Brasil que ou não possuem um número de ISSN ou possuem um número de ISBN.

Assinala-se, com isso, que o ISSN (*International Standard Serial Number* = Número Internacional Normalizado para Publicações Seriadas) refere-se a um código aceito internacionalmente desenvolvido para individualizar o título de uma publicação seriada, ou seja, é um código dado a periódicos, sendo o tipo de numeração usado para diferenciar uma revista científica da outra, dentre outros tipos de publicações seriadas existentes. O IBICT é o único membro no Brasil responsável pela atribuição do código ISSN, desde 1980 apesar de já desenvolver estas atividades deste 1975 (IBICT, 2015).

Por outro lado, o ISBN (*International Standard Book Number*) refere-se a um sistema que identifica numericamente os livros segundo o título, o autor, o país e a editora, individualizando-os inclusive por edição. Neste caso o responsável pela atribuição desta numeração é a Fundação Biblioteca Nacional representa a Agência Brasileira do ISBN desde 1978 (Agência Nacional do ISBN, 2015).

Um exemplo de publicação que poderia ser considerada como uma publicação seriada, mas que recebe um número de ISBN são os Cadernos da AARJ: Estudos em Arteterapia vol. 1, 2, 3. Eles se configuram como uma publicação impressa da Editora WAK, portando um número de ISBN, com o perfil similar ao de um livro, apesar da distribuição ser seriada, distribuída em variados volumes, como aquilo que é realizado pelas revistas.

No que se refere ao acesso dos interessados aos textos produzidos, entende-se que as publicações eletrônicas apresentam uma vantagem, conseguindo alcançar um montante maior de pessoas, especialmente no caso de publicações gratuitas. Entretanto, ao não contar com uma linha de financiamento gera uma vinculação de caráter mais voluntário dos profissionais em relação à atividade de editor destas publicações, que dificulta a realização deste trabalho.

Compreende-se que as revistas brasileiras de Arteterapia ainda têm um percurso a ser trilhado no que concerne à divulgação e sedimentação do trabalho efetuado. Apesar do envolvimento dos editores e associações, entende-se ser necessário ainda estimular o envio e consulta de textos, além de buscar indexar estes periódicos em bases de dados como as aqui pesquisadas, ampliando o alcance dos artigos. Quanto aos periódicos das demais áreas, que publicaram textos de Arteterapia, acredita-se ser rico o diálogo com as áreas afins do conhecimento, lembrando que a Arteterapia advém desta conversa com outros campos (NORGREN, 2010). Com a inserção de artigos nestas revistas faz-se com que os demais colegas conheçam e respeitem a Arteterapia, aspecto positivo e que deve ser incitado.

Considerações finais

Considera-se, a partir do levantamento realizado, que o pequeno número de textos de Arteterapia nas bases de dados consultadas mostra-se como um reflexo da ausência de programas de pós-graduação *stricto sensu* em Arteterapia, que implica na necessidade de que esta área do conhecimento seja pesquisada por meio de programas de Mestrado, Doutorado e Pós-Doutorado em áreas afins.

Outro aspecto que pode influenciar a escolha dos inúmeros profissionais da Arteterapia em não submeter seus textos à publicação em revistas científicas refere-se à maior visibilidade dada pelos livros diante de possíveis clientes/pacientes. Este público acaba por reconhecer mais o trabalho de autores de livros do que aqueles de artigos científicos, a despeito do fato dos primeiros não necessariamente serem avaliados enquanto os segundos frequentemente recebem pareceres de profissionais qualificados no campo, garantindo a qualidade daquilo que está ali exposto.

Entende-se ser necessário efetuar um trabalho de conscientização dos profissionais acerca da importância da consulta aos periódicos científicos e publicação de material bibliográfico neste tipo de veículo, que se configura, como posto, como uma fonte de material bibliográfico consistente no que se refere ao conteúdo publicado. Acredita-se, por fim, que a acreditação e o interesse pelos periódicos, com consequente investimento e qualificação destes meios, se dará em conjunto com a ampliação de pesquisas de Mestrado, Doutorado e Pós-Doutorado em Arteterapia.

Data de recebimento: 26 de Outubro de 2015.

Data de aceite: 20 de Novembro de 2015.

Referências

Agência Brasileira do ISBN. **O que é ISBN?** Disponível em: <http://www.isbn.bn.br/website/o-que-e-isbn>. 2015. Data de acesso: 12 de Novembro de 2015.

CAPES – Coordenadoria de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. **Comunicado N° 001/2013 – Área de Psicologia – Atualização do WebQualis da área – Ref. 2011. 2013.** Disponível em: <https://www.capes.gov.br/images/stories/download/avaliacao/Comunicado01-2013webqualis-psic.pdf>. Data de acesso: 12 de Novembro de 2015.

CBO – Classificação Brasileira de Ocupações. **Descrição - 2263: Profissionais das terapias criativas, equoterápicas e naturológicas.** 2015. Disponível em:

<http://www.mtecbo.gov.br/cbosite/pages/pesquisas/BuscaPorTituloResultado.jsf>. Data de acesso: 12 de Novembro de 2015.

IBICT – Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia. **Sobre o ISSN**.2015. Disponível em: <http://www.ibict.br/informacao-para-ciencia-tecnologia-e-inovacao%20/centro-brasileiro-do-issn>. Data de acesso: 12 de Novembro de 2015.

NORGREN, M. B. P. Arteterapia rumo à profissionalização: perspectivas para o século XXI. **Textos do III Fórum de Arteterapia da AATESP**. São Paulo: AATESP, 2010.p. 67-73.

SEI, M. B.; FABIETTI, D. M. C. F.; PELA, M. R. B. . Por que publicar artigos em Arteterapia?. **Revista de Arteterapia da AATESP**, v. 2, p. 42-47, 2011.

Artigo Original

COM TEMPO: CRIAR-TE - A ATETERAPIA REFLETINDO SOBRE TEMPO NA COMPLEXIDADE DO MUNDO CONTEMPORÂNEO

WITH TIME: CREATE YOU - THE ART THERAPY ART REFLECTING ON TIME ON THE COMPLEXITY OF THE CONTEMPORARY WORLD

Dilaina Paula dos Santos⁷

Resumo: O mundo contemporâneo e sua complexidade têm trazido questionamentos e reflexões acerca de como lidamos com o tempo. O universo educacional vem sofrendo com as demandas desse mundo, o que reflete na qualidade do ensino-aprendizado como um todo, desde as primeiras aprendizagens infantis até os cursos de formação, entre eles os de formação de educadores e terapeutas. As exigências externas em contrapartida ao ritmo interno de cada pessoa têm gerado estados de ansiedade e sentimentos negativos. Estar presente e inteiro nas experiências e refletir sobre suas ações buscando estratégias para lidar com o tempo é a proposta que tenho oferecido através das oficinas em arteterapia.

Palavras chave: Tempo, arteterapia, experiência, presença.

Abstract: The contemporary world and its complexity have brought questions and reflections on how we deal with the time. The educational universe has been suffering with

⁷ Graduada em Artes Plásticas e Pedagogia; Psicopedagoga clínica e titular pela ABPp com especialização em Arteterapia; Mestre em Artes pela UNESP; Atuação em contexto clínico com crianças e adolescentes e supervisora de casos clínicos; Coordenadora de curso de Arteterapia da Faculdade Mozartem de São Paulo e Docente de cursos de Pós-Graduação em Psicopedagogia e em Arteterapia e de Graduação em Pedagogia Conselheira Científica da Revista Construção Psicopedagógica Publicada pelo Instituto Sedes Sapientiae; Palestrante em eventos científicos e entidades educacionais; Autora do livro: Psicopedagogia dos Fantoches: Jogo de imaginar, construir e narrar. São Paulo: Vetor, 2006 e outros artigos; Membro da diretoria da AATESP gestão 2009 a 2011.

the demands of this world, which reflects in the quality of the teaching-learning process as a whole, since the first children's learnings to the training courses, including the training of educators and therapists. External demands in contrast to the internal rhythm of each person have raised anxiety States and negative feelings. Be present and whole on the experiences and reflect on their actions seeking strategies to deal with the weather, is the proposal that I offered through workshops in art therapy.

Key words: Time, art therapy, experience, presence.

Para tudo há um tempo debaixo dos céus:
tempo para nascer, e tempo para morrer;
tempo para chorar e tempo para rir; tempo para
calar e tempo para falar... Ecle 3,1-5

Escolhi no tema do V Fórum de Arteterapia da AATESP “Complexidade do Mundo Contemporâneo”, falar sobre o tempo, algo que está implicado no nosso jeito de ser e de estar no Mundo.

Buscando a palavra “Contemporâneo”, encontrei, segundo o Dicionário Aurélio (p. 539), “que é do mesmo tempo, que vive na mesma época”.

E que época é essa em que vivemos? Que tempo é esse? Como lidamos com o tempo? Como a arteterapia lida com o tempo?

A correria cotidiana, o fato de acharmos que temos que dar conta de tudo, a perspectiva de um dia de 24 horas que é pequeno demais para tudo o que temos pela frente... Essa busca frenética pelo que temos que fazer, essa ilusão de controle pelo momento seguinte, pela hora seguinte, pelo dia seguinte, pela semana seguinte, pelo ano seguinte, sem nos deixarmos conduzir, deixar o mar nos navegar (como canta Paulinho da Viola), tem trazido às pessoas sensações ansiosas, muitas vezes desencadeando

doenças sintomáticas como Pânico, outras vezes um profundo vazio por não vivenciar o momento presente, com inteireza e qualidade.

Maldonato, 2012, reflete que o sofrimento e as doenças que temos hoje como psicossomáticas, cardiovasculares, imunitárias, nascem da escravização ao tempo, da impossibilidade de sonhar e ter esperanças.

Por sermos contemporâneos não precisamos viver o mesmo tempo que todos? Ou precisamos?

“Temos todo o tempo do mundo!!”

Será?

Ou

Não temos tempo para o tempo!!

Vivemos nessa terra, nesse mundo em que os ponteiros do relógio indicam que precisamos levá-los em consideração, para estar com outro, viver em sociedade, aprender conceitos culturalmente transmitidos, trabalhar... “O tempo físico, de alguma forma, nos obriga a compartilhar uma realidade cronológica comum a todos, e não há como fugir disso, a não ser, talvez, com a morte” (GUTTMANN, 2004, p. 255).

E qual é o tempo de cada coisa?

Os personagens Cronos e Kairós da mitologia grega nos apontam que já na antiguidade essa era uma questão humana. Cronos, o pai devorador que traz consigo o tempo cronológico, medido, que aprisiona dentro de si a possibilidade humana. Já Kairós é o jovem que traz o momento oportuno, daquilo que dá sentido à vida.

Como educadora, não poderia deixar de olhar para as relações do tempo com o aprendizado, tendo como sujeitos educadores e educandos e como lugares as instituições de ensino e o espaço terapêutico.

Atuo como professora de cursos de formação de professores, seja na graduação, pós-graduação, aperfeiçoamento ou extensões, e venho notando cada vez mais uma busca por cursos em que o número de horas é reduzido, pois se acredita que não se tem tempo para esse tipo de formação. Profissionais atuando sem se atualizar... deixando de se trabalhar internamente, sem preparo. E o mundo contemporâneo fazendo seu chamado.

Isso acontece também muitas vezes na formação do terapeuta, que acaba se incluindo em cursos NÃO PRESENCIAIS e tem, a meu ver, sua formação comprometida.

Trazendo essas constatações para a coordenação do Curso de Pós Graduação em Arteterapia da Faculdade Mozarteum de São Paulo, tenho buscado justamente o contrário, uma formação em que a PRESENÇA é o que mais importa. O TEMPO disponibilizado por cada aluno é algo a ser reverenciado como SAGRADO, pois é o tempo do aprendizado, da troca, do contato, do crescimento. “Essa presença é uma atitude altamente ativa, de estar inteiro, aberto, disponível, energizado, é estar com aquilo que é mais do que com aquilo que foi, poderia ou deveria ser”. (Tellegen, apud Santos, 2005, p. 109).

Venho notando, no espaço psicopedagógico/arteterapêutico, crianças, adolescentes e adultos com sérias questões relacionadas ao tempo.

Tenho recebido crianças muito pequenas com a queixa de ansiedade, desatenção, impulsividade. Crianças que não conseguem esperar, que precisam estar em atividade o tempo todo, mas que também não conseguem resolver suas atividades escolares no tempo exigido, ou com a qualidade exigida e necessária. O tempo para observar, refletir, assimilar, acomodar, parece não existir.

E o que dizer dos educadores que têm que lidar com essas crianças? Pais e escola...

Como é o tempo do professor que tem que ensinar conteúdos pré-programados e percebe que o tempo do educando é outro? Que o tempo de acomodação do aprendizado funciona de forma diferente? Em que cada um tem seu tempo?

Podemos relacionar a arteterapia como uma possibilidade de trabalho com o tempo. O tempo da secagem da tinta, o tempo da sessão, dos projetos.

Essas reflexões fazem-me remeter às crianças que, na sessão, querem terminar logo algo, para levar para casa, para poder fazer outra coisa... questionam se a tinta vai demora a secar, então não querem pintar. Nesses momentos pergunto a elas: quando tiramos um bolo do forno antes da hora, como ele fica?

Parece que é justamente isso que acontece com nossas crianças... Estão sendo tiradas do forno antes da hora...

Tive a oportunidade, certa vez, de observar duas mães conversando sobre seus filhos de 11 meses:

“Seu filho JÁ anda? Que bacana.”

“Seu filho AINDA não anda? Você precisa colocar no andador”.

A criança que começa a dar seus primeiros passos quer dominar seu corpo e os movimentos para explorar as coisas em novo ângulo. Para isso ela observa como fazem as pessoas ao seu redor e experimenta, devagar, apoiando-se em mesas e cadeiras, para depois se sentir segura e sair andando. Cada conquista é uma alegria (SANTOS, 2006).

Dentro do espaço de consultório, nos atendimentos psicopedagógicos com crianças, a cena se repete. É muito comum a queixa de que a criança é lenta, é imatura. De um lado pais que não observam um ritmo diferenciado de seu filho, do outro a

instituição escola que apresenta a queixa sobre a criança, pois a mesma não acompanha o ritmo da classe e os conteúdos impostos pela escola.

Geralmente essas crianças, que num determinado momento não conseguem ter a resposta esperada, acreditam que não são capazes de darem conta das questões do mundo real, voltando-se cada vez mais ao seu mundo interno, pouco assimilando os conteúdos, apresentando uma modalidade de aprendizagem hiperacomodatória. Muitas delas são diagnosticadas como TDA. Outras começam a vivenciar tudo de forma tão ansiosa, voltando-se somente para fora de si, não digerindo o aprendizado, apresentando uma modalidade de aprendizado hiperassimilatória. Essas são diagnosticadas com TDAH.

Observamos uma escola que antecipa cada vez mais os aprendizados das crianças, uma sociedade que acredita que escola boa é aquela em que as crianças aprendem precocemente, haja vista que no 1º ano (antigo pré), está sendo trabalhado o que antes encontrávamos na 1ª série. Crianças pequeninas já sentadas em cadeiras a maior parte do tempo, num treino motor em que se imagina e que se espera que elas estejam aprendendo. Um ensino médio que precisa preparar os alunos de 17 anos a entrar rapidamente numa universidade na qual ele ainda nem sabe o que vai fazer... A palavra de ordem é: ESTAR ADIANTADO.

Observamos pais que endossam tudo isso, preocupando-se com a quantidade de “coisas” que a escola passa... com o passar de ano, e assim, tudo passa.

Lembro-me da música: *Passa, passa 3 vezes a última que ficar.....*, sim, o ficar por último é passível de punições e se não for possível ficar em primeiro, não se fica em lugar nenhum.

Observamos as agendas cheias e o tempo em que os jovens poderiam voltar-se para si mesmos não existe, pois é ocupado com os celulares, Ipads, etc.

O desenho animado do “Pequeno príncipe”, baseado no livro de Saint – Exupéry, conta a triste história da menina que não tem tempo para ser menina, vivendo uma vida para satisfazer o outro, o outro que é o mundo, o mundo contemporâneo, vazio de significados.

Tenho trabalhado com educadoras que trazem a queixa de aflição por terem que dar conta de conteúdos que não motivam seus alunos e para os quais nem estão preparados.

A questão é: como achar a medida? Como o tempo interno e o externo podem conversar? Como a arteterapia pode ajudar as crianças, adolescentes e adultos a se desenvolverem no seu tempo interno e dar conta do tempo externo? Como a arteterapia pode ajudar o educador/ terapeuta a vivenciar O ESTAR PRESENTE NO TEMPO PRESENTE para que isso seja reverberado para seus alunos/ clientes?

Então, como achar o tempo de cada coisa, o tempo do encontro, do viver pleno. Do envolvimento com aquilo que é essencial. Para isso é preciso sabedoria. A sabedoria do Pequeno Príncipe, quando a raposa diz a ele: “foi o tempo que perdeste com tua rosa que fez tua rosa tão importante”.

Dar tempo ao tempo!!!

É perda de tempo???

Perder tempo???

Nada se pode perder no nosso mundo!!!

Nós, adultos e crianças, vivemos em sistemas em que o fazer ocorre de forma extremamente mecânica. Estamos nos deparando com um mundo cada vez mais descartável, onde as relações das pessoas com o que fazem em seu dia a dia parecem

cada vez mais superficiais. O mecânico do fazer não traz a plenitude do humano em seus aspectos afetivos, cognitivos e sociais; uma plenitude de viver o “aqui e agora” da existência. Aquilo que é feito mecanicamente é desconectado do que é pensado, do que é sentido (SANTOS, 2006).

As experiências vindas dessa relação são desprovidas de envolvimento, portanto, não se realiza verdadeiramente, não se cria, não se aprende com significado.

Dewey, (apud Santos, 2006), reflete sobre a diferença da experiência qualquer e da experiência com qualidade estética. Enquanto naquela temos dispersão e interrupções devido a não inteireza, nesta nos envolvemos em busca de um fim, há uma intenção no realizar. Uma pessoa dispersa na experiência, não estará tendo uma experiência completa. A pessoa que se apresenta inteira para a experiência, aprende nela e com ela. A experiência de aprendizagem é a experiência de um todo integrado que se organiza com algo novo.

A conquista desse “estar presente” ocorre pelo contato da pessoa consigo mesma; é preciso que ela veja a si mesma, se conheça, perceba suas possibilidades para, a partir daí, transformar a relação que estabelece com seu processo de aprendizagem. (SANTOS, 2005, p. 109).

Penso que o contato com a arte já, por si só, inicia um contato. Os materiais tocados pela pele, a possibilidade de observar o que fez. A satisfação do simplesmente fazer.

Numa enfática experiência estético - artística, a relação é tão íntima que controla simultaneamente o fazer e a percepção... As mãos e os olhos, quando a experiência é estética, são instrumentos através dos quais a criatura viva inteira, totalmente ativa e em movimento, opera. Então a expressão é emocional e guiada por um propósito. (DEWEY, apud SANTOS, 2006).

Observemos uma criança brincando, desenhando, pintando, modelando... Está

envolvida com seu ato, criando. Isso ocorre porque no ato criativo está implícita a presença do sujeito. (SANTOS, 2006).

Então o envolvimento na criação, na produção artística, poderia trazer um contato maior consigo mesmo, uma vivência do tempo interno que também se submete às necessidades da matéria, do tempo e espaço externo. Uma vivência a ser construída e conscientizada no fazer, na observação sobre o seu fazer e na reflexão sobre o que foi feito.

Este tem sido, muitas vezes, o meu olhar para as pessoas que me procuram e minha proposta arteterapêutica. Como exemplo vivo, trago a experiência de um grupo de mulheres que me procurou para o trabalho arteterapêutico. Quatro mulheres, 3 psicopedagogas, sendo duas atuantes em escola particular com ensino fundamental 1 e uma aposentada, atualmente trabalhando em clínica psicopedagógica, a outra é psicóloga, profissional da vara de justiça.

O motivo de elas estarem ali era poderem ter um espaço para relaxarem um pouco das angústias do dia a dia, se perceberem mais, compartilharem experiências, e assim se fortalecerem.

No início do ano, sugeri a confecção de um filtro dos sonhos com a intenção de trazer perspectivas que não são vislumbradas no dia a dia, para que cada uma colocasse ali as suas metas para o ano. Foi iniciado primeiro pela moldura, como um lugar em que os sonhos pudessem ser tecidos.

O Filtro dos Sonhos é “um amuleto típico da cultura indígena norte-americana que, supostamente, teria o poder de purificar as energias, separando os "sonhos negativos" dos "sonhos positivos", além de trazer sabedoria e sorte para quem o possui.” (www.significados.com.br.)

Foi contado o mito grego das Três Moiras (Wikipédia, a enciclopédia livre) para que elas pudessem se perceber como tecelãs de seus destinos, concretizando sonhos e desejos.

A cada encontro partes do filtro era tecido e objetos foram sendo colocados ali, como símbolos do que era importante para cada uma. O incômodo pela realização começou a ser expresso por cada uma de forma diferente: a exigência interna de perfeição, de simetria, de finalizar rápido, de não sair do lugar. Mas também apareceu o envolvimento, o respeito ao ritmo interno na conversa com o material.

A necessidade de adaptação ao meio gera desequilíbrios. Ostrower, reflete que o ato criativo parte de uma necessidade do humano e que não acontece de forma livre de quaisquer circunstâncias, mas sim de forma integrada, em que “procuramos atingir uma realidade mais profunda do conhecimento das coisas (...) sentimos que nos estamos desenvolvendo em algo especial para o nosso ser. (1997, p. 142).

A observação das angústias trazidas pelas participantes mobilizou em mim o desejo de trazer para elas o conto francês “A linha mágica”,(Bennett,1995), em que um garoto recebe uma bola em que, de dentro dela sai um fio que, ao ser puxado, adiantava o tempo.

As reflexões sobre o conto, sobre o próprio processo da realização das produções, sobre os trabalhos finalizados, juntamente com as cartas de Mandalas que foram retiradas no final, trouxeram à consciência padrões que elas estavam vivenciando e possibilidades de um fazer diferente para alcançarem objetivos. Observaram os nós, os vazios, as dificuldades e facilidades...



A angústia relacionada ao tempo apareceu para todas. Puderam perceber que a necessidade de cooperação, organização e verdade interna, tinha a ver com a necessidade de relaxar/deixar fluir, de contemplar, de estar mais presente.

A mandala pode trazer a reflexão de que podemos traçar os ponteiros do nosso relógio, que também é uma mandala, de uma forma mais harmônica, de diálogo entre o dentro e o fora.

No momento seguinte, fizemos a queima de tudo aquilo que gostaríamos de transformar.

A próxima atividade foi baseada em propostas vividas por mim anteriormente, em que cada pessoa escolhe uma reprodução de pintura e a contempla, escrevendo então o que vê, o que sente e o que imagina a partir da mesma. A partir das observações de cada imagem, uma nova seria confeccionada, uma releitura com as impressões de cada uma sobre a obra escolhida e novamente a reflexão do que eu vejo, eu sinto, eu imagino.

Depois das reflexões de cada uma, sugeri que realizassem um panô coletivo, em que o essencial de cada trabalho individual fosse colocado ali de alguma forma.



Apesar de os tecidos terem sido juntados com cola e não com a costura, denotando ainda uma necessidade de vê-lo pronto mais brevemente, houve observação, elaboração, construção, reflexão, compartilhamento.

Ao contemplarem o Panô, lembraram-se de músicas e fizeram questão de cantarem: *Paciência* (Lenine, 1999) e *Idade do Céu* (Paulinho Moska, 2005)).

Sugeri que escrevessem um texto coletivo, ao que elas acolheram prontamente, pois viam nele uma história que foi construída pelas necessidades do grupo:

O TEMPO PRA ALMA

O dia estava ensolarado e sair para pegar algumas ondas era uma ideia perfeita.

O tempo foi curto para arrumar tudo, pois a buzina já tocava e o celular não parava de vibrar.

Mas, o que mais me movia para as ondas era a vontade de dar atenção ao que me faria sentir leveza, a brisa, o contato comigo mesma.

Estar sobre as ondas, sentindo o calor do sol, a água batendo no meu corpo e na minha alma. Nesse instante, a buzina, o celular, a angústia...

Estariam longe.

A praia, a areia, a água, o sol... Se tornaram uma ideia fixa e, apesar da buzina, do celular e dos chamados, eu não conseguia pensar em outra coisa.

Calma, calma, sentir o coração bater e só ouvi-lo, além das ondas quebrando e do vento uivando. Calma, aproveitar o tempo... Tempo de sol e calor, tempo infinito, liberdade, prazer de viver.

Tempo, tempo, tempo...

Parar o tempo! O tempo não para, não, não para...

O grupo de mulheres se encontra em um lindo (profundo) processo de contato e de reflexão. Não resolveram seus problemas relacionados ao tempo (talvez ninguém consiga completamente), mas já podem pensar nele e vivenciá-lo sem tanta angústia. Dizem que vão para os encontros para um ENCONTRO, com elas próprias. Momentos de pararem, de sintonizarem outros aspectos delas mesmas, de percepção de outro nível de consciência. Estão num momento de buscarem estratégias para lidarem melhor com o tempo, mas relatam que só conseguem fazer isso com TEMPO. Tempo para questionar o tempo, observar, sentir, criar um novo relógio, criando um novo tempo. “A arte é uma das máximas expressões do homem sobre o tempo, a permissão e a necessidade do ser humano de transcender os limites físicos da vida, explorando e ampliando o poder de sua

capacidade criativa, transformando e recriando novas realidades”. (GUTTMANN, 2004, p. 25).

Observo que os momentos de vivência em arte têm ajudado as pessoas, crianças, adolescentes, mulheres, a vivenciarem a Experiência de Inteira de que nos fala Dewey, nesses momentos de Presença, de mente, de corpo e de Alma.

Finalizo com uma das preciosidades deixadas por nosso eterno Rubem Alves (2001, p.67):

O tempo pode ser medido com as batidas de um relógio ou pode ser medido com as batidas do coração.

Data de recebimento: 26 de Outubro de 2015.

Data de aceite: 24 de Novembro de 2015.

Referências

- ALVES, R. **As cores do crepúsculo: a estética do envelhecer**. Campinas: Papyrus, 2001.
- BENNETT, W. J. **O Livro das Virtudes**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995.
- COLAGRANDE, C. (org.) **Arteterapia para todos**. Rio de Janeiro: WAK, 2015.
- FERREIRA, A. B. H. **Novo Aurélio: O Dicionário da língua Portuguesa, Século XXI**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- GUTTMANN, M. **Armando e o tempo**. São Paulo: Paulus, 2008.
- GUTTMANN, M. A Criação Literária na Arteterapia. In: CIORNAI Selma (org.). **Percursos em Arteterapia: Ateliê Terapêutico, Arteterapia no Trabalho Comunitário, Trabalho Plástico e Linguagem Expressiva, Arteterapia e História da Arte**. São Paulo: Summus, 2004.
- MALDONATO, M. **Passagens de Tempo**. São Paulo: Edições SESC, 2012.
- OSTROWER, F. **Criatividade e Processos de Criação**. Rio de Janeiro: Vozes, RJ, 1997.
- SAINT-EXUPÉRY, A. **O Pequeno Príncipe**. Rio de Janeiro: Agir, 1996.
- SANTOS, D. P. A relação dialógica no processo terapêutico com crianças com dificuldades de aprendizagem. Em: CIORNAI, Selma (org.) **Percursos em Arteterapia: Arteterapia e educação, arteterapia e saúde**. São Paulo: Summus, 2005.

SANTOS, D. P. **Psicopedagogia dos fantoches: jogo de imaginar, construir e narrar.** São Paulo: Vetor, 2006.

<https://pt.wikipedia.org/wiki/Moiras>

<https://www.significados.com.br>

<https://www.youtube.com/watch?v=4GFtjI6Gsik>

<https://www.youtube.com/watch?v=Dy7qt38g3ls>

Artigo Original

CONSIDERAÇÕES SOBRE ARTETERAPIA NA CONTEMPORANEIDADE E SAÚDE MENTAL

CONSIDERATIONS ABOUT ART THERAPY IN CONTEMPORARY AND MENTAL HEALTH

Sandro J. S. Leite

Sonia Bufarah Tommasi

Resumo: O presente texto traz uma reflexão sobre o papel da Arteterapia na contemporaneidade, em função de seu caráter profissional híbrido, o qual permite um tráfego entre as áreas do conhecimento. Nesse sentido, pensar a Saúde Mental, nesse campo múltiplo, é aceitar as diferenças e focar o trabalho terapêutico que vise o bem-estar, especialmente na demência e na depressão, territórios ainda pouco explorados pela Arteterapia. Além disso, sugere-se uma ampliação do termo Saúde Mental para o de Saúde Psíquica.

Palavras-chave: Arteterapia, Contemporaneidade, Saúde Mental, Saúde Psíquica.

Abstract: This paper presents a reflection on the role of Art Therapy in the contemporary world, one which, due to its hybrid professional nature, allows transit between areas of knowledge. In this sense, thinking of Mental Health in this multiple field is accepting the differences and focusing on the therapeutic work aimed at personal welfare, especially in dementia and depression, territories largely unexplored by Art Therapy. In addition, it is suggested an expansion of the term Mental Health to that of Psychic Health.

Keywords: Art Therapy, Contemporaneity, Mental Health, Psychic Health.

Pensar a Arteterapia na complexidade do mundo contemporâneo é um desafio que se faz premente. A noção de complexidade se assenta na incompletude do conhecimento (MORIN, 2001a), o que significa referimento a uma impossibilidade de se abarcar o todo. Como um conjunto de disciplinas dialogando a partir da base Arte + Terapia, o caminho de incertezas e de construções/disrupturas que se configuram como condição da existência da Arteterapia indica a necessidade de um sujeito de ação (arteterapeuta) suficientemente gabaritado para lidar com as demandas deste mundo contemporâneo.

No contexto psicoterapêutico, a Arteterapia integra técnicas artístico-expressivas, originando uma relação terapêutica entre o sujeito (criador), o objeto de sua criação e o arteterapeuta. O recurso arteterapêutico estimula a imaginação, desperta simbolismos e metáforas que enriquecem o processo de autoconhecimento e de desenvolvimento cognitivo, afetivo-emocional e criativo (TOMMASI; MINUSSO, 2010). Portanto, “a proposta é pensar num espaço da Arteterapia como um *fazer-ser*. Exercer, como exercitar o ser; o fazer que produz o *ser*. O *ser* do sujeito como o concebemos, como *ser-em-devir* com outro. O objeto se presta a um *fazer*” (REISIN, 2006, p. 47).

Não mais um antropólogo de gabinete! Não mais uma noção positivista do mundo! Na atualidade, a reversão de valores diante de visões impostas a partir da objetividade revela-se inapropriada para abarcar a complexidade das manifestações. O livre trafegar do conhecimento e as penetrações das áreas dispõem diante de nós uma tela que se preenche de possibilidades, não mais de verdades estanques. É tempo de contextualizar, de globalizar informações (MORIN, 2001b).

Assim, também o processo arteterapêutico busca a integração dos conteúdos dissociados e conflitantes, possibilitando o diálogo entre o que está em cima e o que está embaixo, dando unicidade e completude ao ser humano (TOMMASI, 2011). Nas relações,

estabelecem-se possibilidades conectivas, também disruptivas, não havendo fronteira para exercitar o criativo, que é a força motriz do movimento que esse processo desperta.

O conhecimento não deve mais se pautar pela ideia de universalização, mas sim de constatação das diferenças. No contexto clínico, a supremacia das regras e técnicas levou a uma exacerbação do poderio do terapeuta e, especialmente, dos constructos teóricos aos quais ele se submetia como se fossem leis (NEUBERN, 2005). Parafraseando Tommasi (2011), o ensino da Arteterapia difere desse contexto porque mestre e discípulo caminham juntos por vias ainda não tráfegadas. Já Jung (2011b) alerta para a importância da técnica no trato com o outro, pois é um instrumento importante de manejo; no entanto, por trás da técnica há a pessoa, que é única.

Na contemporaneidade, a Arteterapia se situa diante de um plano de fundo heterogêneo, como o é sua fundação: constituindo-se, ao longo do tempo, como atividade híbrida, instrumentaliza-se para abarcar o outro tal qual agente que desenvolve um caminho criativo, rumo ao processo de autoconhecimento. Não há uma fórmula ou padrão, somente a verificação de situações favoráveis à livre expressão, à elaboração simbólica e ao manejo da relação terapêutica (LEITE; WAHBA, 2011).

A expressão que se objetiva pode revelar o caráter mítico, por meio de imagens que compõem a estrutura da psique. Ou seja, para Jung (2011a) a psique se constitui por imagens, as quais tecem possíveis temas míticos que exprimem e condensam as experiências humanas. Mas a psique tem meios de escapar do controle racional – a literatura, a arte, a música são algumas de suas aliadas: “a arte enlaça discursos de Sujeitos e Objetos. É onde a arte fala: em seus dizeres cantados, pintados, dançados, atuados” (REISIN, 2006, p. 47).

Quando se trabalha a subjetividade, a capacidade criadora/destrutiva/construtiva, o poder de síntese, trabalha-se o processo de autonomia, a qual é construída no intervalo entre aquele que se expressa e o outro. “Toda criação expressiva, seja ela “realista”, “abstrata” ou fantástica, um êxito ou um fracasso, está no mundo apenas como condição que expresse algo a alguém que faz parte dele” (PAÍN, 2009, p. 95). Nesse sentido, o estado de saúde que se almeja está no diálogo entre o interior e o exterior.

Para se compreender a Saúde Mental na atualidade, faz-se necessário analisar as relações humanas num mundo dinâmico: o novo é requisitado constantemente, e, ao obtido, já está obsoleto, o que gera ansiedade por obter algo novo, e assim por diante. O desejo incessante não se restringe somente a objetos, estende-se às relações humanas. Para Bauman (2004), a fragilidade dessas relações é constituída por vínculos cada vez mais superficiais e supérfluos, gerando, portanto, sentimentos de insegurança e desejos conflitantes que provocam dor, sofrimento, angústia.

A Saúde Mental é, nesse sentido, uma peça chave para a promoção de programas que visem o bem-estar, seja através de atividades físicas, comunitárias e pela arte (GOVERNMENT, 2011). Essa atuação se dá no nível de cuidado primário e pode se estender à população em geral, atingindo assim uma dimensão comunitária (CRONE et al, 2013). O tema da Saúde Mental não se limita ao contexto clínico, uma vez que a qualidade de vida que se imprime em atividades que visam o bem-estar vai além da competência destas. Atinge também uma dimensão governamental, uma vez que o custo gerado para se cuidar da saúde pública está diretamente ligado aos programas de promoção da saúde, como pode ser apreciado a partir de uma ampla pesquisa realizada no Reino Unido, para se avaliar a efetividade da Arteterapia e a relação custo-benefício (UTTLEY et al, 2015).

Há de se considerar, no entanto, que o termo Saúde Mental possa ser expandido. De sua conceituação genérica, ligada especialmente ao bem-estar físico e emocional, há também outras instâncias que, participantes do quadro geral das experiências humanas, também poderiam ser citadas. Por isso, sugere-se que a noção de Saúde Psíquica, ao envolver não só as dimensões psique-soma, venha a ser mais adequada, em função de sua envergadura conceitual.

Dois campos de atuação da Arteterapia, ainda pouco explorados, são a demência e a depressão, sendo que o estado de saúde esperado é o da manutenção da saúde e da qualidade de vida, além da redução dos sintomas e desenvolvimento de processos de elaboração simbólica com vistas à ampliação de significados e à autoconsciência. Ambos os quadros aliam a utilização farmacológica com a psicoterapêutica, e, em vista disso, a elaboração de um plano de ação conjunto deve se pautar pela postura do profissional arteterapeuta, diante de equipes médicas e institucionais.

Estudos sobre demência demonstram que as atividades com recursos expressivos, além de promover o bem-estar, contribuem para a redução do tempo de internação (BEAUCHET et al, 2014); também revelam efeitos positivos no comportamento e redução de sintomas (CHEN et al, 2014).

A depressão, segundo dados da Organização Mundial da Saúde, é uma das doenças mais incapacitantes da atualidade. Em uma pesquisa realizada com 395 arteterapeutas, no Reino Unido, 91% deles responderam já ter atendido pessoas com depressão (ZUBALA et al, 2013). Como uma doença de amplitude mundial, tem prevalência entre as mulheres e, de modo geral, limita as atividades profissionais, cotidianas e interfere nas relações familiares. Estudos em Arteterapia e atividades de arte com os mais variados públicos demonstraram resultados satisfatórios, no trato da

depressão. (SANDAK et al, 2015; IM; LEE, 2014; PARSA; HARATI, 2013; GUZMAN, 2011).

Pensar a atuação da Arteterapia na contemporaneidade é levar em consideração os grandes males que afligem a humanidade, é promover um conjunto de ações que priorizem a saúde. Essa ação coloca a Arteterapia em sintonia com as demandas de hoje e a instrumentaliza para uma efetividade de resultados (práxis), e, para tal, um aprofundamento de estudos e pesquisas *strictu sensu* é imprescindível. A legitimidade esperada de uma forma de intervenção com traços do pós-moderno (porque prioriza a desconstrução de modelos e privilegia a expressão individual) necessita estar assentada em uma base epistemológica sólida e permeável às flutuações que a própria condição contemporânea apresenta.

Aliar uma sistemática de atuação profissional à sensibilidade pertinente ao modo de ação da Arteterapia é o ponto de mutação que a diferencia de outras formas de intervenção. Trabalhar o novo sem dispensar o passado é uma tarefa que lhe compete, que a mantém viva e a desperta para os desafios contemporâneos.

Referências

BAUMAN, Z. **Amor Líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

BEAUCHET, O. et al. Geriatric Inclusive Art And Risk of In-Hospital Mortality in Inpatients With Dementia: Results From a Quasi-Experimental Study. **Journal of the American Geriatrics Society**, v. 62, n. 3, p. 573-575, 2014.

CHEN, R-C et al. Non-Pharmacological Treatment Reducing Not Only Behavioral Symptoms, But Also Psychotic Symptoms of Older Adults with Dementia: A Prospective Cohort Study in Taiwan. **Geriatr Geronto Intl**, v. 14, p. 440-446, 2014.

CRONE, D. M. et al. 'Art Lift' Intervention to Improve Mental Well-Being: An Observational Study from UK General Practice. **International Journal of Mental Health Nursing**, v. 22, p. 279-286, 2013.

GOVERNMENT, H. M. **No Health without Mental Health: A Cross-Government Mental Health Outcomes Strategy for People of All Ages.** London: Crown, 2011.

GUZMAN, A. B. de et al. Filipino Arts Among Elders in Institutionalized Care Settings. **Education Gerontology**, v. 37, p. 248-261, 2011.

IM, M. L.; LEE, J. I. Effects of Art and Music Therapy on Depression and Cognitive Function of the Elderly. **Technology and Health Care**, v. 22, p. 453-458, 2014.

JUNG, C. G. **A natureza da psique.** OC VIII/2. Rio de Janeiro: Vozes, 2011a.

JUNG, C. G. **Civilização em transição.** OC X/3. 5. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2011b.

LEITE, S. J. S.; WAHBA, L. L. O cuidador e a contratransferência. In: TOMMASI, S. B. org. **Arteterapeuta: um cuidador da psique.** São Paulo: Vetor, 2011. Cap. IX, p. 203-219.

MORIN, E. **Ciência com consciência.** 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001a.

MORIN, E. **A religião dos saberes: o desafio do século XXI.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001b.

NEUBERN, M. da S. A dimensão regulatória da Psicologia clínica: o impacto da racionalidade dominante nas relações terapêuticas. **Estudos de Psicologia**, v. 10, n. 1, p. 73-81, 2005.

PAÍN, S. **Os fundamentos da Arteterapia.** Petrópolis: Vozes, 2009.

PARSA, N. A.; HARATI, S. Art Therapy (Poetry Therapy) Can Reduce the Effects of Depression. **International Journal of Academic Research**, v. 5, n. 4, p. 149-152, 2013.

REISIN, A. **Arteterapia: Semânticas e Morfologias.** São Paulo: Paulinas, 2006.

SANDAK, B. et al. Computational Paradigm to Elucidate the Effects of Arts-Based Approaches and Interventions: Individual and Collective Emerging Behaviors in Artwork Construction. **Plos One**, p. 1-32, 2015.

TOMMASI, S. M. B. (org.) **Arteterapeuta um cuidador da psique.** São Paulo: Vetor, 2011.

TOMMASI, S. M. B.; MINUSSO, L. **Origami: em Educação e Arteterapia.** São Paulo: Paulinas, 2010.

UTTLEY, L. et al. The Clinical and Cost Effectiveness of Group Art Therapy for People With Non-Psychotic Mental Health Disorders: A Systematic Review and Cost-Effectiveness Analysis. **BMC Psychiatry**, v. 15, n. 151, p. 1-13, 2015.

ZUBALA, A. et al. Description of Arts Therapies Practice With Adults Suffering From Depression in the UK: Quantitative Results from the Nationwide Survey. **Arts in Psychotherapy**, v. 40, n. 5, p. 458-464, 2013.

Artigo Original

INSTRUMENTOS CLÍNICOS: MANDALAS & DESENHO ESTÓRIA

CLINICAL INSTRUMENTS: MANDALAS & DRAWING STORY

Irene Gaeta⁸

Resumo: O objetivo do presente estudo é verificar se há alguma correlação entre o desenho da mandala e os aspectos avaliados no Desenho – Estória. O Procedimento de Desenhos-Estórias (D-E) foi desenvolvido por Walter Trinca em 1972, visando sua aplicação como instrumento auxiliar de diagnóstico.

Palavras chaves: mandalas; diagnóstico; desenho-estória.

Abstract: The aim of this study is to verify if there is any correlation between the design of the mandala and the aspects evaluated Drawing - Story. The Story-Drawing Procedure (DE) was developed by Walter Trinca in 1972, for their application as an aid to diagnosis.

Key words: mandalas; diagnosis; drawing-story.

Introdução

O objetivo do presente estudo é verificar se há alguma correlação entre o desenho da mandala e os aspectos avaliados Desenho – Estória. O Procedimento de Desenhos-Estórias (D-E) foi desenvolvido por Walter Trinca em 1972, visando sua aplicação como instrumento auxiliar de diagnóstico. É uma ferramenta subjetiva que reúne dois meios de comunicação: o desenho livre e a contação de histórias. Possui uma aplicação simples,

⁸ Psicóloga clínica, arteterapeuta, analista junguiana IJUS/AJB/IAAP, coordenadora Pós-Graduação em Psicoterapia Junguiana, Recursos Corporais e Artísticos, Psicogerontologia, Estudos Avançados Junguianos – UNIP Universidade Paulista.

em que a pessoa conta uma estória para cada um dos 5 desenhos que realiza. Permite que o indivíduo contate áreas sensíveis de sua psique, revelando conflitos e desconfortos emocionais frente ao espaço vazio de uma folha em branco, o que possibilita ao arteterapeuta uma visão da estrutura e da dinâmica psíquica do paciente. Faremos um estudo do D-E e sua aplicação dentro da perspectiva da Psicologia Analítica de Carl Gustav Jung. Pioneiro na adoção da criação artística como parte do processo psicoterapêutico, Jung já entendia que o conhecimento das imagens internas, adquirido por meio da reflexão dessas imagens projetadas nas produções artísticas de seus pacientes, oferecia ao analista uma possibilidade de maior compreensão do psiquismo.

Jung considerava a mandala como um arquétipo de ordem, de integração e de plenitude psíquica, capaz de retratar o inconsciente num impulso instintivo de ordenação de um estado psíquico – configurando-se, assim, numa possibilidade de o ego entrar em diálogo com o inconsciente. Em suas pesquisas, ele observou que as mandalas podem surgir de forma espontânea quando a psique está em processo de reintegração, mas que também podem aparecer em momentos de desorientação psíquica, como forma de compensação.

A ideia que se introduz com o exercício proposto acima é a aproximação consciente do símbolo, promovendo um apaziguamento dos pensamentos e uma conseqüente entrada em estado meditativo, o qual irá alterar as estruturas neuronais do cérebro, como é comprovado por imagens de ressonância magnética funcional em diversas pesquisas sobre meditação. Isto irá estimular as emoções e sentimentos positivos e incrementar as capacidades da mente e diminuir o estresse.

Segundo Gaeta (2010), a criação espontânea de cor e forma dentro de um círculo pode deflagrar aspectos da personalidade ao desvendar a linguagem simbólica da

mandala. No contexto terapêutico, o uso das cores conduz à reconstrução do código subjetivo.

É essencial, portanto, observar quais são os tons usados com frequência, aqueles cuja ausência é obstinada, assim como os que provocam reverberações e potencializam associações com experiências vividas (GAETA, 2004, 2005, 2006, 2007, 2010).

A mandala geralmente se refere a qualquer forma de arte que é executada dentro de um contexto circular. Tem se tornado um ótimo instrumento terapêutico com numerosas populações e ambientes (terapêuticos), incluindo: esquizofrenia e desordens psicóticas, desordens dissociativas (Cox & Cohen, 2000), desordem de hiperatividade e déficit de atenção (SMITHDERMAN-BROWN & CHURCH, 1996) e pacientes com demência (COUCH, 1997). Há também a tentativa de usar mandalas como instrumento diagnóstico e formalizar a análise da mandala para se tornar um processo mais objetivo (KELLOG, MACRAE, BONNY, & DI LEO, 1977; KELLOGG, 1978).

Alguns estudos formalizaram o uso das mandalas como instrumento diagnóstico no simbolismo terapêutico (KELLOG et al., 1997). Embora a maioria das pesquisas sobre os aspectos curativos dos desenhos de mandalas fosse limitada a estudos de caso e observações clínicas (COUCH, 1997; KELLOGG ET AL., 1997; SMITHERMAN-BROWN & CHURCH, 1996), os resultados apresentados foram promissores.

Um destes estudos foi conduzido por Fox e Cohen (2000), que examinaram os padrões em um trabalho artístico em mandala, produzido por um indivíduo diagnosticado com Desordem de Identidade Dissociativa (DID). A maioria destes indivíduos tem vergonha, secretamente, por abusos sofridos na infância, achando-se inábeis para discutir informações delicadas em relação ao abuso. Codificando o simbolismo dos eventos traumáticos, o desenho permite aos pacientes a possibilidade de mantê-los em segredo

(tanto em relação a seus terapeutas, quanto em relação a si mesmos), embora os revelem, simbolicamente, o que promove a sua superação (Cohen & Cox, 1995).

Outro estudo de M. H. Slegelis (1987) procurou examinar o princípio de Jung que diz que desenhar dentro da forma circular da mandala promove cura psicológica. Os resultados sugerem que tais desenhos podem ser úteis como instrumento clínico.

O inconsciente é a fonte e direção de toda a consciência humana. É a fonte criativa de tudo o que evolui para a mente consciente e para a personalidade total de cada ser humano. É por meio da matéria-prima não elaborada do inconsciente que a mente consciente se desenvolve, amadurece e se expande para absorver o conjunto de qualidades potenciais que todo indivíduo tem em si. A consciência é compreendida, assim, como um “campo”, como a personalidade que conhecemos e vivenciamos.

Quando o conteúdo inconsciente encontra-se bloqueado ou retido pelos mecanismos de defesa, traumas, somatizações, ou stress, isto provocará um aumento do nível energético do inconsciente e a possibilidade de emergência de um novo símbolo, permitindo a transformação da estrutura da consciência e a assimilação do conteúdo inconsciente, que, anteriormente, não podia ser assimilado. O uso de desenhos de mandalas pode traduzir a expressão de conteúdos do inconsciente, configurando-se como instrumento de intervenção psicológica, o que os torna um instrumento clínico importante, por possibilitar a compreensão do sujeito.

Mandalas

Mandala é uma palavra sânscrita que significa “círculo”. O círculo é a forma perfeita. A mandala, portanto, refere-se a uma figura geométrica com subdivisões mais ou menos regulares, em quatro ou em múltiplos de quatro que, segundo Carl Gustav Jung, expressa

a totalidade do universo e da alma humana, que se irradia de um centro – o âmago da psique, que Jung chamou de Self (JUNG, 2001).

O círculo é um ponto estendido que congrega o centro, a cruz e o quadrado em si. O ponto e o círculo possuem propriedades simbólicas comuns: perfeição, homogeneidade, ausência de distinção ou de divisão, simbolizando o mundo. Jung mostrou que o símbolo do círculo é uma imagem arquetípica da totalidade da psique, o símbolo do Self, ao passo que o quadrado é o símbolo da matéria terrestre, do corpo e da realidade. O círculo é um símbolo de proteção assegurada dentro de seus limites.

O quadrado é uma das figuras geométricas mais frequentes e universalmente empregadas na linguagem dos símbolos. É um dos quatro símbolos fundamentais, juntamente com o círculo e a cruz. A cruz inserida no quadrado é a expressão dinâmica do quaternário. O círculo e o quadrado simbolizam dois aspectos fundamentais: a unidade e a manifestação. Nas relações entre o círculo e o quadrado, existe uma distinção e uma conciliação. Portanto, o círculo será para o quadrado aquilo que o céu é para a terra, a eternidade para o tempo, embora o quadrado se inscreva dentro de um círculo.

Segundo Jung (2001), a mandala pertence ao domínio dos símbolos religiosos mais antigos da humanidade e, talvez já existisse desde a era paleolítica. Está presente nos desenhos rupestres Rodesianos. O símbolo da mandala é uma das mais importantes fontes para a objetivação das imagens inconscientes. Sua função é proteger o centro da personalidade, o lugar sagrado, de invasões e influências exteriores. Assim, por exemplo, ele considera a mandala tibetana, com um trovão no centro e oito pétalas, como o símbolo da libido: “... se querem visualizar a fonte de libido ou energia inconsciente, essa seria a imagem adequada.” (JUNG, 2001, p. 15)

As mandalas são a expressão simbólica da vida, do crescimento a partir de um ponto alimentador que fornece energia a um todo. É um vai e vem constante entre o interior e o exterior do movimento vital de todo o ser, que oscila constantemente entre a expansão, a exploração e a volta ao centro, para aí encontrar a fonte de energia, integrar os dados recebidos e organizar uma nova investigação. É a força centrífuga, que leva o ser humano para a exploração, e a força centrípeta, que traz o indivíduo para a introspecção (HORSCHUTZ, 2010).

É um modelo da jornada da alma, cujo percurso se move da periferia para o centro, em busca da apreensão da totalidade.

O sistema límbico do cérebro, incluindo a amígdala, responsável pela memória, traumas, música, entonação verbal, metáforas, também responde a símbolos com um contexto emocional, tais como ícones, mandalas e arte. A amígdala associa emoções com símbolos. Ela recebe informações do córtex e as integra em informações sensoriais externas e internas, o que resulta na experiência de realidade do indivíduo. (CARRUTHES, 2009, apud HORSCHUTZ, 2010, p. 20).

Ter o domínio da universalidade da imagem é muito importante para os terapeutas que utilizam as metodologias expressivas da psique.

As imagens que surgem na consciência dos pacientes, através do trabalho do trabalho lúdico presente na criação das mandalas, contribuem para organizar a história individual e integrar a psique.

Na cultura oriental, a mandala representa a condição perfeita, a finalização de tudo. Em sua representação, o centro é absoluto. Há um círculo com quatro portões que rompem o muro protetor para permitir a entrada e a saída da libido. As portas são idênticas às quatro funções de orientação do Ego: pensamento, sentimento, intuição, sensação (JUNG, 2001).

É possível então, com experiência e certa dose de sensibilidade, alcançar o sentido profundo das imagens com alta carga afetiva, desenhadas ou pintadas pelo paciente.

Jung lembra-nos que o fato de tais imagens, em certas circunstâncias, terem efeito terapêutico considerável sobre seus autores, é empiricamente comprovado, além de ser compreensível, posto que representam, não raro, tentativas ousadas de ver e reunir opostos aparentemente inconciliáveis e vencer divisões aparentemente intransponíveis. Jung afirma ainda que a simples tentativa nessa direção usualmente apresenta efeito curativo.

A pintura pelo próprio paciente produz efeitos incontestáveis, embora esses efeitos sejam difíceis de descrever. Basta, por exemplo, que um paciente perceba que, por diversas vezes, o fato de pintar um quadro o liberta de um estado psíquico deplorável, para que ele lance mão desse recurso cada vez que seu estado piora. O valor dessa descoberta é inestimável, pois é o primeiro passo para a independência, a passagem para o estado psicológico adulto. Usando esse método – se me for permitido usar este termo – o paciente pode tornar-se independente em sua criatividade. Já não depende dos sonhos, nem dos conhecimentos do médico, pois ao pintar-se a si mesmo – digamos assim – ele está se plasmando. (JUNG, 1985 p. 46)

Para Jung a imagem e seu significado são idênticos, e à medida que a primeira assume contornos definidos, o segundo se torna mais claro. A forma assim adquirida, a rigor, não precisa de interpretação, pois ela própria se basta e descreve o seu sentido.

Jung percebeu que a estrutura da psique humana está formada em torno de determinados “arquétipos” (ou conjuntos de símbolos) e que as raízes fundamentais desses arquétipos alcançam as profundezas do inconsciente coletivo da humanidade. Ele descreve a mandala como o símbolo do centro, da meta, do Self, enquanto totalidade psíquica que corresponde à centralização da personalidade.

Atualmente Abuhoff (2009) et al da Hofstra University NY USA, publicaram um artigo sobre sua pesquisa com desenhos de Mandala como instrumento de avaliação para

mulheres com câncer de mama. O estudo integra a terapia da arte e sua relação com o monitoramento não invasivo de pacientes com câncer de mama, na relação com a saúde e o estado emocional, interpretado como tratamento e acompanhamento. Catorze mulheres diagnosticadas com câncer de mama foram convidadas a criar desenhos de mandala em cada consulta médica. Durante cada visita, às participantes foram oferecidas uma placa branca com um contorno de círculo preto e 15 lápis de cores. Quatro avaliadores independentes examinaram 39 Mandalas para o uso da cor, a pressão da linha e consistência. Doze das catorze participantes, com base na avaliação da Mandala, mostraram uma correlação entre o seu estado físico e seu desenho.

Os resultados sugerem que os desenhos de Mandala são úteis como um instrumento de avaliação. Esta abordagem pode orientar o médico na apreensão de informações valiosas que podem ser bloqueadas por processos conscientes.

Carl Gustav Jung, (1875-1961) descreve a mandala em sua obra como um criptograma do self.

O desenho de mandala permite o acesso a conteúdos conscientes e inconscientes do indivíduo. O que os diferencia é a organização dada a priori. Sugere-se que o sujeito responda um estímulo externo, graficamente organizado, e observam-se seus mecanismos de adaptação a uma ordem que contém centralização e eixos. Pode-se, assim, verificar o máximo de organização possível para aquela psique naquele momento, à medida que se propõe uma organização externa que contempla o círculo – o centro, o limite e o quadrado (representado pela folha de papel) - possibilitando orientação segundo os eixos horizontal e vertical.

A localização, ou seja, a perspectiva pode ser vista como uma medida da compreensão do indivíduo.

- Quadrantes - verificar a localização horizontal e vertical no desenho do círculo, de acordo com Buck (2003) um planejamento das relações espaciais no desenho indica a capacidade do indivíduo para compreender e reagir com sucesso a aspectos mais complexos, mais abstratos e mais exigentes da vida. Do ponto de vista dos quadrantes, duas questões se sobressaem. Primeiro, o quadrante superior esquerdo (particularmente seu canto extremo superior esquerdo) é o “quadrante da regressão”. Indivíduos com deterioração psicótica ou orgânica muito frequentemente localizam seus desenhos nesse quadrante, assim como indivíduos que não atingiram, um alto nível de maturidade conceitual.
- Uso do espaço – Os desenhos geralmente estão de frente para o observador, mas com uma sugestão de profundidade ou, alternativamente, são desenhados em perfis parciais. Para Buck (2003) a ausência de qualquer sugestão de profundidade sugere um estilo rígido e intransigente, que compensa sentimentos de inadequação e insegurança.
- Tipo de traço – Falhas na coordenação motora sugerem um desajustamento funcional da personalidade ou uma desordem do sistema nervoso central. Para Buck (2003) traçados fortes, desenhados com linhas pretas fortes sugerem tensão quando usadas em todo o desenho. Traçados extremamente leves usados em todo o desenho indicam sentimento de inadequação indecisão.

No Brasil, Nise da Silveira que foi pioneira no trabalho com Mandalas junto a pacientes esquizofrênicos. No início dos anos 1950, ela criou a Casa das Palmeiras, que promovia a participação de pacientes do Hospital Psiquiátrico do Rio de Janeiro em atividades artísticas. Criou ainda o Museu de Imagens do Inconsciente, com o objetivo de

oferecer aos pesquisadores condições para o estudo de imagens e símbolos produzidos espontaneamente, em oficinas de arte, por pacientes – na maioria esquizofrênicos.

Nise da Silveira manteve contato com Carl Jung durante anos. A ambos intrigava a recorrência de imagens de Mandalas na produção artística de esquizofrênicos. Da troca de experiências e análises entre os dois estudiosos resultou uma exposição com pinturas e modelagens de pessoas esquizofrênicas que ocupavam as sessões de terapia ocupacional no então Centro Psiquiátrico do Rio de Janeiro (atual Hospital Pedro II) no II Congresso Internacional de Psiquiatria realizado em Zurique, na Suíça, em 1957. Ao retornar do Congresso, Nise iniciou os trabalhos do Grupo de Estudos C. G. Jung, que promoveu seminários, publicações (a revista Quatérnio) e pesquisas.⁹

Um depoimento da psiquiatra brasileira ilustra de forma clara sua maneira de pensar:

Jung já dizia que nós vivemos entre dois mundos: externo, percebido pelos sentidos, e interno, inconsciente, reino de imagens nem sempre verbalizáveis. Acossado no mundo externo, o indivíduo encontra como saída a porta da loucura (...) a tarefa da terapêutica ocupacional é oferecer atividades que permitam a expressão do não verbalizável, é desenvolver as sementes criativas que se mantêm em todo o indivíduo, porque o impulso a renascer é espantosamente resistente no ser humano.¹⁰

Entretanto, Nise da Silveira não acreditava, como Jung, que a esquizofrenia era doença que precisava de tratamento medicamentoso. No seu entender, o esquizofrênico lutava para criar uma ponte afetiva com o mundo – o que se comprovava em seus trabalhos artísticos e em sua relação com os animais. Assim, era função do psiquiatra se concentrar na metalinguagem do esquizofrênico, e entender o significado dos seus símbolos. Nesse sentido, ela escreveu:

⁹ Cf. SILVEIRA, N.G. da. Casa das Palmeiras. A emoção de lidar. Uma experiência em psiquiatria. Rio de Janeiro: Alhambra. 1986. Também: SILVEIRA, N. O mundo das imagens. São Paulo: Ática, 1992.

¹⁰ DUQUE ESTRADA, M. I.. 'Nise da Silveira'. In: Revista Ciência Hoje. n. 34. Rio de Janeiro: Instituto Ciência Hoje, 1987.

O contato, a comunicação com o psicótico, terá um mínimo de probabilidade de efetivar-se (...) no nível verbal das nossas habituais relações entre pessoas. Isso só ocorrerá quando o processo de cura já se achar bastante adiantado. O médico que deseje comunicar-se e compreender o seu doente terá de partir do nível não verbal.¹¹

Pesquisadores do campo das técnicas projetivas estabeleceram significados específicos para os símbolos, o posicionamento no papel, a escolha das cores e outros elementos. A partir dos desenhos efetivamente coletados, categorias de análise serão definidas e priorizadas, sabendo que esta é uma primeira abordagem que não esgota o tema.

Considerações finais

O D-E e o desenho de mandalas podem dar referência e contorno às experiências de ampliação de consciência, pois permite um distanciamento do fenômeno, o que permite avistar, de fora, novas paisagens de velhas situações. Há nessas vivências uma objetividade que torna possível organizar a experiência, na qual a própria expressão é, por si só, curativa. É possível perceber este processo como uma espiral que muda de nível conforme a consciência do indivíduo vai se expandindo e se estruturando. Sabemos, pelas conquistas da psicologia, que a origem dos transtornos psíquicos encontra-se na impossibilidade de integração de conteúdos do inconsciente à consciência.

As imagens que emergem no processo do D-E são manifestações do self, o centro e a totalidade da psique. Por meio da expressão plástica, os símbolos do inconsciente cooperam para a autorregulação do equilíbrio da totalidade, compensando atitudes

¹¹ SILVEIRA, N.G. da. Terapêutica Ocupacional - Teoria e Prática, Casa das Palmeiras, Rio de Janeiro, s/d. p. 17.

unilaterais que não estão adequadas ao todo da psique, o que por vezes ameaça as necessidades vitais da pessoa. Essa compensação é exercida através de elementos que faltavam à consciência, que a completam ou que contrastam com ela.

Jung (1995) reconheceu na teoria das compensações uma regra fundamental do comportamento psíquico: a insuficiência num ponto cria excesso em outro ponto. Ao travar um diálogo interior com as imagens, o ego deixa sua posição passiva e interage com elas, ou estabelece uma relação com o inconsciente que não envolve a linguagem. Ao abrir espaço para o não racional, o ego sai da situação narcísica do espelhamento, dando oportunidade à mudança.

Deixar fluir as imagens, e se confrontar com elas, são atos geradores de movimento em via de mão dupla: há uma modificação e uma nova configuração. Trata-se de uma modificação que também modifica o sujeito. Para isso, não é necessário levar a imaginação até a solução dos problemas. Basta evidenciar as imagens para que sejam vividas, para que possa haver a compreensão da maneira pela qual elas influenciam os sentimentos. Assim se desenvolve competência para lidar com os temas constelados na psique. Em outras palavras, o Desenho-Estória promove o encontro entre pensamento e sentimento, rompendo a dualidade da experiência do mundo interno com o mundo externo.

Data de recebimento: 26 de Outubro de 2015.

Data de aceite: 26 de Novembro de 2015.

Referências

CASTILHO, I.; **Os incríveis efeitos da meditação no cérebro e na psique;** <http://caminhodomeio.wordpress.com/2008/06/04/os-incriveis-efeitos-da-meditacao-no-cerebro-e-na-psique/> acesso em 29/03/2011

- COHEN, B.; COX, C. Mandala Artwork by Clients with DID: Clinical Observations Based on Two Theoretical Models. In: **Art Therapy: Journal of the American Art Therapy Association**, v. 17, n. 3., p. 195-201. Disponível: <http://www.citeulike.org/user/amandaalders/author>. Acesso em 29/03/2011
- COHEN, B. M.; COX, C. T. Self-hypnotic process and imagery in post-traumatic and outsider art. **The Arts in psychotherapy**, v. 28, n. 4, p. 233-237, 2001.
- COUCH, J.B. Behind the Veil: Mandala Drawings by Dementia Patients. In: **Art Therapy: Journal of the American Art Therapy Association**, v 14 n 3 p 187-93 1997. Disponível: <http://eric.ed.gov.org>. Acesso em 30/03/2011.
- GAETA, I. A. **Memória Corporal – O simbolismo do corpo na trajetória da Vida**. São Paulo: Vetor Editora Psicopedagógica, 2004a.
- GAETA, I. A. (Org.). **Arteterapia de Corpo e Alma**. Coleção Arteterapia. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004b.
- GAETA, I. A. **Técnicas Expressivas Coligadas a Trabalho Corporal**. In: **Revista Hermes**, n. 9. Publicação do Curso de Cinesiologia. São Paulo: Instituto Sedes Sapientiae, 2004c.
- GAETA, I. A. **Psicologia Transpessoal, Arteterapia e Calatonia**. In: **Revista Hermes**, n.10 Publicação do Curso de Cinesiologia. São Paulo: Instituto Sedes Sapientiae, 2005.
- GAETA, I. A. **Arteterapia: Um Novo Campo do Conhecimento**. São Paulo: Vetor Editora Psicopedagógica, 2006.
- GAETA, I. A. **Psicoterapia Junguiana – Novos caminhos na clínica – O uso de mandalas e Calatonia**. São Paulo: Vetor Editora Psicopedagógica, 2010
- GAETA, I. A. (DIBO) **Arteterapia e Mandalas uma abordagem Junguiana**; São Paulo: Vetor Editora Psicopedagógica, 2010
- GIEGERICH, W. **The ego-psychological fallacy**. In: *Journal of Jung Theory and Practice*, v. 7, 2005.
- HORSCHUTZ, R.W.; **O Símbolo da Mandala no Sandplay**, monografia apresentada como requisito parcial para obtenção de título de terapeuta de Sandplay pela ISST, International Society for Sandplay Therapy, Suíça, 2010.
- JUNG, C. G. **Estudos Sobre Psicologia Analítica**. Petrópolis: Vozes, 1976
- JUNG, C. G. **O espírito na arte e na ciência**. Obras Completas de C. G. Jung. v. XV. Petrópolis, Vozes, 1985.
- JUNG, C. G. **Símbolos da Transformação**. Obras Completas de C. G. Jung. v. 5. Petrópolis: Vozes, 1986.
- JUNG, C. G. **A Natureza da Psique**. Obras Completas de C. G. Jung. v. VIII/2. Petrópolis: Vozes, 1991.
- JUNG, C. G. **Psicologia do Inconsciente**. Obras Completas de C. G. Jung VII/1. Petrópolis: Vozes, 1995.

JUNG, C. G. **A Vida Simbólica**. Obras Completas de C. G. Jung. v. XVIII/1. Petrópolis:Vozes, 1997.

JUNG, C. G. **A prática da psicoterapia**: contribuições ao problema da psicoterapia e à psicologia da transferência. Obras Completas de C. G. Jung. v. XVI/1 Petrópolis: Vozes, 1981.

JUNG, C. G. **Psicologia e Religião**. Obras Completas de C. G. Jung. v. XI/5. Petrópolis: Vozes, 1999.

JUNG, C. G. **Símbolos da Transformação**. Obras Completas de C. G. Jung. v. V. Petrópolis: Vozes, 2000.

JUNG, C. G. **Aion: estudos sobre o simbolismo de Si-mesmo**. Obras Completas de C. G. Jung. v. IX/2. Petrópolis:Vozes, 2001.

JUNG, C. G. **Eu e o Inconsciente**. Obras Completas de C. G. Jung. v.VII/2. Petrópolis: Vozes, 2007.

JUNG, C. G. **A Energia Psíquica**. Obras Completas de C. G. Jung. v.VIII/1. Petrópolis: Vozes, 2002.

JUNG, C. G. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Obras Completas de C. G. Jung. v. IX/1 Petrópolis: Vozes. 2001

JUNG, C. G. e WILHEIM, R.. **O segredo da flor de ouro**: um livro de vida chinesa. Petrópolis: Vozes, 2001.

SANDOR, P. **Técnicas de Relaxamento**. São Paulo: Vetor, 1982.

SILVA M.C.V.M. **Técnicas projetivas gráficas e o desenho infantil**. In Atualizações em Métodos Projetivos para Avaliação Psicológica/Anna Elisa de Villemor-Amaral, Blanca Suzana Guevara Werlang, organizadoras. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2008.

Artigo Original

O VOO DERRADEIRO DE VAN GOGH: UM RECORTE NA OBRA DE VAN GOGH

THE FINAL FLIGHT OF VAN GOGH: A CUTTING IN THE WORK OF VAN GOGH

Antonio Sidney Francisco¹²

Resumo: Este artigo dá prosseguimento à minha pesquisa sobre o pintor Vincent Van Gogh e aborda aspectos da vida do pintor vinculados à sua obra conclusiva, realizada na cidade de Auvers-sur-Oise, no período de maio a julho de 1890. As obras derradeiras de Van Gogh mencionadas são simbólicas de um período altamente produtivo e qualitativamente magistral do pintor, tanto que nessa fase final, elas já estavam sendo reconhecidas como à frente do seu tempo e objeto de interesse pelos críticos de arte. São como um xeque-mate e revelam o que de mais importante Van Gogh enxergava da vida naquele momento: a relevância da comunhão com a natureza; a visão do multidimensional da realidade; e a integração da matéria com o espírito e conexão com a eternidade.

Palavras chaves: Vincent Van Gogh. Arte. Arteterapia. Arte e Psicologia. Processos de Criação.

Abstract: This work proceeds with my research on the painter Vincent Van Gogh, dealing with aspects of his life related to his final works, painted at the city of Auvers-sur-Oise, between may and july,1890. The latest works of Van Gogh mentioned in this work are symbolic of a highly productive and qualitatively masterful period of this painter, so much

¹² Docente do curso de pós-graduação em Arteterapia - Alquimy Art, São Paulo. Psicoterapeuta e consultor organizacional. Artista plástico. Elaborou pesquisa no segmento da História da Arte sobre Van Gogh, com ênfase na sanidade e processos criativos do pintor. (e-mail: asidhy@uol.com.br).

so that in this final phase these works started being recognized as ahead of their time and were already arousing the interest of art critics. Like a checkmate, they reveal what was most important in his view of life at that moment: the relevance of communion with nature; the vision of reality as multidimensional; the integration of matter and spirit; and the connection to eternity.

Key words: Vincent Van Gogh. Art. Art Therapy. Art and Psychology. Creative Processes.

Este trabalho foi apresentado como conclusão da disciplina: Psicologia Social da Arte no Campo da Recepção Estética, que se insere no Programa de Pós-Graduação do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, sob a coordenação do professor Joao Augusto Frayze-Pereira. Foi construído com base nas leituras e discussões dos textos analisados em sala de aula, bem como na apresentação de vídeos e em leituras de bibliografias complementares indicadas.

Como a disciplina trata da conexão entre o autor e o receptor da obra de arte, com sustentação na Psicanálise, a questão da escolha tem um significado especial, abrindo espaço para uma compreensão dos aspectos psicológicos evidenciados pelo gosto do receptor.

Há muito tempo tenho me interessado pela poética do artista Van Gogh (1853-1890), buscando nos fatos da sua vida e nas imagens das suas obras, aspectos que retratam com maior precisão sua personalidade e vocação artística. Semear e colher são termos que se aplicam perfeitamente à obra do artista e ao trabalho do psicólogo, que, no seu campo de ação, fertiliza para fazer brotar sentidos e respostas para as questões existenciais humanas.

Diante de toda a literatura e do contato com as obras já estudadas por mim, uma fase da vida do pintor e um conjunto de obras me chamam a atenção. Trata-se do período em que, por indicação de Pissarro, apoio do irmão Theo e vontade própria, Van Gogh se instala na cidade de Auvers-sur-Oise para ser tratado pelo médico e pintor Paul Gachet. Ali, a 32 quilômetros de Paris, sabe-se que sua produção foi extensa, e que ele pintou em torno de 80 telas, em um período de dois meses aproximadamente.

Nesse paraíso bucólico, o pintor realizou retratos, naturezas mortas e paisagens, cujas características em comum acentuam-se, despertando curiosidade e prazer pela extrema beleza, paleta de cores e enquadre dos elementos.

As obras representadas neste artigo, foram pintadas nos meses de junho e julho de 1890, antecedendo sua morte, ocorrida em 29 de julho, aos 37 anos de idade. (VAN GOGH GALLERY, 2013).

1 Uma filosofia através das imagens

No dia 16 de maio de 1890, o dr. Peyron anotou a palavra “curado” na ficha de Vincent Van Gogh no asilo de doenças mentais no sul da França. No dia seguinte, Vincent rumou de trem a Paris para se encontrar com seu irmão Theo, esposa e filho. O encontro foi emocionante para os dois irmãos, pois não se viam há muito tempo, e Vincent viu pela primeira vez o sobrinho que havia recebido seu nome.

Já na grande cidade, tinha muitos planos: visitar os amigos Gauguin e Bernard, museus e exposições. Nada foi suficiente para segurá-lo, pois o barulho da cidade o incomodou tanto que, inesperadamente, sem comunicar ao irmão, no dia 21 de maio partiu para Auvers.

Van Gogh (2002, p. 416) comentou: “Fiquei em Paris apenas três dias e o barulho etc. parisiense me causando uma péssima impressão, julguei mais prudente para minha cabeça ir-me embora para o campo, não fosse isso eu depressa teria ido vê-lo.”

A vida no campo e a natureza possuíam as propriedades necessárias para o revigoramento das energias de Van Gogh. Por meio dessa renovação constante, seu trabalho adquiria uma disciplina férrea, compulsiva, que o fazia iniciar as atividades às 5 horas da manhã, sem hora certa para acabar.

Vivo sóbrio aqui, pois tenho a possibilidade de fazê-lo, antes eu bebia porque não sabia mais como fazer de outra forma. [...] A sobriedade muito premeditada – é verdade – leva contudo a um estado de ânimo no qual o pensamento, se o tivermos, é mais fluente. Enfim é uma diferença como entre pintar cinza ou colorido. De fato eu vou pintar mais cinza [...]. (VAN GOGH, 2002, p. 403)

Muito embora o artista estivesse diagnosticado como “curado”, não se sentia bem emocionalmente. As experiências passadas no sul deixaram algumas marcas profundas na sua alma: desgaste no relacionamento com Gauguin, a frustração de uma ideia brilhante que se perdeu, os primeiros surtos, as internações, os tratamentos agressivos e sentimentos de ser perseguido por uma sociedade que o hostilizava. Todos esses traumas tiveram um peso muito forte na sua vida e estavam presentes naquele momento.

Contribuiu para sua depressão constatar que na casa de Theo, todos os seus quadros enviados estavam empilhados sob camas e amontoados num depósito sujo, na loja de Tanguy. Sentia-se melancólico ao constatar que todo o trabalho, desenvolvido à custa de muita determinação, não tinha a aceitação do público que poderia aliviar o peso da dependência financeira com relação ao irmão.

Experimentava uma sensação oposta à vivida em Arles, onde estivera aprisionado nos manicômios, sem liberdade para se locomover (algo que sempre fez na vida de andarilho), rejeitado pela sociedade que o temia e o via como alguém perigoso e

estranho. Em Auvers, foi acolhido por um médico que tinha empatia pelos artistas, sentia-se livre para circular anonimamente e interagir normalmente com as pessoas.

De acordo com a Carta 873 de 20 de maio de 1890 de Van Gogh:

[...] Auvers tem grandes belezas, entre outras coisas velhos telhados de colmo que estão se tornando raros. Assim, espero que, ao pintar alguns quadros mostrando isso, haveria uma chance de recuperar parte das despesas da minha estadia aqui, pois realmente sua beleza é profunda, é o campo verdadeiro, característico e pitoresco [...]. (VAN GOGH LETTERS, 2009, s.p.)

É esse período que antecede a sua morte. Era forte a vontade de morar com a família do irmão em Auvers para realizar o desejo tão almejado de constituir uma família. O artista detalha a região com belas descrições no seguinte trecho de sua carta 874 de 21 de maio de 1890:

[...] Auvers é decididamente muito linda. Tanto que considero que será mais vantajoso trabalhar do que não trabalhar... Tudo é muito colorido e que lindas casas de classe média se veem... Mas eu considero que as vivendas modernas e as casas de campo de classe média são quase tão bonitas quanto as velhas casas de colmo que estão caindo em ruínas [...]. (VAN GOGH LETTERS, 2009, s.p.)

Suas telas lhe proporcionavam prazer pessoal e continham no âmago a proposta de seduzir e encantar o irmão para a realização desse objetivo.

Van Gogh se interessava muito pelo trabalho de outros artistas e pelos movimentos culturais da sua época, embora produzisse isoladamente na maior parte do tempo. Ainda que fosse inábil nas relações humanas, demonstrava afeto para com aqueles que o compreendiam. Tinha uma visão crítica da produção artística das artes em geral e da arte contemporânea, não se dobrava aos temas exigidos pelo mercado, mesmo com a insistência e sugestão do irmão *marchand*. Preocupou-se com a classe dos artistas.

Apesar de todos os seus desequilíbrios e deslizos psíquicos, podendo ser considerado por alguns como um tirano, sua obra se mantém coerente e equilibrada enquanto criação, estilo, forma e composição.

No final da vida, a pintura de Van Gogh despertou interesse nos críticos de arte que começaram a perceber indícios de vanguardismo no seu trabalho. Esse, ao invés de satisfazê-lo, criou um desconforto emocional pedindo ao irmão para mantê-lo afastado, tanto dos críticos como dos textos escritos sobre ele.

Queira pedir ao Sr. Aurier para não mais escrever artigos sobre minha pintura; insista que, em primeiro lugar, ele está enganado a meu respeito, e depois que realmente eu me sinto muito arruinado de desgosto para poder enfrentar a publicidade. Fazer quadros me distrai, mas ouvir falar neles me é mais difícil do que ele pensa [...]. (VAN GOGH, 2002, p. 412)

Atribuindo a Van Gogh o papel de inovador da arte, o crítico Albert Aurier num de seus artigos se referiu aos anseios do artista de oxigenar a arte do seu tempo: “há de vir um homem, um Messias, um semeador da verdade, que rejuvenescerá a nossa arte geriátrica e até mesmo toda a nossa sociedade geriátrica, fraca de espírito e industrial” (apud WALTHER; METZGER, 2010, p. 698)

Nesta breve estadia, visitou o Salão de Paris e se encantou com a imponência do mural de Puvis de Chavannes¹³, denominado “Entre a Arte e a Natureza”.



¹³ Pierre Puvis de Chavannes (1824-1898). Pintor de tradição acadêmica com temática de evocação clássica> Deu suporte ao movimento Simbolista. (ARGAN, 1992, p. 82)

Figura 1 – Between Art and Nature.

Artista: Pierre Puvis de Chavannes. Ano: 1888. Técnica: óleo/tela. Dimensões: 40,3 x 113,7 cm. Acervo: Musée des Beaux-Arts, Rouen, France. Fonte: The Metropolitan Museum (2008).

Este painel dialogava diretamente com seu coração. Subvertia a realidade apresentando um cotidiano avesso aos ruídos e modernização das metrópoles, aderente à vida que tanto almejava: natureza e arte. E esse paraíso onírico e apaziguado estava lá, em Auvers sur Oise.

A receptividade ao trabalho de Puvis, associada ao sentimento de liberdade em expansão, estimulou o artista na produção dessa série que reverencia a região de Auvers.

Nenhuma cena se prestava ao novo formato com perfeição maior do que os campos na orla do vale junto ao rio. ... Ele preencheu o amplo fundo com uma profusão de flores, na maioria papoulas, pintadas com um ardor de pigmento e pincel que se torna mais livre, mais solto e mais fervoroso conforme avança para o observador como uma enchente que vem se avolumando. (NAIFEH; SMITH, 2012, p. 971)

2 A visão devoradora para além dos dados visuais (Merleau-Ponty)

Numa tomada aérea que abarcava uma vista além de 180 graus, de dimensões generosas, o pintor consegue se situar numa posição acima, abaixo ou no mesmo plano para realizar o seu voo pictórico. A região de Auvers sur Oise é retratada ricamente em acidentes geográficos, vales cercados por áreas altas e uma profusão de cores, tons, humores e outros elementos.

Numa visão geral, estas paisagens apresentam certas características e elementos comuns. Van Gogh estava fascinado com a dimensão, colorido e movimento dos campos, dispendo-se a desenvolver vários estudos, como era sua prática habitual. São constantes referências a eles nas cartas, onde diz: “São verdes de diferentes qualidades, de mesmo valor, de maneira a formar um todo verde, que por sua vibração faria pensar no ruído

suave das espigas balançando ao vento; não é nada fácil como colorido.” (VAN GOGH, 2002, p. 417)

Essas obras não se confinam a espaços reduzidos, nem fechados. Nas palavras de Merleau-Ponty, essa produção de Van Gogh espelharia bem a sua célebre fala: “a visão devoradora para além dos dados visuais”. (MERLEAU-PONTY, 1975, p. 281)

Estimulado pelo painel de Puvis, Van Gogh quis representar aqueles lugares panorâmicos em telas grandes, como nunca havia pintado. Consistiam de uma ampla vista de lotes cuidadosamente cultivados que, como um quebra-cabeça, juntava peças de campos de trigo amarelos maduros e batatas verdejantes, hortas, lavouras, montes de feno cortados e solo recém-revolvido.

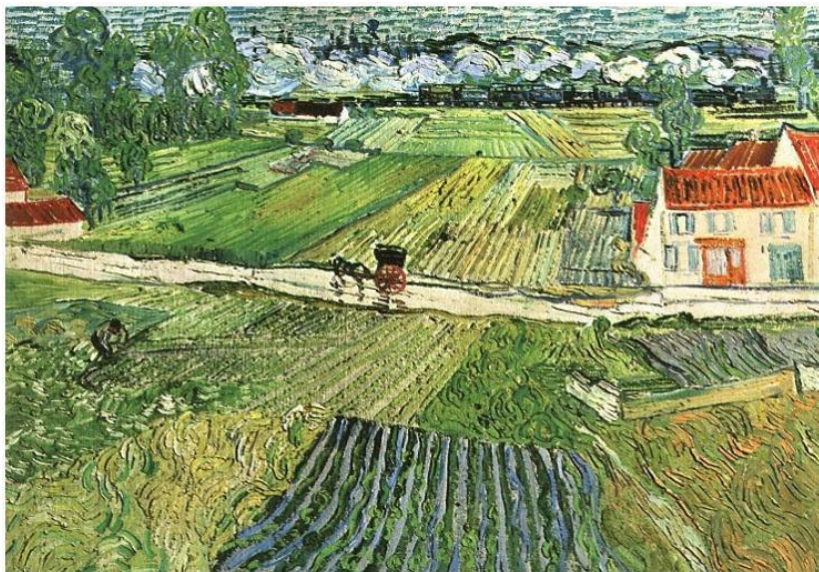


Figura 2 – Landscape with Carriage and Train in the Background.
Artista: Van Gogh. Ano: 1890. Técnica: óleo s/ tela. Dimensões: 72.0 x 90.0 cm. Acervo: Pushkin Museum - Moscow, Russia.
Fonte: Van Gogh Gallery (2013).

Essas paisagens com caminhos retos, inclinados e sinuosos convidam o observador para um passeio que desemboca num horizonte, representado por um céu marcado e personificado por uma misteriosa identidade.

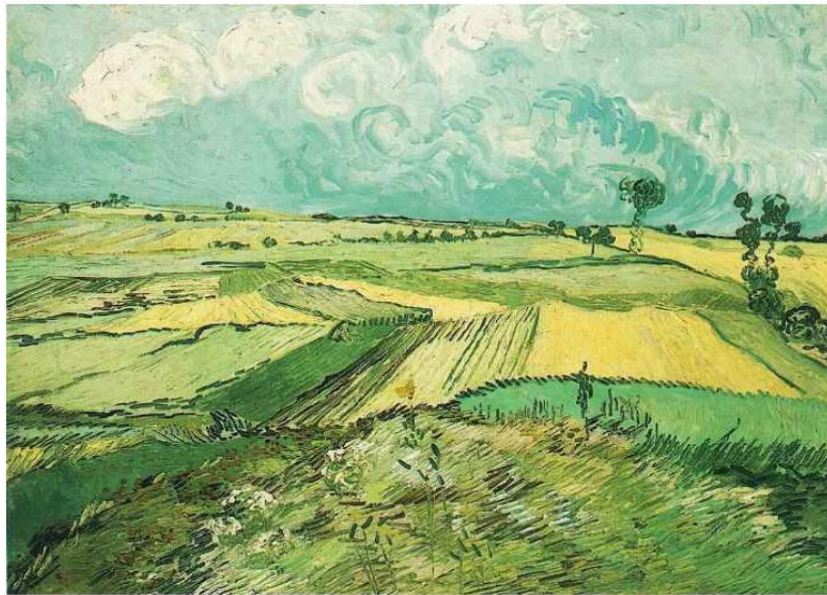


Figura 3 – Wheat Fields at Auvers Under Clouded.

Artista: Artista: Van Gogh. Ano: 1890. Técnica: óleo s/ tela. Dimensões: 73.0 x 92.0 cm. Acervo: Carnegie Museum of Art – Pittsburgh, Pennsylvania, EUA.

Fonte: Van Gogh Galley (2013).

Há uma absoluta proporcionalidade na colocação e dimensão dos diferentes elementos que compõem o quadro, convidando o observador a voar junto. A métrica visual e a orientação espacial estabelecem no olhar um senso de equilíbrio.

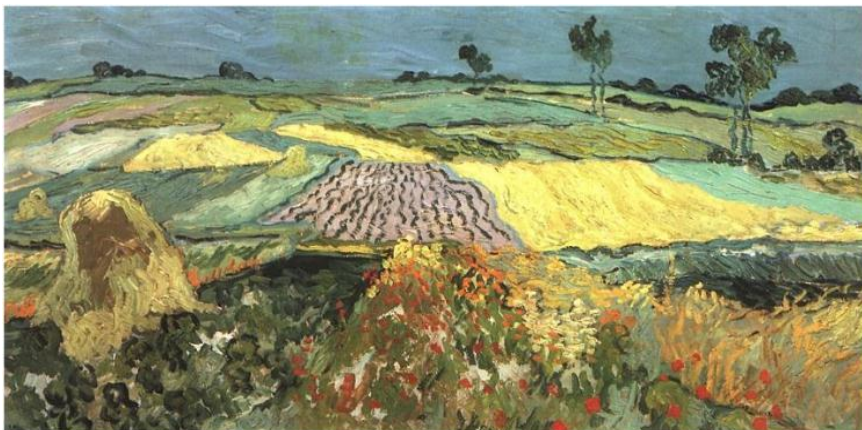


Figura 4 – Wheat Fields near Auvers.

Artista: Van Gogh. Ano: 1890. Técnica: óleo s/ tela. Dimensões: 50.0 x 101.0 cm. Acervo: Österreichische Galerie Belvedere - Vienna, Austria.

Fonte: Van Gogh Gallery (2013)

Em geral, em primeiro plano vê-se uma natureza fechada, quase selvagem, tensa, que circunda e protege um campo impregnado de silêncios, paz e vida social organizada. O elemento humano quase sempre fica num plano afastado e intermediário.

Não há detalhes mínimos, mas pela justaposição dos tons claros e escuros, e pela formação de relevos, é possível adentrar um campo profundo e desconhecido.

De acordo com o trecho da carta 874 de 21 de maio de 1890, escrita por Van Gogh:

Quanto ao resto, relações com as pessoas, tudo isso é bem secundário, porque não tenho nenhum talento para isso. Nada posso fazer a respeito... Veja, se eu trabalhar, as pessoas do lugar virão á minha casa sem que eu tenha deliberadamente ir até elas, como se eu tivesse tomando medidas para fazer amizades. É através do trabalho que as pessoas se encontram, e isso é o melhor caminho (VAN GOGH LETTERS, 2009)

Um reencontro com o passado mostra nas pinturas de Auvers, uma grande semelhança com as paisagens da Holanda por onde ele andou na juventude. Num momento fugaz de felicidade, Auvers trouxe de volta a terra, a natureza, a espiritualidade e a vida simples das pessoas como representada nos quadros do seu grande ídolo, Millet.

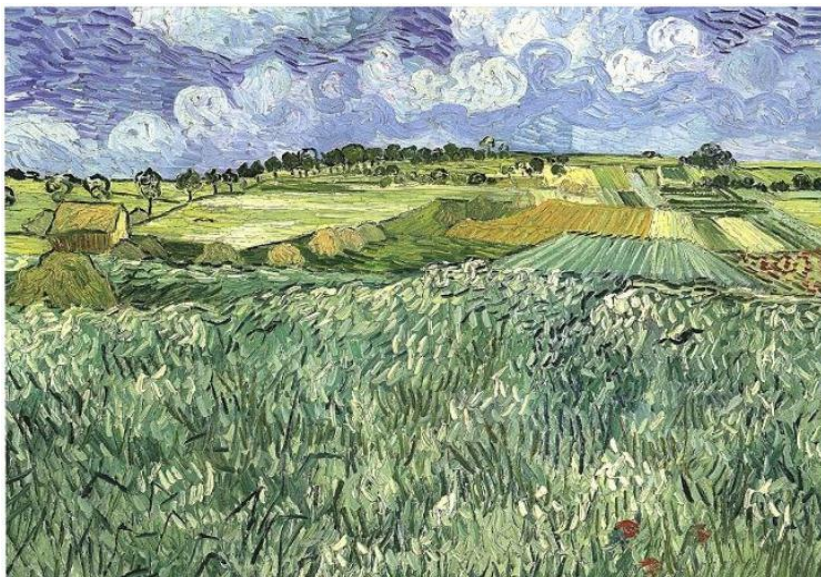


Figura 5 – Plain Near Auvers.

Artista: Van Gogh. Ano: 1890. Técnica: óleo s/ tela. Dimensões: 73.3 x 92.0 cm. Acervo: Neue Pinakothek - Munich, Germany.

Fonte: Van Gogh Gallery (2013).

Um olhar atento e demorado leva a interpretações inusitadas. Essas paisagens sugerem a dinâmica infantil do brincar, de esconder e de achar, através dos veios, declives, aclives em que os elementos da natureza se arranjam e se colocam uns atrás dos outros. Permitem que sonhos e segredos fiquem reservadamente guardados. Podem haver monstros ou duendes, que inesperadamente se revelam, distantes das regras, dos juízos e dos pecados.

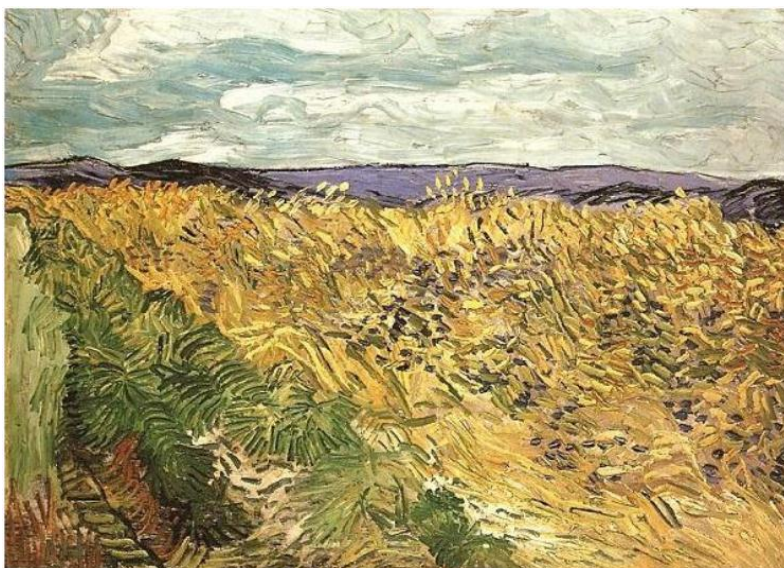


Figura 6 – Wheat Field with Cornflowers.

Artista: Van Gogh. Ano: 1890. Técnica: óleo s/ tela. Dimensões: 60.0 x 81.0 cm. Acervo: Fondation - Beyeler - Riehen/Basel, Switzerland.

Fonte: Van Gogh Gallery (2013).

Em formato horizontal, o plano mais próximo, em geral, ocupa mais da metade do quadro, criando um peso que estabiliza. Há no ar um movimento ascendente, descendente sutil, que simula o voo rasante de uma ave sobre o vale.

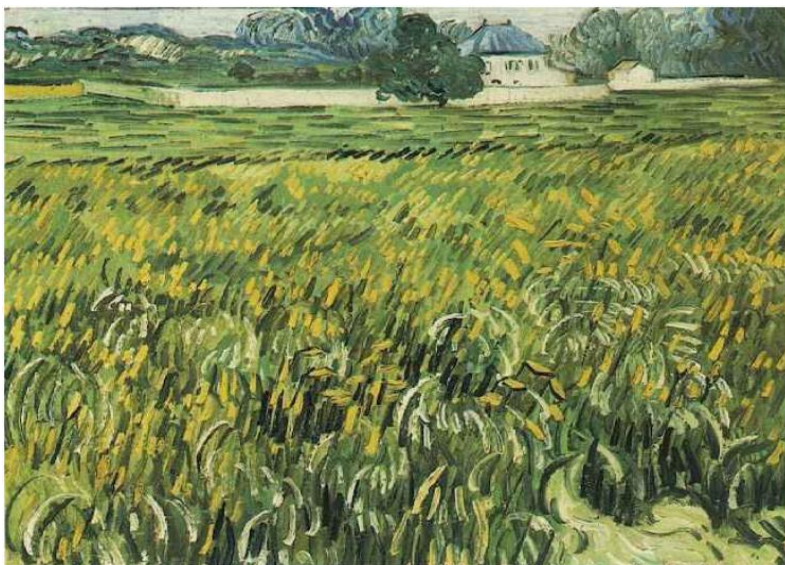


Figura 7 – Wheat Field at Auvers with White House.

Artista: Van Gogh. Ano: 1890. Técnica: óleo s/ tela. Dimensões: 48.6 x 83.2 cm. Acervo: The Phillips Collection – Washington D.C., EUA.

Fonte: Van Gogh Gallery (2013).

Assim como o artista, cujo padrão de relacionamento instável e intenso age por impulso, essas telas expressam um temperamento semelhante, revelando diferenciações de clima e humor.

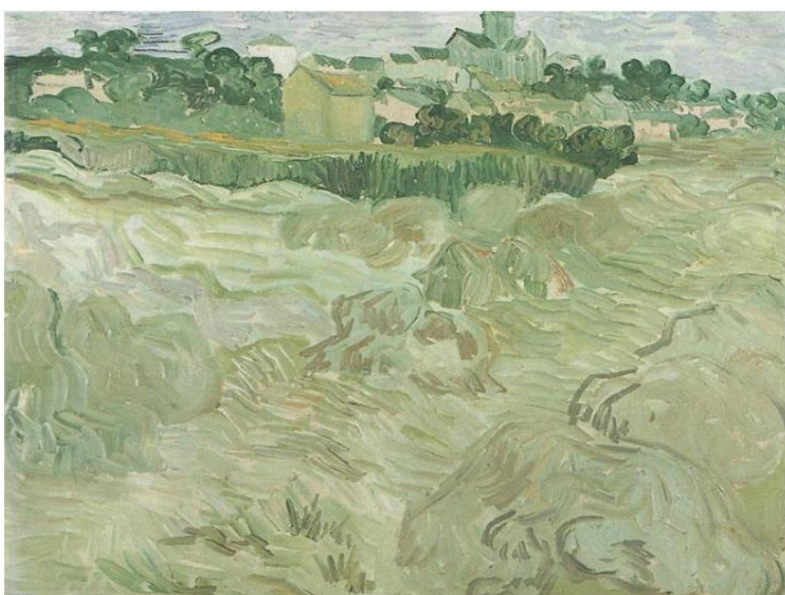


Figura 8 – Wheat Fields with Auvers in the Background.

Artista: Van Gogh. Ano: 1890. Técnica: óleo s/ tela. Dimensões: 43.0 x 50.0 cm. Acervo: Musée d'Art et d'Histoire – Geneva, Switzerland.

Fonte: Van Gogh Gallery (2013)



Figura 9 – Landscape at Auvers in the Rain.

Artista: Van Gogh. Ano: 1890. Técnica: óleo s/ tela. Dimensões: 50.0 x 100.0 cm. Acervo: National Museum of Wales - Cardiff, United Kingdom.

Fonte: Van Gogh Gallery (2013).

Uma insegurança enorme abateu-se sobre ele quando o irmão foi claro e objetivo ao esclarecer sua dificuldade financeira e familiar, criando um silêncio mortal entre eles. Seus planos de outrora, que o faziam crer numa convivência idílica, como as paisagens tranquilas de Auvers, foram substituídos por pensamentos sombrios que traziam de volta o passado, o medo dos ataques, uma solidão e uma agonia que se estampavam nas telas.

Foi sob esse impacto que pintou as últimas telas da sua vida. Troncos que perfuram a terra sem a dimensão do céu. Paisagens escuras, vazias, desérticas, ameaçadoras, carregadas de pânico. Uma natureza que ao invés de acariciar, castiga açoitando, assustando bandos de pássaros negros inquietos e sem ninho.



Figura 10 – Raízes de Árvores.

Artista: Van Gogh. Ano: 1890. Técnica: óleo s/tela. Dimensões: 50 x 100 cm. Acervo: Van Gogh - Museum - Amsterdam, The Netherlands.

Fonte: Van Gogh Gallery (2013).

Bachelard (2001, p. 231-232), na sua poética sobre o vento, diz:

[...] ao viver intimamente as imagens do furacão, aprendemos o que é a vontade furiosa e vã. O vento, em seu excesso, é a cólera que está em toda parte e em nenhum lugar, que nasce e renasce de si mesma, que gira e se volta sobre si mesma. O vento ameaça e uiva, mas só toma forma quando encontra a poeira: visível, torna-se uma pobre miséria.

Assim, percebem-se algumas paisagens nas quais a violência se exalta e supera o devaneio. As camadas que se sucedem e alteram-se na medida em que a força interior e o olhar do artista as sustentam. Nestas imagens de forças violentas, o céu adquire uma prevalência tal que, como uma cortina pesada, recai sobre a terra abruptamente, sob um som retumbante. O céu, onde a mão humana não atua, subjuga o chão que, passivamente, obedece com sofrimento.

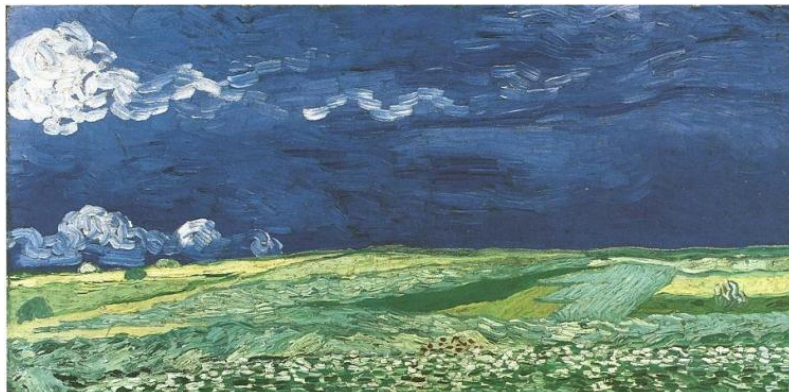


Figura 11 – Wheat Field Under Clouded Sky.

Artista: Van Gogh. Ano: 1890. Técnica: óleo s/ tela. Dimensões: 50.0 x 100.5 cm. Acervo: Van Gogh - Museum - Amsterdam, The Netherlands.

Fonte: Van Gogh Gallery (2013).



Figura 12 – : Wheat Field with Crows

Artista: Van Gogh. Ano: 1890. Técnica: óleo s/ tela. Dimensões: 50, 5 x 103 cm. Acervo: Van Gogh Museum - Amsterdam, The Netherlands.

Fonte: Van Gogh Gallery (2013).

Mesmo quando as cenas parecem ser reproduzidas num sopro repentino, o olhar do observador percebe que nada faltou ou se equivocou. Aquilo que a rapidez não permitiu que se fizesse, o acaso se encarregou de colocar, através das mãos hábeis do pintor.

É preciso coragem para enfrentar a cólera que açoita e atrai os pássaros negros a voarem sobre nossas cabeças. Ao invés de recolher-se, fugir, fechar-se ou proteger-se, o artista assume seu arbítrio de transitar nos extremos e beber do veneno mortal que o perigo de viver oferece.

Considerações finais

Quando se admira um artista e sua obra, abre-se um espaço para que um diálogo fértil entre autor e receptor se estabeleça, rompendo as limitações da presença física e do tempo. Afinidades, simpatia, reconhecimento de pontos comuns criam uma relação de cumplicidade, onde quaisquer avanços na interpretação fluem livremente, sem censura, usurpação e oportunismo.

Segundo Pareyson (1993, p. 243):

[...] por um lado, é preciso saber escolher os próprios autores, aqueles nos quais uma afinidade eletiva e uma natural congenialidade prometem uma penetração mais segura. Nesses casos, o olhar já é de per si revelador, pois a própria pessoa do intérprete é um órgão adequado de penetração.

O acervo de Van Gogh concluiu-se, porém não se fecharam as descobertas e conjecturas a respeito da sua interessante vida, retratadas nas telas e cartas escritas enviadas e recebidas por ele, através de uma rede social e familiar extensa.

Suas pinceladas grossas materializadas à maneira de Monticelli parecem guardar na superfície, nas bordas, nos avessos e nas entranhas, histórias que se reacendem e brotam naturalmente.

Frayze-Pereira (2012, p. 135), abordando a questão do impensado na obra de arte, afirma:

[...] esse campo é simbólico e essencialmente indeterminado, sendo a indeterminação o que garante a gênese da sua posteridade. Uma vez que a obra de pensamento é aquela que ao pensar, dá a pensar, há nela um excesso de pensamento frente ao que está explicitamente pensado. É esse excesso que faz com que a obra suscite novos discursos.

Encontrando ecos, brechas e fendas, o passado se presentifica, oxigenado pelo contemporâneo. O autor não é vinculado como na família, que por vezes cria obrigações desagradáveis, mas sim como amigo e conselheiro, que ao ser escolhido permite o erro, a correção, o prazer e o aprendizado.

Data de recebimento: 26 de Outubro de 2015.

Data de aceite: 19 de Novembro de 2015.

Referências

ARGAN, Giulio Carlo. **Arte Moderna**. 9.ed, São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

BACHELARD, Gaston. **O ar e os sonhos – ensaio sobre a imaginação do movimento**. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

FRAYZE-PEREIRA, J. A questão da autoria: o impensado das obras de pensamento – arte, narrativa clínica e teoria psicanalítica. **Jornal de Psicanálise**, 2012.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **O olho e o espírito**. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1975.

NAIFEH, Steven; SMITH, Gregory White. **Van Gogh – A vida**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

PAREYSON, Luigi. **Estética: Teoria da Formatividade**. Petrópolis: Vozes, 1993.

THE METROPOLITAN MUSEUM. **Works of art**. 2008. Disponível em: <<http://www.metmuseum.org/toah/works-of-art/58>>. Acesso em: 12 nov. 2015.

VAN GOGH, Vincent. **Cartas a Theo**. Edição ampliada, anotada e ilustrada. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2002.

VAN GOGH GALLERY. **Caminho: The Works – Paintings** – Catalog of Van Gogh Paintings. 15/1/2013. Disponível em: <<http://www.vangoghgallery.com/misc/faq.html>>. Acesso em: 12 nov. 2015.

VAN GOGH LETTERS. **Cartas**. 2009. Disponível em: <<http://vangoghletters.org/vg/letters.html>>. Acesso em: 12 nov. 2015.

WALTHER, INGO F.; METZGE, Rainer. **Van Gogh – Obra Completa de Pintura**. Taschen. Vol. II, ano 2010.

Artigo Original

UMA PAUSA PARA RESPIRAR: A PARTICIPAÇÃO DO PROFISSIONAL DE SAÚDE EM UM PROCESSO DE ARTETERAPIA

PAUSE FOR BREATHE: THE PARTICIPATION OF HEALTH PROFESSIONAL IN A PROCESS OF ART THERAPY

Oneide Regina Depret¹⁴

Circéa Amália Ribeiro

Resumo: Trata-se de recorte da pesquisa realizada para obtenção do título de Mestre em Ciências pela UNIFESP (2015), orientada pela Dra. Circéa Amália Ribeiro. Retrata o processo de Arteterapia vivenciado por oito profissionais da Saúde, atuantes no Ambulatório de uma instituição filantrópica da cidade de São Paulo, realizado no local de trabalho e durante o expediente, com o fim de proporcionar a autoexpressão, o alívio de tensões emocionais e, conseqüentemente, melhor qualidade de vida. Foram realizadas seis oficinas quinzenais compostas por quatro momentos: narração de história, realização de expressiva correspondente, partilha de impressões e relações com aspectos de sua

¹⁴ É professora nos cursos de Pós-Graduação Lato sensu em Arteterapia; Arteterapia Aplicada: saúde, artes, educação e organizações; e de Mitologia Criativa, Contos de fadas e Psicologia Analítica, todos desenvolvidos na UNIP e coordenados pela prof. pós-doutora Patricia Pinna Bernardo; e em cursos de Pós-Graduação Lato sensu em Arte, Educação e Saúde, nos quais além de ministrar aulas em diferentes disciplinas, participa da supervisão de estágios em diferentes contextos, da orientação de pesquisa e elaboração de artigos científicos e monografias. Ministra cursos que integram a Arteterapia e a Mitologia e desenvolve pesquisas em Arteterapia aplicada à Saúde, utilizando mitos e contos de fadas. Atualmente trabalha em clínica particular, onde atende adolescentes e adultos em Psicoterapia individual e grupos vivenciais em Arteterapia, integrando a utilização de mitos e contos com recursos expressivos na busca de autoconhecimento e equilíbrio psíquico, nos contextos preventivo e terapêutico. Contato: Endereço: Rua do Manifesto, 1558, ap. 84 Ipiranga – São Paulo. Fone: 9 9827 8010. Email: oneidepret@gmail.com

vida e avaliação. Os relatos apontam que para o profissional de saúde, a experiência se revelou surpreendente e gratificante, proveitosa e relaxante, momento em que pode pensar em si e, ao mesmo tempo, olhar para os colegas, enfim, “uma pausa para respirar” no meio da sua rotina atribulada. Conclui-se que a Arteterapia é alternativa muito eficaz e viável para melhorar a condição e promover o bem-estar do profissional de saúde, constituindo-se numa forma preventiva de cuidado, interferindo positivamente tanto em seu equilíbrio emocional, como na qualidade dos seus relacionamentos, o que se traduz numa vida mais saudável em todos os sentidos.

Palavras-chave: Arteterapia; Profissional de saúde; Desgaste emocional; Relacionamento de equipe; Qualidade de vida.

Abstract: This paper is a clipping of a research conducted to obtain a Master’s degree in Science, from the UNIFESP (2015), under the supervision of Dra. Circéa Amália Ribeiro. It shows the Art Therapy process experienced by eight health professionals working in the outpatient clinic of a philanthropic institution in the city of São Paulo. It was held in the workplace and during working hours, in order to provide self-expression and relief of emotional tension, and consequently promote a better quality of life. Six workshops were held, fortnightly composed of four stages: storytelling, performing expressive activity, sharing impressions and relationships with aspects of each one’s lives, and evaluation. The reports show that the health professionals experience proved surprising and rewarding, enjoyable and relaxing, a time they could think of themselves and at the same time, to observe their colleagues, in short, a “pause to breathe” in the middle of their busy daily routine. It led to the conclusion that the Art Therapy is a very effective and viable alternative to improve the psychological condition and promote the well-being of the health

professional, constituting a preventive care, interfering positively both in his emotional balance as in the quality of his relationships, which implies a healthier life in every way.

Keywords: Art Therapy, health professional; psychological stress, quality of life

Apresento aqui um recorte da pesquisa realizada para obtenção do título de Mestre em Ciências pela UNIFESP (2015). Retrata o processo de Arteterapia vivenciado por profissionais da Saúde, atuantes no Ambulatório de uma instituição filantrópica da cidade de São Paulo, realizado no local de trabalho e durante o expediente, com o fim de proporcionar a autoexpressão, o alívio de tensões emocionais e, conseqüentemente, melhor qualidade de vida.

Em minha experiência como psicóloga clínica, sempre observei que profissionais da área da Saúde, como outros que lidam diariamente com a assistência e com o sofrimento humano, tendem muitas vezes a minimizar seus próprios problemas ou dar pouca atenção a eles, banalizando-os. É comum que esses profissionais se dediquem tanto ao auxílio de outros que não disponham de tempo para cuidar de si, não priorizem atividades sociais ou de lazer, enfim, não encontrem tempo para “respirar”. Além disso, por enfrentarem tantos obstáculos como a sobrecarga ou falta de condições adequadas de trabalho, por lidarem diariamente com situações críticas de várias ordens, acabam tendo sentimentos de angústia e impotência, potencializando quadros de ansiedade e estresse, que podem comprometer muito sua saúde e qualidade de vida.

Muitos estudos têm sido realizados com o objetivo de detectar e compreender o sofrimento psíquico do trabalhador da área de saúde. Há pesquisas que procuram identificar os sintomas de estresse, os possíveis fatores estressantes e causas de sofrimento do trabalhador (SOARES e CUNHA, 2007; MININEL, BAPTISTA, FELLI,

2011). Outras buscam compreender os mecanismos de enfrentamento de que o profissional se utiliza para lidar com as situações adversas e desafios pertinentes à sua realidade (BECK, LEOPARDI, 2002; PAGLIARI et al, 2008). Mas, independentemente do contexto pesquisado, os estudos são unânimes em apontar a necessidade de intervenções nessa área, tanto para garantir a qualidade do atendimento prestado quanto a própria saúde e qualidade de vida do profissional.

Todas estas considerações levaram-me a pensar se a Arteterapia poderia contribuir positivamente para a alteração deste panorama, nascendo assim a proposta de possibilitar ao profissional de Saúde a experiência de um processo grupal de intervenção em Arteterapia a fim de promover a autoexpressão, o autoconhecimento e alívio de tensões emocionais.

Participaram do projeto 17 pessoas, divididas em três grupos, mas, da pesquisa fizeram parte oito profissionais do Ambulatório, sendo duas enfermeiras, uma técnica de enfermagem, uma assistente social, duas recepcionistas, uma secretária executiva e um assistente contábil, com idades entre 23 e 63 anos e identificados neste estudo por nomes de ervas medicinais. O processo se constituiu de 6 encontros arteterapêuticos programados de acordo com o método proposto por Bernardo (2008), foram realizados quinzenalmente e serão detalhados adiante.

Cada oficina abordou um tema focado na realidade do profissional de saúde, tendo sido estruturada de modo que, após a narração de uma história, o participante era convidado a realizar uma atividade criativa relacionada ao tema, depois partilhava suas impressões com o grupo, comentando os trabalhos, o processo e que relações poderia fazer com algum aspecto da sua vida. Além disso, como fechamento da reunião, cada

pessoa retirava aleatoriamente uma carta do baralho que acompanha o livro *Palavra de Criança* e lia sua mensagem para o grupo.¹⁵

Num processo arteterapêutico, os encontros iniciais são destinados à criação de um espaço seguro de interação, que pressupõe a construção de vínculos entre os participantes, num clima de confiança (BERNARDO, 2008). Assim, o **primeiro encontro** teve como objetivos a apresentação dos integrantes e da proposta, e a criação do espaço interacional preservado.

Como sensibilização, narrei a história *Os dois que sonharam*¹⁶ (BORGES, 2011), que fala de um habitante do Cairo que um dia sonhou que encontraria um tesouro numa distante cidade da Pérsia. Empreendeu a viagem e ao chegar, confundido com um ladrão, foi levado à autoridade local. Ao saber do motivo da viagem, o cádi riu do viajante, contando-lhe que, por três vezes, sonhara que encontrava um tesouro no jardim de uma casa no Cairo, próximo a uma fonte, mas jamais faria tal tolice. Ofereceu uma moeda ao viajante que regressou feliz à cidade de origem. Lá chegando, escavou e encontrou o tesouro no próprio jardim: reconheceu a sua casa no sonho do cádi.

A proposta da atividade expressiva - *confecção de caixa decorada com figuras* (BERNARDO, 2008) - é que cada participante, inspirado pela história ouvida, procure e recorte figuras de revistas que representem o “seu tesouro”, ou seja, algo de que goste e a que atribua valor ou importância. Com elas, vai decorar uma caixa comum de papelão que servirá para acondicionar os trabalhos produzidos no decorrer do processo. Trata-se de um dos recursos expressivos adequados a este momento do processo grupal, por “facilitar a constituição do espaço arteterapêutico como um espaço acolhedor e o contato com o mundo interno” (p. 36).

¹⁵ São 45 mensagens que falam basicamente de sentimentos numa linguagem delicada e bem-humorada, com o propósito de, nas palavras da autora, “a despertar a criança interior adormecida” (GEBRIM, 2013).

¹⁶ Título atribuído à história retirada do capítulo *As mil e uma noites* do livro citado.



Figura 13 Caixa de Camomila

Mesmo quando já se conhecem, é interessante que os participantes do processo arteterapêutico se apresentem de forma diferente da habitual, mais pessoal, reforçando que este momento de interação do grupo tem uma qualidade especial, constituindo-se em espaço diferenciado de acolhimento e confiança, favorável para se expressarem livremente, o que nem sempre acontece no dia a dia corrido da instituição.

Foi o que aconteceu com **Camomila** que, sobre sua caixa, disse: *“Aqui, está representando a minha família. Eu e as minhas irmãs, porque a gente é tudo assim, grudadinhas. A gente não mora juntas, mora cada uma num lugar. Esta foto aqui representa um pouco de amizade. Eu gosto muito de estar em amigos, mas preciso ter momentos assim, sozinha, ficar refletindo. Adoro lugar que traz paz, assim, eu pus essa cabana, que achei bem bacana. Essa praia com a rede, que eu adoro. Adoro. Pus aqui figura de crianças, que eu adoro. Ficou bem representativa essa caixa.”* (sic)

O **segundo encontro** teve como objetivo vivenciar e valorizar o trabalho em equipe. Trata-se de tema especialmente relevante visto que as pesquisas citadas apontam a dificuldade de relacionamento entre profissionais como um dos fatores geradores de sofrimento psíquico para os trabalhadores da Saúde.

Escolhi para esta oficina um conto de origem africana *Os sete novos* (MEDEARIS, 2005), que relata o caso de sete irmãos que vivem brigando por qualquer

motivo. Quando o pai deles falece, deixa-lhes sete novelos de fio de seda e as instruções de que só poderiam receber sua herança se fossem capazes de, em apenas um dia, transformarem esse material em ouro. Trabalhando juntos, de forma cooperativa, os irmãos conseguiram realizar a proeza, ao confeccionarem um belo tecido colorido e vendê-lo a preço de ouro. No final, os irmãos ensinam sua arte aos habitantes da aldeia.

O recurso expressivo proposto, o “olho de Deus” ((BERNARDO, 2008) é uma atividade artesanal confeccionada por diversos povos ancestrais, na qual se entrelaçam fios de cores diversas ao redor de uma cruz formada por 2 palitos ou gravetos, originalmente com a intenção de representar a proteção da divindade e os desejos positivos de quem o produz.

Segundo Bernardo (2008), atividades expressivas que utilizam fios podem ser propostas quando o objetivo é “facilitar a criação de vínculos no início do processo arteterapêutico, assim como para trabalhar questões relativas a relacionamentos” (p. 27). A autora adaptou o “olho de Deus” como recurso arteterapêutico indicado também para ser confeccionado em grupo, assim, cada participante escolheu apenas uma cor e a utilizou para ser o centro da sua cruz de palitos; em seguida, ficando com o fio da cor escolhida, passou o “olho de Deus” que começou ao colega que estava à sua direita, recebendo a cruz feita pelo da esquerda, como num jogo de ‘escravos de Jó’. Dessa forma, cada qual trançou a sua cor nos trabalhos dos colegas, sucessivamente, até que cada participante recebesse o seu “olho de Deus” de volta, agora contendo as cores colocadas por todos os membros do grupo.

A associação deste conto com o “olho de Deus” realizado coletivamente teve o propósito de estimular a cooperação e trazer à tona a necessidade de valorização das

diferenças, atributos tão necessários para a promoção da convivência saudável e a qualidade do trabalho em equipe. (BERNARDO, 2008)

Quando se trabalha com criatividade, acontece frequentemente que as mensagens retiradas após a realização da atividade expressiva tenham relação com o trabalho realizado, com um tema importante ou com o momento emocional de quem a tirou (BERNARDO, 2010b), em um tipo de *'coincidência significativa'* ou *'sincronicidade'*. (JUNG, 2011). Especialmente nesta reunião aconteceu de a primeira mensagem retirada parecer, aos participantes, ser extremamente relacionada ao tema da reunião, dando margem para a continuidade da conversa, gerando o diálogo que registrei abaixo:

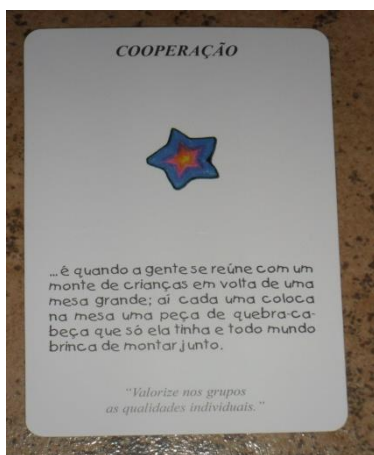


Figura 2 Carta do baralho "Palavra de Criança"



Figura 3 Olhos de Deus

- **Lavanda** (após retirar a carta **Cooperação**): *"Valorize no grupo as qualidades individuais". Quer dizer, cada um deu o seu tom pra poder chegar onde a gente queria. Eu achei bom. Uma terapia, né?*

- **Alecrim** (rapaz de 23 anos): *O resultado foi legal!*

- **Camomila**: *E você depende da outra pessoa.*

- **Lavanda**: *A gente tem que trabalhar em grupo pra valorizar o serviço. Se não tem uma equipe pra poder montar junto, como é que vai sair o trabalho? Então, a gente é uma equipe. A gente tem que se reunir e fazer com que o serviço saia perfeito.*

Participantes do outro grupo de Arteterapia, no início da reunião seguinte àquela em que realizaram a atividade coletivamente, ainda comentaram a respeito, trazendo as reflexões decorrentes dessa experiência:

- **Erva-doce:** *Foi o chamado o “olhinho de Deus”, que mesmo os que começaram não tão bem, foram ficando bonitos. Como é importante esse trabalho! Fiquei feliz de ter essa produção coletiva.*

- **Melissa:** *Deu pra ver o que é o trabalho em rede. Como funciona! E que se todo mundo se propor a compartilhar dá um resultado positivo.*

- **Hortelã:** *Para mim foi bom, porque eu me vi, pela primeira vez, aceitar alguém mexer numa coisa que eu comecei.*

Os participantes puderam transpor para o dia a dia do trabalho tanto o processo e o resultado da confecção das atividades, como a mensagem lida, comparando a própria atitude e a dos colegas durante a reunião com a maneira com que lidam com os desafios enfrentados no ambiente profissional, cada qual se expondo com tranquilidade e sendo ouvido com respeito.

O objetivo do **terceiro encontro** foi estimular a capacidade de enfrentamento de dificuldades. Muitas vezes, o profissional de Saúde se depara com situações adversas diante das quais se sente impotente, tais como, condições desfavoráveis do ambiente de trabalho, o sofrimento irreversível de um paciente ou o relacionamento difícil com a chefia ou membros da equipe.

A história denominada *A Montanha e a Pedra* (MCKEE, 1993) serviu de inspiração para a atividade proposta, a *pintura em pedras*, recurso adequado para “dissolver a rigidez do que já se consolidou em formas de comportamento e pontos de vista que se

tornaram limitados e que não mais correspondem e respondem eficazmente às necessidades do tempo atual...” (BERNARDO, 2010b, p.76-7).

Ela trata de um casal que mora no alto da única montanha da região e por isso recebe muitos visitantes atraídos pela beleza da paisagem. Acontece que existe uma grande pedra que encobre metade da vista da janela da cozinha, motivo para a esposa queixar-se tanto ao marido, que este, com muito esforço, consegue empurrar a pedra montanha abaixo. A partir daí, fatos inusitados acontecem. A pedra cobria um furo da montanha, que começou a se esvaziar tornando-se plana, depois um vale, até que em uma noite, ouviu-se um estrondo: a mesma pedra havia rolado novamente e se posicionado bem na frente da janela, encobrendo a visão totalmente. A montanha voltou a crescer, e logo a casa estava novamente no alto. O marido então teve a ideia de pintar uma paisagem na pedra, a partir daí, a mulher falava aos visitantes que aquela era a vista mais bela.

As pedras podem ser relacionadas, simbolicamente, segundo Bernardo (2010b) tanto com a sabedoria que advém das experiências da vida como “com as dificuldades que atravessam o nosso caminho, propondo questões que podem levar, através do trabalho sobre elas, a novas formas de lidar com a realidade” (p.77).

Muitas vezes não se pode evitar encontrar as “pedras” no caminho, mas sempre se pode buscar a maneira mais criativa e saudável de lidar com elas.



Figura 4 Pedras pintadas pelos participantes

A respeito da história e da atividade realizada, ao final da reunião, **Melissa** disse: *“Para mim, a pedra é uma sustentação, nem sempre é um obstáculo. Então, às vezes nós precisamos ter exatamente esse alicerce, que é feito de pedra. Essa estrutura difícil de ruir.”* (sic). No encontro seguinte, mostrando as suas reflexões a respeito das várias maneiras de encarar e lidar com as “pedras do caminho”, **Alecrim** comentou: *“Ah! Em relação à pedra, muitas vezes não tem como se livrar, assim, de uma vez por todas de todos os problemas. Então você tem que aprender a conviver. Quando dá pra resolver é a melhor coisa, mas tem vezes que não dá. Então, há maneiras de se conviver. A pedra continuou lá, né?”* (sic)

O **quarto encontro** teve como objetivo estimular a percepção de características positivas e potenciais dos participantes. Em nossa própria vida percebemos que, quando nos deparamos com situação na qual os comportamentos habituais e as soluções conhecidas não são capazes de resolver a questão, precisamos buscar novos caminhos. Se isso é verdadeiro para qualquer pessoa, mais ainda o é para o profissional de Saúde submetido cotidianamente a desgaste, estresse e sofrimento psíquico de várias ordens.

Seguindo a lógica do processo arteterapêutico, para que alguém consiga encontrar novas e criativas soluções para os desafios que se apresentam, faz-se necessário que novas possibilidades sejam “iluminadas”, que passe a reconhecer em si qualidades e potenciais necessários para mudança de postura e crescimento pessoal.

Apresentei a história intitulada *A menina da lanterna* (BERNARDO, 2010a), que fala de uma menina que andava alegremente até que o vento apagou sua lanterna. A partir daí, ela saiu à procura de alguém que pudesse ajudá-la a acender seu fogo. Depois de muito caminhar, percebendo que ninguém queria lhe ajudar; chorou. Neste momento, estrelas surgiram e lhe disseram para ir procurar o Sol, que poderia ajudá-la. Continuando seu caminho, encontrou uma fiandeira e um sapateiro, mas muito ocupados com seu trabalho, nenhum se dispôs a acompanhá-la. Finalmente chegou a uma montanha, e muito cansada, adormeceu. O Sol, que há muito tinha avistado a menina, ao cair a noite, aproximou-se e acendeu a lanterna. Ao acordar, vendo sua lanterna acesa, alegremente iniciou o caminho de volta, passando a iluminar e aquecer a todos que havia encontrado.

De maneira geral, estimular e desenvolver a criatividade por meio da Arteterapia favorece o reconhecimento de aspectos pessoais antes não observados e fortalece a percepção de habilidades necessárias para facilitar o enfrentamento dos desafios de maneira mais saudável. Porém, isso é especialmente verdadeiro quando se realizam atividades expressivas relacionadas ao elemento fogo, como a *confecção de mandalas a partir de velas derretidas*, pois elas iluminam o que existe de mais “precioso em nós”, sendo indicadas “para se trabalhar a autoconfiança e o reconhecimento de potenciais e talentos, além de ajudar a ter foco, e trabalhar o medo” (BERNARDO, 2008, p.103).

Para a realização desta atividade, primeiro se coloca em um potinho com água elementos que flutuam, como lantejoulas, glitter ou pétalas de flor; depois, vai-se

pingando a cera derretida de velas coloridas sobre a água, até toda a superfície ser preenchida. Interessante é o efeito inesperado, em geral uma agradável surpresa, ao término da atividade, como se poderá notar nas imagens colocadas a seguir, sendo a primeira, a face visível ao pingar as velas, e a segunda, a face com brilhos, a que surgiu ao se virar a mandala depois de pronta.



Figura 5 As duas faces da mesma mandala

No último encontro, comparando a mandala de velas com os demais trabalhos realizados, **Macela** comentou: *“E essa aqui - a mandala de vela - foi a que mais mexeu com o meu pensamento! Nas outras, eu sabia que ia dar em alguma coisa. Sabia o que ia dar, de alguma forma ia ocorrer, chegar em algum lugar.. Mas aqui eu não sabia, então, pra mim, foi uma surpresa muito grande. Me contrariou. [...] Não, não me incomodou, me surpreendeu! Jamais eu imaginei que o que eu achava que ia sair em cima, saiu embaixo!”* (sic)

O **quinto encontro**, com o tema *Resgatando a própria história*, teve o objetivo de identificar o processo de desenvolvimento pessoal. Encaminhando-se para o final do processo arteterapêutico é importante que se comece a propor um olhar a respeito do caminho percorrido pelos participantes, para que obtenham maior consciência dos ganhos advindos da experiência; assim, “as atividades propostas nos últimos encontros devem

favorecer uma crescente assimilação e síntese do que foi vivenciado” (BERNARDO, 2008, p.151).

A história de *Fátima, a fiandeira* (MACHADO, 2004), escolhida como sensibilização fala dessa filha de fiandeiros que aos 18 anos, acompanhando o pai em viagem de navio e sonhando encontrar “o bom moço, de família honrada e digno de se casar com ela”, foi a única sobrevivente de um naufrágio, indo parar numa praia distante. A partir daí, começam as suas aventuras e desventuras: por várias vezes algo acontece que faz com que perca tudo e se veja sozinha novamente. Porém, a cada recomeço, aprendeu uma nova habilidade além de fiar, como tecer e fabricar mastros de navio. Por fim, já muito revoltada com a própria sorte, chegou à China, onde ficou sabendo da profecia de que uma estrangeira um dia chegaria e faria a mais bela tenda para o imperador. Ofereceu-se para tentar, mas, não encontrando os materiais adequados, lembrou-se dos ofícios aprendidos e de todas as terras por onde passara e construiu uma belíssima tenda para o imperador, que muito agradecido, lhe prometeu o que quisesse. Fátima desejou apenas morar ali e recomeçar a vida. Algum tempo depois, conheceu “o bom moço de família honrada”, com quem se casou e teve filhos a quem sempre dizia que tudo o que lhe parecera desgraça quando aconteceu, contribuiu para sua felicidade final.

Segundo Bernardo (2008), entrar em contato com histórias favorece que se consiga ter um distanciamento da realidade atual e se obtenha um olhar mais amplo a respeito do caminho de vida percorrido, dando novo sentido ao que já foi vivido e enxergando novas saídas para os conflitos enfrentados. Simbolicamente, as histórias estão relacionadas aos fios e linhas, por isso, trabalhos com costura, tecelagem e fios, como a *confecção do panô* podem ser especialmente indicados para proporcionar essa visão ampla de si mesmo e das próprias experiências.

Os relatos transcritos a seguir ilustram como os participantes se identificaram especialmente com a protagonista da história narrada, comparando as atitudes e experiências vividas por ela com as suas próprias.



Figura 6 Um dos panôs produzidos

Erva-doce: *“Você sabe que de todas as histórias, a que mais mexeu comigo foi essa última? Eu penso nela, mexe muito comigo... E no meu trabalho eu tentei reproduzir a história; foi como se a Fátima estivesse muito dentro de mim. Sabe, eu sentia a Fátima dentro de mim.”* (sic)

Macela: *“... de todas as histórias, essa última história, acho até que você deixou de propósito para o final. Porque essa história é uma história de conquista, de vitória. Você passa por muitas coisas e você lutou, lutou e progrediu. Cai aqui, levanta, cai e você conseguiu levantar com dificuldade e tá aí o teu progresso. Eu já passei por muitas situações difíceis, mas eu não desisto nunca. Eu caio lá no fundo, mas eu sei que vou levantar. Existe sempre uma luz no fim do túnel, né?”* (sic)

Hortelã: *“A história, ela tem assim, um pouco a ver com a minha vida. Mas eu queria ter a coragem que ela teve, porque às vezes a gente acaba se limitando. Você vai*

até um certo limite, a gente fica com medo, não sei, de ir mais pra frente. Eu meio que me limito, não vou mais porque eu acho que não dá. E talvez, se eu persistisse, né?” (sic)

Sálvia: *“Eu achei que fosse uma coisa cansativa, a costura. Mas eu falei: eu preciso aceitar também. Mesmo que seja uma coisa cansativa eu tenho que participar. Ela (a personagem) persistiu. Não desistiu. Ah, eu sou muito persistente. Apesar de eu não saber costurar nada, eu fui fazendo. Eu sou uma pessoa que não desisto fácil, não. É, quando eu quero uma coisa eu luto. Se não conseguir de tudo, eu dou um tempo, sabe? Vai chegar a hora!” (sic)*

O **último encontro** deve ser destinado para a retomada e avaliação do caminho trilhado, em que as pessoas têm a oportunidade de olhar e comentar sobre todos os trabalhos realizados, refletindo sobre o que vivenciaram e aprenderam durante o processo arteterapêutico. Para que os participantes possam ter essa visão do conjunto e um novo olhar sobre o que produziram, utiliza-se a estratégia de os trabalhos ficarem em poder do coordenador, só sendo vistos novamente neste momento. (BERNARDO, 2008).

Assim ocorreu nos grupos estudados: quando os participantes entraram na sala para a última reunião, encontraram dispostas sobre a mesa as caixas que construíram na primeira oficina, com todos os seus trabalhos dentro delas. Cada pessoa pôde rever o que fez como se fosse algo conhecido, mas, ao mesmo tempo novo, lembrando a ocasião em que cada um dos trabalhos foi confeccionado e a história associada a ele. Puderam ter novo olhar, descobrindo elementos que não foram colocados intencionalmente e aspectos antes não percebidos, mas que ficaram claros depois do processo concluído. Naturalmente, os participantes começaram a comentar as lembranças e experiências, cada um observando os seus e os outros trabalhos, num momento de interação e troca muito rico!

“Os trabalhos realizados são um retrato desse processo, e a pessoa precisa conseguir se enxergar nesse retrato, reconhecendo sua nova face, transformada pela ampliação de seu autoconhecimento” (BERNARDO, 2008, p.152)

A seguir, transcrevo trechos das reflexões dos participantes que ilustram o que foi dito acima: a possibilidade de reconhecer novos aspectos em si e a ampliação do autoconhecimento a partir da observação dos trabalhos e vivência do processo arteterapêutico.

Alecrim: *“Ah, eu gostei. Cada um tem uma característica diferente, né? Então, o resultado surpreendeu e tem muita ligação com as histórias. Então, dá pra refletir legal. Eu refleti bastante sobre esse aqui (apontando o “olho de Deus”), que foi o trabalho em grupo, cada um fez um pouquinho, né? Eu acho que é meio assim mesmo, né? Trazendo pro ambiente profissional, o dia inteiro a gente depende de um parceiro, de um amigo, de um profissional seja qual for o setor, né? E acho que é super bacana quando você vê o resultado, né? Se dependesse de mim só não tinha saído assim.” (sic)*



Figura 7 Trabalhos realizados por Camomila

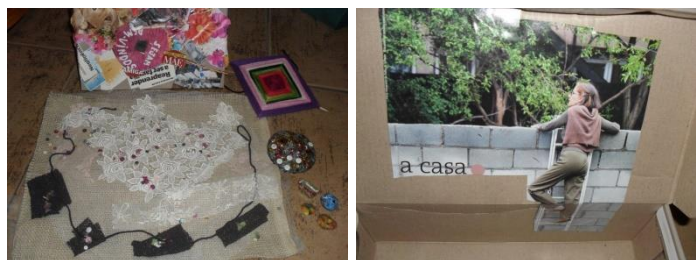


Figura 8 Trabalhos realizados por Erva-doce

Camomila: *“Gostei muito da caixa, porque, da gente falar da gente assim, o que é que é importante. É legal a gente parar para refletir, né? Então, através da caixa parece que a gente pode olhar um pouco da gente. O que é importante pra mim. Achei bem interessante a gente se olhar assim, refletir, dar valor ao que a gente tem, né? [...] Gostei*

da pedra também. A gente aprender a lapidar os nossos problemas, aprender com eles. Do “olho de Deus”, a união da gente, todo mundo tem uma participação, né? É um pouquinho de cada um que a gente leva com a gente. Ficou mais lindo ainda! Da velinha, que foi uma coisa diferente, a gente não sabia mesmo o que ia sair isso. Então, cada pinguinho, a paciência, saiu um trabalho bonitinho. E a baguncinha aqui, que parece que é um pouco de tudo, né? Que a nossa vida também às vezes é assim, um pouco misturado. Acho que é bem de reflexão da nossa vida esses trabalhos.” (sic)

Erva-doce: *“Eu acho que essa caixa continua tendo muito a ver comigo. Eu acho que era aquele momento, continua sendo o momento, mas uma imagem que está me chamando muito a atenção, diferentemente daquela vez, é a da escada, de parar, de olhar, do muro e de ver coisas mais concretas, de estar fazendo, eu acho que parece que isso, durante essas semanas, acabou fortalecendo de tal maneira que, por incrível que pareça, eu avancei muito nas questões de poder falar, de abrir mais, de estar colocando, verbalizando e deixar de ver as coisas acontecerem por detrás do muro, ficar passando. Parece que deu uma fortalecida. [...] parece que acabou tendo um movimento interno. [...] E essa figura desse leão! Eu estou começando a ver a leoa que eu realmente sou! Eu acho que eu tenho uma força, gente! Eu acho que estou me vendo agora! Eu acho que essas semanas, realmente, elas pra mim foram muito importantes. Eu acho que na questão mesmo de parar, de refletir, de parar um pouco, de pensar, não só fazer por fazer, mas trazer essas reflexões para o dia-a-dia!” (sic)*

Concluindo, tanto na reunião de fechamento do processo arteterapêutico, como nas entrevistas individuais realizadas e analisadas posteriormente, os funcionários do ambulatório ressaltaram a importância da sua realização, tanto para si mesmo quanto para toda a equipe.

Ele refere ter vivido momentos de descontração, em que pode desligar-se do trabalho e espairar, repondo suas energias, como nas palavras de **Alecrim**: *“E essa pausa, nas nossas reuniões, das atividades, fez com que a gente... pare, né? Porque é uma pausa (no trabalho) que você consegue repor as energias, né? A questão de dar um tempo pra si também, né? É muito bom você parar aquele tempo ali e fazer. Descansar um pouco, pensar um pouco em si, não somente nas metas, objetivos ou nas outras pessoas, né?”* (sic)

Além disso, a participação nas oficinas permitiu que pudesse falar e ouvir a respeito de questões pessoais, passando a compreender e relacionar-se melhor com os colegas. Como relata **Camomila**, *“Foi um momento de conhecer a outra pessoa, né? De estar em outro momento, porque não tinha tempo pra conhecer a outra pessoa. Então, foi bem legal conhecer melhor as outras pessoas que estavam fazendo com a gente.”* (sic)

Alecrim concorda com a importância da interação com os membros do grupo: *“porque você percebe que, quando você conversa e tudo mais, você chega a ideias novas, né? Percebe soluções para problemáticas do dia-a-dia, do trabalho, da vida pessoal. O diálogo, ele é muito importante, né? Porque a gente aprende muito com as pessoas. Todo mundo tem algo de bom pra oferecer.”* (sic)

Para o profissional de Saúde, participar do processo de Arteterapia se revelou uma experiência surpreendente e gratificante, proveitosa e relaxante, momento em que pode pensar em si e, ao mesmo tempo, olhar para os colegas, enfim, “uma pausa para respirar” no meio da sua rotina atribulada, como mostram os depoimentos a seguir:

Melissa: *“Deu uma relaxada. Eu achei muito importante porque assim, quando nós vínhamos participar das reuniões, eu acho que no final, dava aquela sensação de alívio.”*

Como se amenizasse. Senti isso em todas as colegas, todas! Você percebe que era geral. Esse trabalho dá mais tranquilidade, né?” (sic)

Alecrim: *“Ah, aprendi essa questão de ter de separar um tempo pra mim, ter que dar uma pausa também, né? Mudar um pouquinho a rotina, porque faz diferença, a questão da saúde. Então, uma hora a gente tem que parar, tem que descansar, porque senão você não aguenta, né? Não só o psicológico, mas o físico também.” (sic)*

Erva-doce resume o sentido da experiência: *“Eu nunca imaginei que trouxesse todos os benefícios que trouxe, tanto como profissional, tanto aqui, no Cruz de Malta como enfermeira, como pessoal. Eu não esperava! Eu não esperava que ia aparecer tanta coisa. Não esperava que iam sair coisas bonitas. Não esperava que o grupo estaria tão junto. É uma coisa, porque você está lidando com sentimentos o tempo todo. Eu não imaginava! Não imaginava que em tão pouco tempo, tão pouco, quanta coisa, quantas mudanças! E mudanças boas!”* E enfatiza a necessidade desta intervenção: *“Eu acho que para a enfermagem, não, eu acho que para todos, para todas as áreas que lidam com pessoas, que lidam com problemas, com doenças. Eu acho que é extremamente importante esse suporte.” (sic)*

Enfim, concluo meu relato com a certeza de que a Arteterapia é sim, uma alternativa muito eficaz e viável para melhorar a condição e promover o bem-estar do profissional de saúde, constituindo-se numa forma preventiva de cuidado, interferindo positivamente tanto em seu equilíbrio emocional, como na qualidade dos seus relacionamentos, o que se traduz numa vida mais saudável em todos os sentidos.

Data de recebimento: 26 de Outubro de 2015.

Data de aceite: 30 de Novembro de 2015.

Referências

- BECK, Carmem Lúcia Colomé; LEOPARDI, Maria Tereza. Da banalização do sofrimento à sua resignificação ética na organização do trabalho. **Rev. bras. enferm.**, Brasília , v. 55, n. 5, Oct. 2002. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672002000500021&lng=en&nrm=iso>. access on 25 Feb. 2015. <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-71672002000500021>
- BERNARDO, P. P. **A Prática da Arteterapia - Correlações entre temas e recursos. Vol. I: Temas centrais em Arteterapia.** São Paulo: Edição da Autora, 2008.
- BERNARDO, P. P. **A Prática da Arteterapia - Correlações entre temas e recursos. Vol. II: Mitologia Indígena e Arteterapia: a arte de trilhar a roda da vida.** São Paulo: Edição da Autora, 2009.
- BERNARDO, P. P. **A Prática da Arteterapia - Correlações entre temas e recursos. Vol. V: A alquimia nos contos e mitos e a Arteterapia: criatividade, transformação e individuação.** São Paulo: Edição da Autora, 2010a.
- BERNARDO, P. P. **A Prática da Arteterapia - Correlações entre temas e recursos. Vol. IV: Arteterapia e Mitologia Criativa: orquestrando limiares.** São Paulo: Edição da Autora, 2010b.
- BORGES, J. L. **Borges oral & Sete noites.** São Paulo: Companhia das Letras; 2011.
- GEBRIM, P. **Palavra de Criança – Coisas que você pode aprender com sua criança interior.** São Paulo: Pensamento, 2013.
- JUNG, C. G. **Sincronicidade.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- MACHADO, R. **O Violino cigano – e outros contos de mulheres sábias.** São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- MCKEE, D. **A Montanha e a Pedra.** São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- MEDEARIS, A. S. **Os sete contos – um conto de Kwanzaa.** São Paulo: Cosacnaif, 2005.
- MININEL V. A.; BAPTISTA P. C. P.; FELLI, V. E. A. **Cargas psíquicas e processos de desgaste em trabalhadores de enfermagem de hospitais universitários brasileiros.** Rev. Latino-Am. Enfermagem [Internet]. mar-abr 2011 [acesso em: 30/11/2011];19(2): [09 telas]. Disponível em: <http://www.scielo.br>.
- PAGLIARI J., COLLET N., OLIVEIRA B. R. G., VIERA C. S.. **Sofrimento psíquico da equipe de enfermagem na assistência à criança hospitalizada.** Revista Eletrônica de Enfermagem [Internet]. 2008;10(1):63-76. Available from: <http://www.fen.ufg.br/revista/v10/n1/v10n1a06.htm>
- SOARES, H. L. R.; CUNHA, C. E. C. **A síndrome do "burn-out": sofrimento psíquico nos profissionais de saúde.** **Rev. Dep. Psicol.,UFF**, Niterói , v. 19, n. 2, Dezembro 2007. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-



80232007000200021&lng=en&nrm=iso>.

acesso 23 Fev. 2015. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-80232007000200021>.

Resenha

ARTETERAPIA PARA TODOS

Eneas Carlos Pereira¹⁷

Publicação: COLAGRANDE, C. (Org.) **Arteterapia para todos**. Rio de Janeiro: WAK, 2015.

Claudia Colagrande, artista plástica e experiente arteterapeuta, dona de grande sensibilidade nos brinda com mais uma obra literária voltada para a Arteterapia.

Depois de *Arteterapia na Prática, Diálogos com a Arte Educação* chega até nós o seu novo livro; *Arteterapia Para Todos, A Prática Arteterapêutica e sua Diversidade*; lançado – assim como o primeiro - pela Editora WAK.

Organizadora e idealizadora da obra, Claudia Colagrande convidou seis outras arteterapeutas e juntas desenvolveram 7 diferentes artigos, cada um voltado para a área de atuação da profissional convidada. Por meio da leitura dos mesmos, mergulhamos na diversidade de contextos propostos e abrangidos pela arteterapia, sejam eles educacionais, empresariais ou na área da saúde física e emocional.

Assim, o livro nos traz a oportunidade de conhecer profundos trabalhos realizados em ateliê terapêutico, hospitais, escolas, junto a idosos e crianças institucionalizadas, clínicas e até mesmo no combate ao estresse ocupacional forense.

¹⁷ Autor, dramaturgo e roteirista de cinema e televisão. E-mail: eneascarlos@gmail.com.
Revista de Arteterapia da AATESP, vol. 6, n. 2, 2015. - ISSN 2178-9789

Cada capítulo apresenta uma experiência profunda e especial, expressando a força de transformação e cura que a Arteterapia pode ter, surpreendendo-nos com todo o seu poder de ampliar consciências e promover novas maneiras de relação com o mundo.

Mas a leitura dessa obra não para por aí. Ela propõe também uma instigante viagem ao universo das múltiplas possibilidades de transformação humana a partir da arte e do autoconhecimento.

Arteterapia para Todos, A Prática Arteterapêutica e sua Diversidade é uma obra que nos faz olhar a arteterapia de um modo mais amplo e comprova essa prática tem ajudado inúmeras pessoas nos mais diferentes setores da sociedade e da saúde pública.

Data de recebimento: 26 de Outubro de 2015.

Data de aceite: 20 de Dezembro de 2015.

NORMAS PARA PUBLICAÇÃO

1. A Revista de Arteterapia da AATESP recebe trabalhos encomendados ou remetidos espontaneamente pelos autores para publicação nas seguintes seções: artigos originais que inclui artigos de pesquisa, artigos de revisão teórica e relatos de experiência; ensaios, de cunho ensaístico, opinativo, acerca de assuntos de discussão contemporânea ou que se almeje discutir; resenhas e resumos de monografias, dissertações e teses. Os textos encaminhados para a seção de artigos originais serão avaliados às cegas por membros do Conselho Consultivo, enquanto que os demais textos serão avaliados pelos membros do Conselho Editorial.
2. Os artigos e ensaios devem conter no máximo 20 páginas, incluindo as referências bibliográficas; as resenhas, 4 páginas; e os resumos de monografias, dissertações e teses, 1 página.
3. Os artigos situados dentro da categoria “Relato de Experiência” só poderão ser submetidos por profissionais arteterapeutas ou estudantes de Arteterapia credenciados às Associações Regionais de Arteterapia filiadas à UBAAT – www.ubaat.org.
4. O autor deve enviar o trabalho para o e-mail textos.aatesp@gmail.com, em extensão “.doc”, com fonte Arial, tamanho 12, formato A4, com margens de 2 cm e espaçamento duplo. As referências devem ser inseridas ao final do texto e as notas de rodapé devem se restringir àquelas efetivamente necessárias.
5. Os artigos devem ser acompanhados de resumos, com até 200 palavras, além de um mínimo de 3 Palavras-chave. O título, o resumo e as Palavras-chave devem ser apresentados em português e inglês.
6. No envio do trabalho, o autor deve encaminhar arquivo com carta assinada em formato “.jpg” ou “.pdf”, explicitando a intenção de submeter o material para publicação na Revista Arteterapia da AATESP, com cessão dos direitos autorais à Revista.
7. O nome do autor ou quaisquer outros dados identificatórios devem aparecer apenas na página de rosto. O título deve ser repetido isoladamente na primeira página iniciando o texto, seguido do resumo e Palavras-chave, conforme instruções do item 6.
8. O autor deve anexar, na página de rosto, seus créditos acadêmicos e profissionais, além do endereço completo, telefone e e-mail para contato.
9. Não deve haver ao longo do texto ou no arquivo do artigo qualquer elemento que possibilite a identificação do(s) autor(es), tais como papel timbrado, rodapé com o nome do autor, dados no menu “Propriedades” do Word.
10. O conteúdo do trabalho é de inteira responsabilidade do autor.

PROCEDIMENTOS DE TRAMITAÇÃO DOS MANUSCRITOS

A partir do recebimento do trabalho, é feita uma verificação inicial do mesmo pela Comissão Editorial, relativa ao cumprimento das Normas de Publicação estabelecidas pela Revista. O não cumprimento das mesmas implica na interrupção do processo de avaliação do manuscrito.

Após essa primeira etapa, o trabalho é enviado a dois pareceristas, sendo que neste processo de avaliação nem autor e nem os pareceristas são identificados. A Comissão Editorial fica responsável por todo o processo de comunicação com o autor e com os pareceristas. Em caso de impasse quanto aos pareceres recebidos, a Comissão Editorial se encarregará de chegar a uma decisão final.

Quanto ao parecer, o trabalho encaminhado pode ser:

- Aprovado;
- Aprovado com necessidade de reformulações;
- Reprovado.

Cabe ao autor decidir se aceitará ou não as orientações para reformulações do trabalho encaminhado, no caso das mesmas serem sugeridas, lembrando que a não reformulação implica no não aceite final para publicação na Revista.

ROTEIRO PARA ELABORAÇÃO DE PARECER

Será utilizado para o parecerista o seguinte roteiro de apreciação e avaliação dos trabalhos:

1. O trabalho encaminhado se enquadra na linha editorial da revista?
2. O trabalho corresponde a uma contribuição significativa para publicação na Revista, tendo em vista a linha editorial da mesma?
3. O trabalho encaminhado especifica claramente tema e objetivo?
4. No caso de artigo, o resumo e as Palavras-chave são objetivos e fidedignos à proposta apresentada?
5. O trabalho cita bibliografia significativa e atualizada para o desenvolvimento do tema?
6. O trabalho faz referências bibliográficas conforme normas da Revista?
7. O trabalho realiza coerentemente seu objetivo?
8. Há erros de compreensão dos autores citados?
9. Há erros nas citações utilizadas?
10. O objetivo declarado é atingido?
11. O material deve ser revisado em termos estilísticos, ortográficos e gramaticais?
12. O texto é aceitável para publicação? Em caso positivo, especificar se: em sua forma atual; com necessidade de reformulações;

REFERÊNCIAS e CITAÇÕES

Os trabalhos devem seguir orientações estabelecidas pela norma NBR-6023 da ABNT, quanto a:

a) Referências bibliográficas. Exemplos:

Livros

RHYNE, J. **Arte e Gestalt: padrões que convergem**. São Paulo: Summus, 2000. 279p.

Capítulos de livros

NOGUEIRA, C. R. Recursos artísticos em psicoterapia. Em: CIORNAI, S. **Percursos em arteterapia: arteterapia gestáltica, arte em psicoterapia, supervisão em arteterapia**. São Paulo: Summus, 2004. p. 219-223.

Dissertações e teses

VALLADARES, A. C. A. **Arteterapia com crianças hospitalizadas**. Ribeirão Preto, 2003. Dissertação (Mestrado em Enfermagem Psiquiátrica) – Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo.

Artigos de periódicos

BERNARDO, P. P. Oficinas de criatividade: desvelando cosmogonias possíveis. **Revista Científica Arteterapia Cores da Vida**, v. 2, n. 2, p. 8-23, 2006.

Trabalho de congresso ou similar (publicado)

SEI, M. B. e GOMES, I. C. Family art therapy and domestic violence: a proposal of intervention. In: IARR Mini Conference, 2005. **IARR Mini-Conference Program-Abstracts**. Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, 2005. p. 23-23.

b) Citações de autores no decorrer do texto (NBR 10520/2002)

Citações são elementos extraídos de documentos pesquisados e indispensáveis para a fundamentação das ideias desenvolvidas pelo autor. As citações podem ser diretas e indiretas.

A forma de citação adotada pela Revista será o sistema **autor-data**. Neste sistema a indicação da fonte é feita: pelo sobrenome de cada autor ou nome de cada entidade responsável, seguido(s) da data de publicação do documento e da(s) página(s) da citação, no caso **de citação direta**, separados por vírgula e entre parênteses. Exemplos: “Centrando o interesse na Arteterapia como

prática complementar, procurou-se aplicá-la no atendimento a enfermos hospitalizados.” (VALLADARES, 2008, p. 81)

Ou,

Valladares (2008) explica que “Centrando o interesse na Arteterapia como prática complementar, procurou-se aplicá-la no atendimento a enfermos hospitalizados” (p.81).

Citações diretas com menos de três linhas devem vir entre aspas duplas, no próprio corpo do texto. Exemplo:

Allessandrini (1996) aponta que “a expressão artística pode proporcionar ao homem condições para que estabeleça uma relação de aprendizagem diferenciada” (p. 28).

Citações diretas com mais de três linhas devem ser restritas ao mínimo necessário e não exceder 10 linhas. Quando utilizadas devem figurar abaixo do texto, com recuo de 4 cm da margem esquerda, com letra 10 e sem aspas.

Exemplo: Goswami (2000) explica que:

nós não podemos desenvolver uma identidade-ego sem a criatividade. Quando crianças, somos naturalmente criativos, na medida em que vamos descobrindo a linguagem, a matemática, o pensamento conceitual, as habilidades, e assim por diante. Na medida em que nosso repertório de aprendizado cresce, nossa identidade-ego cresce também. (p. 67)

Citações indiretas devem traduzir com fidelidade o sentido do texto original do texto e geralmente tratam de comentários sobre ideias ou conceito do autor. São livres de aspas e não precisam de página. Exemplos:

De acordo com Freud (1972) os processos primários acham-se presentes no aparelho mental desde o princípio.

Ou,

Os processos primários acham-se presentes no aparelho mental desde o princípio (FREUD, 1972).

Não se indica a inserção de notas de rodapé, que devem se restringir ao mínimo necessário. São digitadas dentro das margens ficando separadas do texto por um espaço simples de entrelinhas e por filete de 3 cm a partir da margem esquerda.